

www.revistacanauiros.com.br

Novembro 2017 - N. 137 - Ann XI

Revista

CANAVIEIROS

A força que movimenta o setor



SICOBOCOERED

Tiragem auditada por
MOORE STEPHENS

Leia edições anteriores,
por computador e leitor
QR, sobre seu celular.



Os novos super-heróis

*Chegou o momento que o setor
vai "salvar" o mundo*



Entrevista:
Carlos Alberto
Sardenberg
"Polarizar é manter a
crise"



Especial:
Roberto Rodrigues
"A vida como
ela é"



**Cigarrinhas
das Raízes**
Cuidado com elas!

**Danos
com broca?**

**AMPLIGO,
ação imediata e por
muito mais tempo.**

img/123456789

 **Ampligo®**

syngenta.

Restrição de uso no Estado da Paraíba.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte constantemente as embalagens e os restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use equipamentos e siga rigorosamente as instruções corretas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDE SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br



SOBRE SUPER-HERÓIS E HERÓIS DE VERDADE

A reportagem de capa da edição de novembro de 2017 da Revista Canavieiros utiliza uma metáfora para resumir qual será a função das pessoas envolvidas com o setor agroenergético depois que o Renovabio, programa de incentivo aos biocombustíveis, for aprovado pelo Congresso Nacional. A matéria mostra a diferença entre os super-heróis e os heróis de verdade. Diferente da ficção, os super-heróis humanos não vestem capas ou cintos com poderes especiais, mas todos os dias de manhã calçam botinas (rurais ou de segurança industrial). Eles não se locomovem voando, mas no meio dos canaviais.

Os responsáveis por salvar o mundo possuem força para entortar ferros e fazer máquinas tão grandes quanto os transformes, eles também têm o poder de identificar e combater perigosos seres que habitam o fundo da terra, têm os heróis que conseguem dominar o vapor. Nessa liga ainda existe uma verdadeira legião de magos: os mestres dos cálculos, do crescimento e das reações químicas, além de líderes que possuem o poder de unir, organizar e potencializar essa gigantesca gama de poderes para transformar a luz do sol em energia que vai destruir o maior vilão que já ameaçou a humanidade, o Efeito Estufa.

Leia nossa reportagem e fique sabendo de exatamente tudo sobre o Renovabio!

A Revista Canavieiros de novembro traz um conteúdo exclusivo de informações do setor agroenergético e novidades em duas editoriais: “Antes da Porteira” e “Especial”. A primeira foi criada para retratar a vida de cooperados e associados dentro de suas propriedades, onde a diversidade de atividades permite renda alternativa em períodos de dificuldades de uma cultura. Já a editoria “Especial” vai abordar assuntos e pessoas que fazem a diferença para o agronegócio do país. E, para iniciarmos com

“chave de ouro”, quem abrilhanta nossa primeira reportagem dessa série é o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

Vale a pena conferir sua trajetória de vida e profissional!

O entrevistado do mês é um dos maiores jornalistas econômicos do país, Carlos Alberto Sardenberg, que concedeu entrevista exclusiva à Revista Canavieiros, onde deixou claro o quanto a qualidade baixa dos políticos atrapalha o processo de recuperação econômica do país e o risco de se perder o pouco que escalamos, em relação ao fundo do poço, se tivermos nas eleições de 2018 resultado tão catastrófico como o de 2014. Sardenberg participou do VI Encontro de Gerentes do Sistema Copercana, Canaoste e Sicoob Cocred, evento que o leitor encontra a cobertura completa nesta revista.

É claro que a revista também contempla as Informações Climáticas, a coluna Caipirinha (assinada pelo professor Marcos Fava Neves), os Artigos Técnicos, Pragas e Doenças (que está retratando a Cigarrinha-das-Raízes), os Assuntos Legais, além do Classificados e Dicas de Leitura e Gramática. Editoriais fixas que o leitor já está acostumado a ler.

E para os “Destaques” nossa equipe de reportagem se deslocou para diversas cidades do país, se informando de tudo que envolve a cadeia de cana-de-açúcar para retratar nesta revista as melhores e as mais confiáveis informações.

Confira os eventos com a participação da Revista Canavieiros: Biofuture Summit 2017; 2ª Reunião Canaplan 2017; Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio; Conferência Datagro sobre Açúcar e Etanol; 6º Fórum Nacional de Agronegócio do LIDE; NovaCana Ethanol Conference; e Seminário sobre Etanol Eficiente. Ufa! É muita informação...

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Eduardo Toniolo
Augusto César Strini Paixão
Clóvis Aparecido Vanzella
Manoel Carlos de Azevedo Ortolan
Manoel Sérgio Sicchieri
Oscar Bisson

EDITORA:

Carla Rossini - MTb 39.788

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Rodrigo Moisés

EQUIPE DE REDAÇÃO E FOTOS:

Diana Nascimento, Fernanda Clariano, Marino Guerra e Rodrigo Moisés

COMERCIAL E PUBLICIDADE:

Rodrigo Moisés
(16) 3946-3300 - Ramal: 2305
rodrigomoises@copercana.com.br
comercial@revistacana.com.br

IMPRESSÃO:

São Francisco Gráfica e Editora

REVISÃO:

Luéli Vedovato

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:

21.500 exemplares

ISSN:

1982-1530

Conselho Editorial

A Revista Canavieiros é distribuída gratuitamente aos cooperados, associados e fornecedores do Sistema Copercana, Canaoste e Sicoob Cocred. As matérias assinadas e informes publicitários são de responsabilidade de seus autores. A reprodução parcial desta revista é autorizada, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO DA REDAÇÃO:

A/C Revista Canavieiros
Rua Augusto Zanini, 1591
Sertãozinho - SP - CEP: - 14.170-550
Fone: (16) 3946.3300 - (ramal 2008)
redacao@revistacana.com.br

www.revistacana.com.br

www.twitter.com/canavieiros

www.facebook.com/RevistaCanavieiros





Capa

Ano XI - Edição 137
Circulação mensal

SUMÁRIO

Novembro 2017

Revista Canavieiros

A força que movimenta o setor

05. ENTREVISTA: "POLARIZAR É MANTER A CRISE"

Carlos Alberto Sardenberg, concedeu entrevista exclusiva à Revista Canavieiros, durante o VI Encontro de Gerentes do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred.

08. PONTO DE VISTA: "URGÊNCIA PARA O RENOVABIO"

Arnaldo Jardim é secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

14. NOTÍCIAS COPERCANA: ENCONTRO DE EFICIENTES

Alertas e dicas de como fazer uso da eficiência e empatia foram os dois brindes mais valiosos entregues no VI Encontro de Gerentes do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred.

46. ESPECIAL: "A VIDA COMO ELA É, POR ROBERTO RODRIGUES"

Uma vida muito diferente daquela narrada pelo cronista carioca, porém tão interessante quanto.

E MAIS:

26. NOTÍCIAS CANAOESTE: A CANAOESTE E O CÁLCULO DE CUSTOS

Associação é parceira do produtor na assessoria para ele mensurar de maneira mais eficiente o seu resultado no final da safra.

114. ARTIGO TÉCNICO: VAMOS CONHECER?

Colheita mecanizada de cana-de-açúcar: monitoramento de perdas.



POLARIZAR É MANTER A CRISE

Carlos Alberto Sardenberg

Marino Guerra
Fotos: Rodrigo Moisés



Um dos maiores jornalistas econômicos do país, Carlos Alberto Sardenberg, concedeu entrevista exclusiva à Revista Canavieiros, onde deixou claro o quanto a qualidade baixa dos políticos atrapalha o processo de recuperação econômica do país e o risco de se perder o pouco que escalamos em relação ao fundo do poço, se tivermos nas eleições de 2018 resultado tão catastrófico como o de 2014.

Para o apresentador da Rádio CBN e Globo News, a vitória de um candidato polarizado, que estará mais focado nos discursos redigidos pelos seus marketeiros, sobre um presidente com um plano de governo claro e um plano de reformas bem definido, trará ao Brasil um forte risco de interromper a retomada do crescimento e o risco da crise voltar a bater na porta. Confira a entrevista!

Revista Canavieiros: Em um artigo publicado recentemente, você diz esperar o surgimento de um Emmanuel Macron (presidente da França, de centro, que venceu as eleições do ano passado depois de derrotar os dois candidatos favoritos no início das pesquisas) brasileiro. Você já imagina nomes?

Carlos Alberto Sardenberg: É difícil personalizar em apenas um nome, têm várias pessoas que podem tentar assumir esse papel. O fato é encontrar alguém que ocupe o centro. Hoje nós temos um cenário político polarizado, com Bolsonaro de um lado e Lula de outro, esses dois são nomes fortes e praticamente consolidados, o lado da esquerda, com a possibilidade do Lula ter sua candidatura barrada, pode abrir espaço para outros postulantes como o Ciro Gomes ou até mesmo uma figura do PCdoB, mas com menos força.

Com isso o centro está aberto, no cenário de hoje podemos identificar que o João Dória não teve sucesso em sua empreitada, o nome que aparece mais forte é do Geraldo Alckmin, porém ainda é cedo para cravar, até mesmo porque caso a economia tenha um desempenho surpreendente nos próximos meses, a força política do Henrique Meirelles pode crescer, com isso eu vejo diversos aspirantes a essa vaga.

Revista Canavieiros: Você acredita em um nome novo, de fora da política, possa ainda surgir e se tornar forte em 2018?

Sardenberg: Eu não tenho bola de cristal. Para uma campanha ser bem-sucedida você precisa encaixar um nome, ou seja, uma figura que tenha apelo, uma estrutura partidária, para ter tempo de TV e dinheiro.

Você pega o Luciano Huck, tem personalidade, tem nome, deve ter algum dinheiro, só que não tem estrutura partidária nenhuma. Você pega o João Dória, ele tem dinheiro, tem nome, mas só vai para frente se tiver estrutura partidária unida e no seu partido, o PSDB, está praticamente decidido que será o Alckmin candidato, ele

só não será se tiver um enfraquecimento muito forte, o que poderia voltar as chances para o prefeito de São Paulo, porém não acredito nisso, principalmente porque ele se perdeu muito no início da corrida.

O mais importante é que o país precisa de uma agenda de centro, clara, um plano de governo que mostre como será feita a reforma da previdência, plano de privatização, porque se o presidente se eleger através de história de marketeiro, com certeza o Brasil vai andar para trás.

Revista Canavieiros: Sobre a privatização da Eletrobrás, o texto foi como Projeto de Lei para o Congresso, sabendo que a estatal é fatiada, através de cargos, em diversos grupos políticos. Você acredita que ela corra o risco de não passar?

Sardenberg: Corre sim, pois os políticos têm interesse direto na estatal, eu já vi histórias muito tristes a esse respeito, por exemplo: pessoal de Minas Gerais dizendo que pode privatizar qualquer coisa menos Furnas, para tirar Furnas da privatização, e o mais curioso é que algumas mudanças esses grupos conseguem.

Se reparar na votação da segunda denúncia contra o Temer, o Valdemar da Costa Neto, que foi condenado, dono de pouco mais de 35 votos na Câmara, pediu para o presidente tirar Congonhas, o aeroporto mais rentável do Brasil, do programa de privatização da Infraero e o Temer tirou.

Agora também podem acontecer barganhas, o Congresso não é formado por um bando de loucos, sabem que precisam passar algumas coisas para encaminhar a economia do país, podem ser malandros, mas loucos não são, nem burros, então com certeza eles devem negociar no seguinte sentido, votam a reforma da previdência e barram a privatização, outro risco também do caso da Eletrobrás não andar é porque vamos entrar em um ano eleitoral e a privatização vai atrapalhar muitos cargos públicos ineficientes.

Revista Canavieiros: Em que ponto você acredita que o Renovabio enalhou dentro do Governo Federal?

Sardenberg: Eu não estou tanto por dentro sobre esse programa, mas olhando de longe sei que essa equipe econômica tem muita restrição para qualquer tipo de subsídio, o objetivo deles é eliminar todos os subsídios e então, mesmo sabendo que o programa não prevê a concessão de subsídios, imagino que a turma do Henrique Meirelles possa ter imposto alguns obstáculos para o andamento do projeto.

Revista Canavieiros: Você acredita que depois desses quatro anos terríveis, na próxima eleição teremos um Congresso um pouco melhor?



Foto: Rodrigo Moisés

Sardenberg: O Congresso se renova em toda eleição. Eu entrevistei o Miguel Reale Júnior e ele estava falando sobre essa renovação, que já chegou a atingir 45%. O problema é que a renovação não garante que os novos políticos sejam melhores ou até mesmo piores que do mandato passado.

Eu acho que para o ano que vem temos uma demanda muito grande na sociedade brasileira por mudanças, que ficou meio adormecida depois que derrubou a Dilma, talvez devido a uma avalanche de casos de corrupção. Acredito que no período da eleição esse sentimento acabará voltando, então a parcela da população que busca um Brasil novo, um Brasil eficiente, um país que não seja tão dependente do Estado surja e consiga ter sabedoria em escolher os seus melhores representantes.

Revista Canavieiros: O Roberto Rodrigues está trabalhando muito, inclusive está desenvolvendo um plano de governo, que poderá fazer do Brasil o maior fornecedor de alimentos para o mundo, o que se der certo, transformaria o país em uma potência do futuro, além do grande potencial que temos para desenvolvermos na questão da bioenergia. Você acha esse o caminho a ser seguido?

Sardenberg: É um caminho, mas não precisa ser o único. Você pode ter um extraordinário agronegócio, mas ser forte também na mineração. Hoje da maneira que as coisas estão integradas, se você tiver um agronegócio de altíssimo nível, automaticamente você terá uma boa indústria de máquinas e equipamentos, uma boa indústria de serviços, então ele forte gerará o desenvolvimento de um universo de outras atividades, só para mensurar isso, o tanto que ele está demandando de serviços de telecomunicações e tecnologia de informação de qualidade, e o quanto ainda vai gerar quando os tratores sem cabine invadirem as fazendas.

O segundo ponto é que não é excludente, o fato do país produzir milho não o impedirá de produzir aço, você não precisa escolher ou uma ou outra, mas ser eficiente nas duas.

O que o Roberto Rodrigues está empenhado, é que a oportunidade mais evidente é essa, que boa parte da estrutura já está desenvolvida, ou seja, já somos capazes de fazer isso e temos uma demanda mundial crescente, a população está aumentando e a renda mundial também está crescendo, o mundo está crescendo há dez anos seguidos, a população com mais renda vai querer comer mais, e o Brasil tem condições de entregar isso, nisso eu concordo com ele, que a possibilidade mais evidente é do agronegócio.

Revista Canavieiros: Você acredita que o governo Dilma poderia ter mascarado todos os deslizamentos econômicos se o Pré-Sal tivesse dado certo?

Sardenberg: Não tinha condições, o modelo estava errado, é impossível fazer a extração rentável de um lugar tão complicado como o Pré-Sal através da roubalheira generalizada como foi na Sete Brasil (empresa de investimentos criada para fazer a gestão do portfólio de ativos voltados para a exploração da camada Pré-Sal), para ter ideia foram cinco anos sem leilão, era impossível, o modelo não poderia ter dado certo em hipótese alguma.

O problema foi que demorou a perceber isso, no dia que saiu o programa de redução do preço da energia, eu disse na televisão que aquilo não iria funcionar, era claro que a barra estava sendo forçada, os reservatórios estavam baixos, com um período de seca pela frente, então o preço

era para subir e ela acabou baixando, quando você tem um insumo que é caro e vende ele barato você quebra o setor, e foi isso que aconteceu.

Toda estrutura era falha, o populismo afundou a Argentina, já havia afundado o país durante o Governo Getúlio, ele tira a pele dos pilares da economia e deixa em carne viva para sofrer de infecção e se não for tratado a tempo, morrer.

Revista Canavieiros: Como você enxerga o novo presidente do Banco Central do EUA, Jerome Powell?

Sardenberg: Acredito que ele não mudará nada, ele já fazia parte do Banco Central e sempre participou internamente em todas as eleições que definiram os presidentes das instituições nesses anos, então o vejo como uma continuidade.

Lá nos Estados Unidos, os diretores do Banco Central expõem suas opiniões com regularidade, quando eles vão para as reuniões do comitê de política monetária, dão a posição de cada um, diferente daqui que é divulgado apenas o resultado da votação, e o Jerome Powell sempre esteve alinhado com a Janet Yellen (antecessora).

Então, a interpretação que todos estão fazendo é de que há uma continuidade, significa que o programa focado em uma alta gradual de juros a partir de dezembro deverá ser mantido, o que fortalece o dólar, desvaloriza as demais moedas, mas isso já é esperado pelo mundo todo. 



cnaoeste.com.br | facebook.com/cnaoeste

CANAOESTE, você em boas mãos!

Representatividade política aliada à assistência técnica agronômica, jurídica e ambiental.

Rua Dr. Pio Duffles, 532 - Fone: (16) 3946.3316
Sertãozinho, SP





URGÊNCIA

para o RenovaBio

*Araldo Jardim

A aprovação e posterior implantação do RenovaBio ampliará a produção de etanol de 30 bilhões de litros para 50 bilhões de litros por safra, substituindo até 55% do uso da gasolina e até 20% do diesel fóssil pelo biodiesel. Isso está perto de se tornar uma realidade. No último dia 22 de novembro, a Câmara Federal aprovou, por 299 a 9 votos, o regime de urgência para a tramitação do Projeto de Lei nº9.086/17, que cria esse sistema tão importante para a sociedade atual.

A decisão dos parlamentares significa que o projeto será votado sem a necessidade de aprovação nas comissões, e representa um sinal positivo com relação à expectativa de que siga para apreciação pelo Senado.

Ao participar, nesta semana, do 10º Congresso Nacional de Bioenergia, que reuniu grandes lideranças do setor em Araçatuba, defendi que a partir do RenovaBio será possível constituirmos de forma mais ágil uma legislação que estabeleça políticas públicas de médio prazo de incentivo à produção e uso dos biocombustíveis.

O RenovaBio nos trará a oportunidade de redefinir toda a atual estrutura da matriz energética, fazendo com que as

políticas públicas se adequem a novos conceitos, que sejam estáveis e duradouros. O setor de geração de energia está maduro o suficiente para encarar essas mudanças, revitalizando toda a cadeia produtiva e reafirmando a liderança mundial em biocombustíveis.

Até 2030, a estimativa é de que o RenovaBio impulse um investimento de R\$ 500 bilhões, com a geração de mais de um milhão de novos empregos. Representará uma verdadeira mudança positiva aos 1.600 municípios brasileiros que cultivam a cana-de-açúcar, atividade que está presente em 330 das 645 cidades paulistas.

A utilização dos biocombustíveis deverá representar uma economia de US\$ 45 bilhões em importações para o Brasil. Com a produção de mais 54 bilhões de litros de etanol, o dobro do que hoje é gerado, a emissão de CO2 será reduzida de 166 para 45 gramas de CO2 equivalente por quilômetro (g CO2 e/Km).

Sem dúvida, trará ganhos a toda a cadeia produtiva e ao meio ambiente, contando com o pleno apoio do governador Geraldo Alckmin, que assinou um manifesto demonstrando, ao lado de cerca de 20 entidades representativas da sociedade produtiva, ser favorável ao



aumento do uso dos combustíveis verdes na matriz energética brasileira.

O RenovaBio é a resposta para a retomada de um ritmo forte e sustentável de crescimento. Não há dúvidas dos benefícios que representará à matriz energética, ganhos ambientais, sociais e econômicos que se estendem por toda a cadeia produtiva. Estamos confiantes de que aprovação no Senado para que tramite rapidamente. O Brasil tem todas as condições favoráveis para assumir seu papel de protagonista na criação de uma economia sustentável.

Vamos em frente!

**Araldo Jardim é secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo*



CABE NO SEU BOLSO, CABE NA SUA VIDA.

Consórcios Sicoob Cocred, o investimento que transforma seus sonhos em realização

Só uma cooperativa financeira que é parceira de verdade, oferece as taxas de administração mais competitivas do mercado e propostas que cabem no seu orçamento. Procure o seu gerente e faça um bom negócio.



Saiba mais em cocred.com.br



MUDE DE ENDEREÇO

- Compre imóveis residenciais, comerciais ou rurais (novos e usados)
- Até 200 meses para pagar
- Use seu FGTS para amortizar o saldo devedor ou para dar um lance no consórcio de imóveis



TROQUE DE CARRO

- Escolha a marca e o modelo do seu próximo veículo
- Até 75 meses para pagar



FAÇA ACONTECER

- Contratação de qualquer serviço com nota fiscal: procedimentos cirúrgicos e estéticos, viagens, cursos, festas e decoração
- Até 36 meses para pagar
- Cartas de crédito entre R\$7,5 mil e R\$32 mil



O que aconteceu com nosso agro?

Na segunda projeção da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) para a safra 2017/18, estima-se uma produção entre 223,3 a 227,5 milhões de toneladas, sendo 4,4 a 6,2% menor que a atual safra recorde. A área deve seguir crescendo quase 2%, atingindo entre 61 a 62 milhões de hectares. É esperada uma perda de produtividade entre 5 a 10%, principalmente por questões climáticas favoráveis que podem não se repetir nesta próxima safra. A safra de soja está estimada entre 106,4 e 108,6 milhões de toneladas, numa área cerca de 3% maior (entre 34,6 e 35,3 milhões de hectares) e a de milho entre 91,6 e 93,1 milhões, produzidos numa área de 7,5 a 11,5% menor, representando as duas culturas quase 90% da nossa produção de grãos.

As exportações de outubro foram de US\$ 8 bilhões, praticamente 40% acima de outubro de 2016, deixando um superavit de US\$

6,9 bilhões, impressionante salto. No acumulado de janeiro a outubro o agro trouxe US\$ 82 bilhões, quase 12,2% acima de 2016. O superavit deixado pelo agro, quando se tira as importações, já está em US\$ 63,3 bilhões (9,9% acima). A soja trouxe US\$ 1,5 bilhão no mês, as carnes trouxeram US\$ 1,4 bilhão e açúcar/etanol algo próximo a US\$ 1,1 bilhão. Vale destacar o milho, que junto com outros cereais trouxeram US\$ 824 milhões. No acumulado do ano, as carnes estão 8,8% acima trazendo quase US\$ 13 bilhões, superando qualquer crise ligada à operação carne fraca e o complexo soja já nos trouxe desde janeiro praticamente US\$ 30 bilhões.

Quando comparamos os preços atuais das commodities mais exportadas pelo Brasil com exatamente um ano atrás, o tombo é grande. No açúcar, é de quase 36%, no suco 22% e no café 18%. A soja está praticamente com o mesmo preço e o milho cerca de 1% acima. Pelo menos tivemos neste mês uma inexplicável, na minha opinião, desvalorização do real, o

AUMENTA FORTEMENTE O CONSUMO DE ETANOL

Marcos Fava Neves



que significa mais reais pela mesma quantidade vendida. Não acreditava neste movimento do câmbio.

O índice mensal de preços de commodities alimentares da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) chegou a 176,4 pontos, 1,3% abaixo de setembro e 4% acima de outubro de 2016. Cereais ficaram estáveis enquanto os óleos vegetais caíram 1,1%, os lácteos 4,2%, carnes 0,9% e o açúcar 0,7%. A FAO estima que a produção de grãos em 2017 vai atingir recorde de 2,612 bilhões de toneladas e utilizar 2,589 bilhões, jogando também os estoques para valores recordes de 720 milhões de toneladas (27% do consumo, o maior valor em 15 anos). Esta megaprodução tem mantido os preços, principalmente de soja e milho, estáveis e são boas as chances de permanecerem neste patamar.

Os preços da soja e do milho também permaneceram estáveis em outubro e início de novembro, nenhum fato marcante para alterá-los. A produção brasileira vem sendo semeada em bom ritmo, a produção dos EUA chegando à fase final da colheita, e a última estimativa do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) pouco variou com a soja permanecendo em 120,5 milhões de toneladas (3,5 milhões a mais que o ciclo 2016/17) e o milho em 370 milhões de toneladas, 8 milhões acima da última previsão e 14,5 milhões abaixo da última safra). Acredito que continuam estáveis.

Estudo da Farsul (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul) chegou a um impressionante dado, que nossos produtores pagam 86% mais por insumos agrícolas que os produtores do Mercosul. Isto se deve a impostos e dificuldades para a importação destes insumos (máquinas, fertilizantes, defensivos). Somente a isenção de impostos em adubos e defensivos poderia derrubar seus preços em 20%. Isto nos leva a custos de produção maiores que os do Uruguai e Argentina.

Boa notícia ao agro veio do CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) que antecipou em um ano a obrigatoriedade de passar de 8 a 10% de mistura de biodiesel no diesel. A nova mistura tem que ser atingida em março de 2018. Como a soja representa 80% do biodiesel, estes dois pontos percentuais representarão o processamento de mais 1,5 milhão de toneladas de soja e 20 mil empregos, de acordo com a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais). Passaremos a alocar 43 milhões de toneladas para esta finalidade. Medida que vem em boa hora para reduzirmos importações de diesel (em cerca de US\$ 2,2 bilhões) e empoderarmos o interior do país.

A EPA (Agência Ambiental

Americana) deve manter em 2018 os volumes obrigatórios para biocombustíveis, cuja data de divulgação é 30/11. Os convencionais, onde o milho é o principal, ficam em 15 bilhões de galões e os avançados, onde está a cana, ficariam em 4,24 bilhões de galões. O setor reivindica o aumento da mistura de 10 para 15% de etanol de milho na gasolina, o que para o agronegócio brasileiro seria excelente notícia.

É constante o repensar da função das tradings. Com safras grandes, melhoria na capacidade de armazenagem nas propriedades e cooperativas, informação amplamente disponível e de graça e menor volatilidade, seu espaço comercial vem diminuindo e estas vêm passando por processos de reestruturação e cortes de pessoal. Fora isto, na minha leitura o setor passará a ter cada vez mais grandes empresas chinesas em 5 a 10 anos, afinal, para lá irão boa parte dos grãos.

Enfim, as notícias de outubro foram novamente boas ao agro, com desvalorização do real, exportações firmes e as chuvas que finalmente chegaram e possibilitaram os plantios em estados que nos preocupavam bastante. E mais espaço para colocar grãos nos combustíveis. Preços devem ficar como estão.

O que acontece com a nossa cana?

De acordo com a Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar), a moagem acumulada desta safra até o dia 1º de novembro foi de 529,6 milhões de toneladas, 1,97% menor que no mesmo período anterior. Já foram produzidos 33,10 milhões de toneladas de açúcar (2,8% a mais), e no etanol 22,60 bilhões de litros (-0,42%). O hidratado caiu 2,15%, para 12,86 bilhões de litros e o

anidro subiu 1,97%, para 9,7 bilhões de litros. Como já observamos no último mês, o etanol está buscando os números do ano passado e pode ultrapassar neste mês, pois o mix ficou bem mais alcooleiro, alcançando 57,15% na quinzena, derrubando a produção de açúcar em 8,7%. Precisaria ser maior, mas é um bom caminho.

No ATR houve boa melhoria, chegando a 137,80 kg/ton, contra 134 na safra anterior.

A amostra do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) estima em 77,53 toneladas/ha desde o início desta safra, 1,58% menor.

O Brasil deve produzir menos açúcar em 2017/18 graças ao maior uso da cana para etanol. Preços do petróleo mais altos (perto de US\$ 60 por barril) tem ajudado neste escoamento. A Biosev acredita em queda de 4,1 milhões de toneladas na próxima safra (de 36,2 milhões de toneladas para 32,1 milhões de toneladas) e a Datagro queda de 3,8 milhões de toneladas (de 36,4 milhões de toneladas em 2017-2018 para 32,6 milhões de toneladas na safra 2018-2019). Com isto, acredita que o superavit fique em apenas 430 mil toneladas na safra 2017/18, contra uma expectativa anterior de quase 3 milhões. É a empresa mais otimista, sendo que as demais ainda acreditam em superavit maior. A Copersucar acredita em queda de apenas 1,5 milhão de toneladas.

Já a FCStone crê em produção de açúcar 5,5% menor, caindo para 33,3 milhões de toneladas e de etanol 5,1% maior, chegando a 26,1 bilhões de litros (10,7 bilhões de anidro e 15,4 bilhões hidratado, representando quase 9% a mais. O mix para etanol pularia de 53,4% para 56% e o superavit mundial de açúcar seria de 2,8 milhões de toneladas, puxado por ganhos na União Europeia, Índia e Paquistão.

Nossa fixação também está

baixa. Pela FCStone até o final de outubro apenas 18% haviam sido fixados, contra 28,5% nesta mesma época do ano anterior.

📊 A Datagro acredita em processamento de apenas 580 milhões de toneladas de cana no Centro-Sul em 2018/19 contra uma expectativa de 601 milhões de toneladas nesta safra. Devemos cair 3,5%, produzindo 25,3 bilhões de litros de etanol (1,2% a mais) e queda maior no açúcar que comentei acima. Entre os fatores que ajudarão o etanol estão os preços do petróleo e a tarifa aplicada na produção dos EUA, em 20%, do que exceder 600 milhões de litros.

📊 Bom o resultado da Biosev no segundo trimestre da safra. A empresa teve um lucro líquido de R\$ 33 milhões. Foi impactante para este a desvalorização do real. A receita foi menor em 20%, devido à queda dos preços dos produtos, e também as despesas caíram bastante, contribuindo para este resultado.

📊 A empresa decidiu paralisar as operações da Usina Maracajú, triste notícia resultando na perda de 500 empregos, mas a cana consegue ser processada em unidades vizinhas, com ganho de eficiência.

📊 Mesma análise para a São Martinho, que teve lucro de R\$ 53 milhões no período. O EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) foi de R\$ 391 milhões, com margem de 53%. Tal como parte importante do setor, a empresa está acumulando estoques para vender em momentos futuros de preços melhores.

📊 Outra empresa que anunciou resultados neste mês foi a Raizen Energia. Apresentou lucro líquido de R\$ 390,8 milhões no segundo trimestre da atual safra, quase 30% superior que o da safra anterior. O da Cosan foi de R\$ 393 milhões no período, alta de 43%, fruto da moagem de 28,3 milhões de

toneladas de cana. O EBITDA foi de R\$ 1,4 bilhão (50% superior) fruto das vendas de açúcar, etanol e energia elétrica. A Raizen deve fechar a safra com moagem entre 59 e 63 milhões de toneladas, produção de 4,3 milhões a 4,7 milhões de toneladas de açúcar) e o etanol ficando entre 2 bilhões e 2,3 bilhões de litros.

📊 O endividamento das usinas no Centro-Sul aumentou 138% nos últimos 5 anos, de acordo com o Itau-BBA.

📊 A Pedra Angular, capitaneada por Winston Fritsch, ofereceu R\$ 890 milhões para comprar a São Fernando, em Dourados (MS), a serem pagos em 20 anos, bem como desejam participar do leilão da Revati (Renuka). O valor presente seria de R\$ 450 milhões (R\$ 100 por tonelada).

📊 Começam a convergir as opiniões que a safra 2018/19 será menor que esta. Como teremos crescimento econômico e aumento de consumo de combustíveis, se os preços do Petróleo se mantiverem ao redor de US\$ 60, alocaremos mais cana para etanol, contribuindo para recuperar os preços do açúcar e hoje analisando o conjunto de fatos na mesa, aposto que a safra 2018/19 terá um valor de ATR maior que esta.

O que aconteceu com nosso açúcar?

📊 Em outubro o Brasil exportou 2,88 milhões de toneladas de açúcar (2,47 milhões de toneladas de demerara e 412 mil toneladas de refinado), quase 17% a menos que setembro e 31% a mais que outubro de 2016. Este volume trouxe uma renda de US\$ 1,030 bilhão (19,7% menor que setembro) e 18,4% a mais que outubro do ano passado.

📊 Até o momento em 2017 vendemos 24,587 milhões de toneladas (3,5% a mais que 2016), com renda de US\$ 9,914 bilhões

(mais 20,3%), fruto principalmente dos travamentos de preços feitos ano passado. Os dólares estão vindo ao setor.

📊 Há expectativa de alguns melhores momentos de preços do açúcar até o início da safra, o que pode ajudar na fixação por parte das usinas, pelo maior uso de cana para etanol, perspectiva da safra brasileira terminar mais cedo e janela de safra do hemisfério norte. Mas até o momento, segundo a Archer, as nossas usinas haviam fixado até o final de outubro pouco menos de 20% da exportação esperada para o ciclo 2018/19 a um preço médio de 16,17 centavos de dólar por libra peso, sendo o menor número desde que a empresa faz este monitoramento.

📊 Copersucar acredita que esta safra terminará em 595 milhões de toneladas, contra as 607 da safra anterior.

📊 A verdade é que o mundo está com muito açúcar. Nós fizemos mais do que devíamos, e ainda temos boas chances de boas produções e excedentes exportáveis na União Europeia, Índia, Tailândia, Ucrânia, Rússia e Paquistão. Resta saber a este preço médio, como fica a viabilidade produtiva em muitos destes países. Pode vir desestímulo pela frente e também aumentar o consumo, jogando pelo lado da subida dos preços. Ainda aposto que passamos de 16 centavos por libra peso antes da virada deste ano, algo que já venho dizendo aqui há 4 meses.

O que acontece com nosso etanol?

📊 Em setembro o volume vendido de hidratado foi de 1,34 bilhão de litros, de acordo com a ANP (Agência Nacional do Petróleo). Desde o mês de julho aumentou o consumo graças ao aumento dos preços da gasolina em mais de 20%. Do início do ano até o final de setembro foram vendidos

9,431 bilhões de litros (16,1% abaixo deste mesmo período de 2016). Já para outubro as vendas de hidratado pelas Usinas do Centro-Sul cresceram 21%, num total de 1,5 bilhão de litros destinados às distribuidoras.

Finalmente a chave foi virada para o lado do etanol, pena que muito tarde. A última quinzena de outubro já teve destino bem maior da cana para combustível, pulando de 51,3% para 57,15%. Na segunda quinzena de outubro, a produção foi quase 20% maior que o mesmo período do ano anterior, foram 1,57 bilhão de litros (921,07 milhões de litros de hidratado e 648,70 milhões de anidro).

As exportações em outubro foram de 171,97 milhões de litros, sendo praticamente 80% de anidro.

Analistas acreditam que mesmo com a tarifa de 20% existe grandes chances dos EUA mandarem muito etanol de milho ao Brasil. A Platts estima 1,7 bilhão de litros, chegando a tomar 40% do consumo no Nordeste, pois o Sudeste não conseguirá abastecer. É uma grande diferença quando comparamos com os 400 milhões de litros importados em 2014. Em isto acontecendo, vem mais polêmica por aí.

Aqui no Brasil também o etanol de milho já está na mesa. Produzimos neste ano 206,18 milhões de litros, contra pouco menos de 80 na safra passada.

A São Martinho é uma das empresas que aguardou para vender e deve colher bons resultados. Segunda empresa, quase 64% do etanol desta safra está armazenado.

A GraanBio adiou suas metas de produção de etanol de segunda geração. A usina em Alagoas está agora produzindo apenas energia, que está dando retorno muito maior.

Refinarias que forem mais eficientes que a média global em termos de emissões terão direito também aos benefícios do RenovaBio, que finalmente entrou no Congresso

Nacional via projeto de lei. Agora é esperar para que tenha rápida tramitação e possamos entrar em nova fase de crescimento no Brasil.

No fechamento da leitura o hidratado base Paulínia estava R\$ 1,75 e o anidro R\$ 1,90/litro. Acertei meu viés de alta para os preços que coloquei aqui há 4 meses, quem seguiu e estocou ganhou bastante e mantenho ainda que devem subir mais.

Quem é o homenageado do mês?

Todos os meses temos um grande homenageado aqui neste espaço e desta vez nossa singela homenagem vai ao Mario Campos Filho, do Siamig, jovem liderança do setor que tem feito excelente trabalho com diversas conquistas à cadeia produtiva.



Haja Limão

Que momento complicado estamos. Há duas candidaturas postas, mais radicais à esquerda e à direita e no centro ainda não surgiu um nome que possa enfrentar e vencer. Precisamos tomar muito cuidado, pois aparentemente os votos destas duas candidaturas estão se consolidando e já chegam a 55% do total. Com a soma dos brancos e nulos, fica difícil encaixar uma candidatura de centro que possa ir ao segundo turno. Isto no cenário do ex-presidente não ser condenado definitivamente até a eleição. O fato triste do mês foi a lamentável invasão e destruição da Fazenda Igarashi, ocorrida na Bahia, e uma carta com pontos sem nexos feita pelo Sr. Prefeito Municipal tentando encontrar justificativas para esta, como diz ele, “ocupação”. Fiquei contente, pois a postagem que fiz menos de dois dias depois da invasão denunciando esta atrocidade viralizou na web e pode ter contribuído para gerar alguma reação das autoridades e da mídia.

Marcos Fava Neves é Professor Titular da FEA/USP, Campus de Ribeirão Preto. Em 2013 foi Professor Visitante Internacional da Purdue University (EUA) e desde 2006 é Professor Visitante Internacional da Universidade de Buenos Aires e Membro do Conselho da Orplana.





ENCONTRO

de eficientes

Alertas e dicas de como fazer uso da eficiência e empatia foram os dois brindes mais valiosos entregues no VI Encontro de Gerentes do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred

Marino Guerra
Fotos: Rodrigo Moisés



Auditório da Canaoeste recebe líderes do Sistema para evento sobre o cenário político e econômico com o jornalista Carlos Alberto Sardenberg, além de uma palestra motivacional com o professor e ex-padre Zeca de Mello

Uma das últimas ponderações feitas pelo jornalista Carlos Alberto Sardenberg durante sua palestra no VI Encontro de Gerentes do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred foi de que ele roda o Brasil todo em eventos e enxerga um país muito eficiente e diante do caos político atual, espera que nas próximas eleições representantes desse “tipo de gente” triunfem.

Ao falar isso, para um público formado por mais de 200

Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred (representantes desse exército de eficientes, por suas capacitações), ele tentou despertar de um sono profundo a importância em se participar de forma mais ativa da vida política do país daqueles que não apenas o sustentam, mas que através de suas lideranças, passe aos seus subordinados a visão de que as instituições públicas não podem mais ser dominadas pelos que insistem em preconizar o jeitinho ou a lei de Gerson (campanha da

Brasileira estrelou um comercial de televisão de uma marca de cigarros com o jargão “Eu gosto de levar vantagem em tudo, certo?”).

Como a peça posterior da engrenagem de um relógio, a visão do também palestrante Zeca de Mello (ex-padre e professor da fundação Dom Cabral) sobre liderança se encaixou perfeitamente ao comentário do jornalista.

Na visão dele, a verdadeira liderança precisa ser baseada na confiança, ou seja, o líder consegue



Giovanni Rossanez – gerente financeiro da Copercana – Manoel Ortolan – presidente da Canaoeste – João Paulo Pivetta – gerente de marketing de cana da Bayer – Francisco César Urenha – diretor da Copercana e Canaoeste – Manoel Sérgio Sicchieri – assessor das diretorias da Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred – Antonio Eduardo Toniello – presidente da Copercana – jornalista Carlos Alberto Sardenberg – e Frederico Dalmaso, gerente do departamento comercial da Copercana

ter seguidores realmente fiéis e empenhados em seus comandos, não quando esses sentem medo dele, mas quando passam a ter confiança nele. E para isso é preciso conseguir desenvolver uma complexa inteligência, a de ser corajoso em momentos de calmaria, ou seja, a de saber mexer no time ainda enquanto ele está ganhando, antes dos adversários descobrirem o ponto fraco.

Então se as pessoas eficientes conseguirem desenvolver com o mesmo talento profissional o seu lado político e também evoluir sob o ponto de vista de liderança, dificilmente a trupe de horrores instalada em Brasília ocupará o palco principal da política nacional.

Um raio cai duas vezes no mesmo lugar?

Em sua apresentação, Sardenberg lembrou de como era o cenário do país antes da entrada de Fernando Henrique Cardoso como ministro da fazenda do governo Itamar Franco, quando em 1992, depois

da queda de Collor, o então vice assumiu em uma crise econômica muito parecida com o pós-Dilma (inflação + recessão), mas com um agravante, já que na época o Brasil não contava com uma moeda com o mínimo de perenidade, foram cinco diferentes na era redemocratizada (do período da ditadura até 1986 era o cruzeiro, depois veio o cruzado que durou até 1989, quando entrou em circulação os cruzados novos, onde um ano depois se transformou



“O lado eficiente do Brasil precisa ditar o rumo da política”

em cruzeiro novamente e em 1993 virou cruzeiros reais antecedendo o real, que dura até hoje).

Com o cenário absolutamente catastrófico, não havia um ministro da fazenda que parava no cargo, foram três (Gustavo Krause Gonçalves Sobrinho, Paulo Roberto Haddad e Eliseu Resende) de 2 de outubro de 1992 até 19 de maio de 1993, quando um bondoso raio caiu em Brasília e iluminou, sabe-se lá Deus de que maneira, o confuso presidente mineiro a tirar o então ministro das Relações Exteriores e aloca-lo na Fazenda e esse nome não era de nenhum catedrático em economia ou finanças, mas de um sociólogo, que acertou a economia de tal maneira e virou duas vezes presidente da República, vencendo os dois pleitos no primeiro turno, cravando o seu nome na história do país através das suas iniciais, FHC.

Para o apresentador da CBN, agora era a hora de surgir um novo FHC, porém o tempo para as eleições é curto e a polarização cada vez maior torna o surgimento de um salvador da pátria, pelo menos como foi o Fernando Henrique Cardoso praticamente impossível. O que ainda dá tempo é o aparecimento de um novo Emmanuel Macron, presidente da França eleito em 2016 depois de uma surpreendente arrancada em um cenário político onde também os favoritos eram radicais de esquerda e direita.

Dilma e Mantega, estragos similares à Hiroshima e Nagasaki

Não era necessária a presença de um jornalista do porte do âncora da Globo News para dizer que durante os 8 anos de governo FHC a coerência da política econômica foi a principal marca, mesmo enfrentando diversas crises internacionais (México em 1995, Tigres Asiáticos 1997, Rússia

em 1998 e 2001, Argentina em 2001 e os atentados de 11 de setembro no mesmo ano) e também internas, a pior delas em 1999 quando o Banco Central abandonou o regime de câmbio fixo e passou a operar com o câmbio flutuante.

Na visão de Sandenberg o primeiro mandato de Lula pode ser considerado como o terceiro de seu antecessor, ou talvez ainda mais conservador, devido a formação da equipe econômica montada pelo então ministro da fazenda Antônio Palocci Filho. Para se ter ideia, dentre os membros havia o Joaquim Levy, que foi economista-chefe do Ministério do Planejamento na gestão tucana e iniciou o primeiro mandato petista como secretário do Tesouro Nacional, mais tarde, e de forma camicase, ele assumiu a pasta máxima da economia nacional

depois que Lula, Dilma e Mantega estouraram pelo menos três bombas atômicas.

As três armas bélicas que trouxeram o país para a mais profunda e mais longa crise de sua história recente foram cuidadosamente manipuladas a partir da reeleição de Lula pelo então ministro Guido Mantega, onde teve sua fabricação iniciada através da construção de uma falsa economia que dava certo, através de assistencialismo às classes mais baixas, a ilusão do dinheiro fácil que viria do pré-sal e o patrocínio a um grupo muito seleto de patrocinadores de campanha que mais tarde ficariam conhecidos como as “supercampeãs”.

O trabalho foi suficiente para o ex-sindicalista conseguir eleger sua sucessora, porém a partir do momento que tomou o poder,

sabendo que mundo estava em severa crise (bolha imobiliária americana e quebra de alguns países da Zona do Euro) ela simplesmente apertou o botão vermelho ao permitir, ou exigir, uma política de juros baixos em uma economia que já demonstrava estar em recessão e inflação galopante.

Bum. Quebra da Petrobras, desemprego recorde, perda de notas de investimentos, quebras, suicídios, centrão, desgaste das instituições, impeachment, estados falidos, crescimento de facções criminosas.

A recuperação no Japão se deu através do “Milagre Econômico Japonês”, onde todo o segmento envolvido com as grandes empresas do país se uniram em grupos chamados “Keiretsu” e que ainda contou com a colaboração dos



“A economia brasileira foi devastada quando Dilma Rousseff assumiu a presidência”, disse Sandenberg

sindicatos e o Governo para focar de maneira interna em um forte desenvolvimento. Se olhar com uma lupa, é possível achar algumas semelhanças entre o plano nipônico e o RenovaBio.

Crescimento, o mundo ajuda

Sobre o cenário econômico atual do país, o jornalista apresentou diversos índices que comprovam a existência de uma recuperação, consistente, embora ela seja espalhada (não são todos os setores que já enxergam uma luz no fim do túnel), moderada (todos os números mostram ainda curtas variações positivas ao longo de seu tempo referência) e frágil (o caso da delação do Joesley Batista foi exemplar, estremeceram boa parte dos índices que são medidos diariamente).

Contudo, na visão do palestrante, o principal responsável por esse pequeno alívio nos números tupiniquins é o mundo, que desde 2010 apresenta crescimento, sendo a perspectiva para esse ano evoluir em 3,55%, inclusive países vizinhos como Peru (3,9%), Colômbia (2%), México (2,3%) e Chile (1,6%) fazendo que o ambiente de negócios fique menos pesado até em economias como a nossa.

também cita algumas atitudes

tomadas pelo Governo Temer, muito parecidas com as do FHC, que também começam a influenciar na melhoria do quadro, entre elas estão: Redução dos Juros (com responsabilidade), reforma trabalhista, ajuste fiscal (união e estados), concessões, privatizações e reorganização do governo (Petrobras é um exemplo, onde a estatal está vendendo diversos ativos que não fazem parte do seu negócio direto, produzir petróleo, adquiridos sem planejamento e critérios durante as insanidades febris do Governo Dilma).

Entretanto, o grande legado deixado pelo governo do PMDB até agora é com certeza a implantação do teto de gastos públicos, antes dela o governo elevava a saída de recursos anualmente, não importando índices como a inflação ou o desempenho da economia, depois da lei, os gastos só poderão crescer proporcionalmente à inflação daquele ano. Acabou a farra, em anos de crescimento os governantes terão que se contentar em ver os seus governados crescendo e terá que se contentar com a estrutura, que é bem inchada, atual, fazendo com que a longo prazo o estado diminua sua influência.

Doença ainda não curada

O grande vírus causador da fraqueza

que sempre acaba com qualquer tentativa de progresso e evolução do país se chama corrupção, a escolha pelo crescimento econômico pessoal através de negociatas focadas principalmente em recursos advindos do gigantesco e lento estado, ao invés de pensar no ganho através do trabalho, do empreendedorismo, da produtividade, é segundo o âncora, é o maior desafio do Brasil.



O mal-uso do dinheiro público é uma grande doença nacional difícil de ser curada

Como exemplos claros dessa falta de ética escancarada, ele citou três notícias recentes: O primeiro é o caso do deputado Celso Jacob (PMDB-RJ), condenado em regime semiaberto e, consequentemente, dorme todas as noites no presídio da Papuda. O problema é o fato dele receber um auxílio moradia (benefício para cuidar das custas do sono dos legisladores federais) de R\$ 4,2 mil. O segundo é a ministra dos Direitos Humanos, Luislinda Valois, que foi à justiça pedir o acúmulo dos salários de desembarcadora aposentada (R\$ 30,4 mil mensais) mais os vencimentos por comandar o Ministério, no mesmo valor. Como o teto constitucional é de R\$ 33,7 mil por mês, ela alega receber apenas R\$ 3,3 mil para executar seu cargo no Governo, chegando a classificar o seu trabalho como “escravo” por essa





Marcos Molezin - Gerente de controladoria da Copercana, Giovanni Rossanez - gerente financeiro da Copercana, Márcio Meloni - assessor do conselho da Sicoob Cocred, Francisco Urenha - diretor da Copercana e Canaeste, os palestrantes Zeca de Mello e Carlos Alberto Sardenberg e Manoel Sérgio Sicchieri - assessor das diretorias da Copercana, Canaeste e Sicoob Cocred

remuneração (só que ela não colocou na conta benefícios como carro, jatinho e cartão corporativo). Para fechar, o caso do “personal trainer” do TRT-BA (Tribunal Regional do Trabalho), onde foi aberta uma licitação para a contratação de tal profissional, de primeiro nível, para prestar serviços aos magistrados e funcionários do fórum.

Exemplos macabros como esses expõe a realidade de um setor público no qual a preocupação pela preservação e bom uso do dinheiro é achincalhada pelos profissionais responsáveis em fazer bom uso dele, aí a importância do interesse do lado eficiente da força em saber escolher os comandantes desse barco de aloprados e gastões.

Novos analfabetos

Os valores e concepções de vida que as novas gerações trazem para o mercado de trabalho é altamente perceptível, cada vez mais os ambientes corporativos passam a valorizar questões

humanas deixando de lado o foco estritamente no material. Com isso, o ex-padre e professor da Fundação Dom Cabral, Zeca de Mello, em palestra também realizada durante o VI Encontro de Gerentes,



Para o ex-padre e professor Zeca de Mello o verdadeiro líder precisa conquistar a confiança de sua equipe, e não o medo

define quem serão os próximos analfabetos e essa legião não estará ligada com conhecimentos linguísticos ou matemáticos, mas

com a capacidade de aprender, desaprender e reaprender.

Segundo ele, todo esse processo só poderá ser assimilado se o indivíduo saber entender os ensinamentos de duas grandes professoras: A crise, uma mestra rígida e amarga que forçará o profissional abandonar sua zona de conforto e rever constantemente como é o processo de trabalho dele. A segunda pedagoga é muito mais dócil e, conseqüentemente, agradável, são as crianças, a capacidade delas de se admirar com tudo, querer curtir todas as novidades até a exaustão e logo depois ter à disposição de conhecer novas coisas, serão determinantes para se pertencer ao grupo das novas mentes notáveis em uma sociedade.

Com essa percepção, os grandes QIs (Quociente de Inteligência) serão preteridos se comparados com as grandes Inteligências Emocionais, ou seja, quem souber expressar ternura e afeto e lidar com a inveja, rancor e angústias, criará empatia (as pessoas confiarão em solicitar ajuda pois, em momentos específicos, também pedirão para serem auxiliadas, da mesma maneira reconhecerão problemas e falhas dos outros, pois se colocarão no lugar deles), a habilidade mais admirada por toda sociedade moderna.

Muito mais que aspirina

Grande parceira da Copercana e também de todo o setor canavieiro, a Bayer acreditou na proposta do evento (desenvolver e estimular o senso crítico dos participantes e fazer com que eles repliquem para todo o seu ambiente, não só profissional, mas também social, ideias e pensamentos que influenciem de alguma maneira na evolução do senso-comum da



O gerente de marketing de cana da Bayer, João Paulo Pivetta, mostra como a empresa trabalha para ser uma das maiores fornecedoras de tecnologia agrícola do mundo

sociedade), e também contribuiu através da apresentação onde mostrou um pouco de como funciona uma das empresas mais respeitadas do globo, proferida pelo seu gerente de marketing de cana, João Paulo Pivetta.

Conhecida como ser a inventora da aspirina, a Bayer é hoje uma empresa mundial com mais de 150 anos, que atua na pesquisa e desenvolvimento de soluções para curar problemas de saúde dos humanos, de seus alimentos (agropecuária) e até mesmo de seus melhores amigos (saúde animal para cães e gatos).

Dentro do segmento agro, a

empresa alemã trabalha dividida em três pilares específicos: desenvolvimento de sementes (no caso da cana-de-açúcar o seu plantio), proteção (herbicidas, fungicidas, inseticidas e tratamento de sementes) e saúde ambiental.

O seu último lançamento relacionado à cultura canvieira é o Alion, herbicida que possui como principal característica ter um efeito residual prolongado, ou seja, por ser pré-emergente, na maioria dos casos, é necessária apenas uma aplicação, reduzindo custos operacionais e tempo com eventuais segundas ou até mesmo terceiras aplicações. 

Estamos há mais de uma década escrevendo a história do agronegócio nacional, principalmente sobre o setor sucroenergético

Somos a única mídia entregue, todos os meses, na casa dos produtores de cana - o que nos torna uma mídia diferenciada não apenas por esse motivo, mas por estarmos sempre seguindo os passos de produtores, fornecedores e lideranças do setor, marcando presença nos principais congressos, seminários, workshops, conferências, reuniões, encontros e feiras sobre a cultura da cana-de-açúcar. Onde há cana-de-açúcar, tem **Revista Canavieiros!**

Revista **CANAVIEIROS**
A força que movimenta o setor

Faça parte dessa família!

anuidadimeno@revistacनावीरोस.com.br www.lacdoesl.com/revistacनावीरोस
comercial@revistacनावीरोस.com.br www.twitter.com/cनावीरोस

(16) 3946.5500 - rural 2305 (comercial) - Rodrigo Moisés ou Marília Palaveri



PROTEÇÃO

para a vida

Diana Nascimento

Até há pouco tempo, poucas pessoas pensavam em fazer seguro de vida. O assunto incomoda, pois ninguém gosta de pensar em sua própria morte.

Porém, com algumas mudanças nos seguros hoje comercializados, esse quadro vem mudando. O encarregado da Copercana Seguros, Walderci Vaz, explica que o seguro de vida não serve apenas para os dependentes do segurado, caso ele venha a falecer. “O seguro pode ser usado em vida também, como em casos de diagnóstico de câncer tanto para homens quanto para mulheres, onde um valor contratado no seguro é antecipado para o tratamento da doença. Hoje os seguros não são apenas de vida, mas para a vida”, afirma.

Proteger a vida, o segurado e seus familiares estão entre as funções de um seguro de vida. Assim como veiculado em uma recente propaganda de TV, o produto serve para os previstos e imprevistos da vida. Todos nós estamos sujeitos a um acidente - seja na ida e volta do trabalho, durante o trabalho, em viagens e em outras situações do dia a dia -, e podemos ficar acamados, período em que será necessário um recurso que pode vir do seguro, desde que contratado.

Outra reflexão é que temos que pensar em quem fica. Um pai de filhos pequenos, por exemplo, se preocupa com o sustento de sua família caso ele venha a faltar. “É preciso pensar nisso,



Walderci Vaz - encarregado da Copercana Seguros

principalmente quando os filhos são pequenos e em idade escolar. Nesse caso, se realizado um seguro de vida, a família pode receber uma indenização que dará sustento durante um tempo até as coisas se estruturarem. O seguro é um gesto de cuidado para com os familiares ou entes queridos”, lembra Vaz.

Seguros x planos de saúde

Hoje, de cada 10 pessoas, entre duas ou três apresentam diagnóstico de câncer e nesse momento várias coisas e preocupações passam pela cabeça dessas pessoas. Algumas podem ter plano de saúde, mas até que ponto vai a cobertura desse plano?

“No caso da mulher, que é vaidosa, se ela apresentar diagnóstico de câncer

de mama, por exemplo, o seguro pode cobrir a reconstrução de mama ou até mesmo o tratamento e a compra dos medicamentos”, destaca Vaz.

Ele explica que o recurso para isso, que antes era uma antecipação hoje não é mais e cita um exemplo. “Antes, em um seguro com valor de R\$ 100 mil, a seguradora antecipava até 50% do valor segurado para realizar o tratamento. Hoje pode-se contratar R\$ 100 mil para casos de morte e mais R\$ 100 mil para casos de doenças raras. Em caso de diagnóstico, o segurado recebe o valor contratado e o seguro continua correndo”, esclarece.

Muitos seguros apresentam ainda serviços adicionais e opcionais. Um deles é o auxílio funeral, que pode ser contratado em valores que vão de R\$ 1.500,00 a R\$ 5 mil e engloba os mesmos serviços de um mútuo funerário como urna, preparação de corpo e aluguel de sala (velório). “O valor pago para essa cobertura pode ser compensatório diante dos custos de um mútuo funerário individual. O seguro de vida pode oferecer ainda, desde que contratado, cesta básica pelo período de até um ano no caso de falecimento do titular da apólice”, atentou Vaz.

Atualmente, o valor médio contratado de um seguro de vida gira entre R\$ 80 mil e R\$ 100 mil de indenização. Vale dizer ainda que os valores a serem pagos dependem da idade do segurado.

Vaz esclarece que antes o seguro

era feito até a idade de 65 anos e com carência de até dois anos. Hoje pode-se contratar seguros para pessoas com até 80 anos e limite de cobertura de até R\$ 200 mil. Neste caso, a seguradora demanda uma série de exames a serem realizados.

Existe ainda o seguro premiável. “Várias companhias trabalham com esse tipo de premiação, onde você recebe o número de sua apólice e concorre a todo mês pela loteria federal. Os prêmios variam entre R\$ 10 mil, R\$ 15 mil e R\$ 20 mil e servem como estímulo para a pessoa contratar um seguro”, observa Vaz.

Cuidados

A contratação de um seguro requer cuidados e Vaz elenca alguns. A primeira coisa a fazer é procurar um

corretor de seguros idôneo e que tenha bons conhecimentos sobre os produtos oferecidos para esclarecer todas as dúvidas. “Nem sempre o menor preço é o melhor negócio. De repente está se cotando um seguro para a pessoa ter certa comodidade caso venha a acontecer alguma coisa e isso tem um custo, mas quando ela precisar o serviço poderá ser usufruído. Diferente do caso de uma necessidade, mas sem cobertura. Procure o melhor e faça o que estiver dentro de suas condições”, orienta Vaz.

A fidelidade em relação ao valor contratado e a empresa seguradora também deve ser motivo de atenção. O ideal é que a pessoa não pare de pagar o seguro e nem mude de seguradora para não começar do zero e ter reajustes maiores do que os da renovação.

Vale a pena se informar sobre os

seguros oferecidos pela Copercana Seguros. “Como somos uma cooperativa, temos um diferencial que é um desconto em torno de 5% sobre o seguro, oferecendo um preço competitivo. Também somos diferenciados na assistência. Temos um plantão 24 horas em nosso departamento de sinistros para melhor atender aos nossos clientes, independente do tipo de seguro (vida, residencial, automóvel, empresarial)”, finalizou Vaz.

Seguro mulher

Ficou interessada em realizar um seguro após ler a matéria? Então veja a campanha abaixo com condições especiais de contratação, procure a Copercana Seguros e proteja a sua vida!

Idade	MORTE - PARAVIDA - IPA					FUNERAL					
	40.000	50.000	60.000	100.000	150.000	2.500,00	3.000,00	3.500,00	4.000,00	4.500,00	
18	9,25	11,58	13,89	23,39	34,74	0,27	0,33	0,38	0,44	0,49	0,55
19	10,57	13,22	15,59	26,43	39,65	0,29	0,34	0,41	0,46	0,52	0,57
20	10,76	13,45	16,34	26,99	40,35	0,31	0,36	0,42	0,48	0,54	0,61
21	10,95	13,68	16,42	27,37	41,05	0,31	0,37	0,43	0,51	0,56	0,62
22	11,13	13,92	16,39	27,84	41,75	0,32	0,39	0,45	0,51	0,58	0,64
23	11,32	14,15	16,98	28,39	42,45	0,33	0,41	0,47	0,53	0,61	0,67
24	12,72	15,91	19,04	31,81	47,72	0,35	0,42	0,49	0,56	0,63	0,71
25	12,91	16,14	19,37	32,28	48,42	0,36	0,44	0,51	0,58	0,65	0,73
26	13,19	16,49	19,79	32,98	49,47	0,38	0,46	0,53	0,61	0,68	0,76
27	13,47	16,84	20,21	33,68	50,52	0,41	0,48	0,56	0,64	0,72	0,81
28	14,78	18,48	22,17	36,96	55,44	0,41	0,49	0,57	0,65	0,74	0,82
29	15,06	18,83	22,69	37,66	56,49	0,43	0,51	0,61	0,68	0,77	0,85
30	16,47	20,58	24,70	41,17	61,75	0,44	0,53	0,62	0,71	0,81	0,89
31	16,75	20,93	25,22	41,87	62,80	0,46	0,55	0,65	0,74	0,83	0,92
32	18,06	22,57	27,04	45,14	67,72	0,47	0,57	0,66	0,76	0,85	0,95
33	19,46	24,31	29,19	48,65	72,08	0,48	0,59	0,69	0,79	0,88	0,98
34	20,96	26,29	31,44	52,48	78,59	0,51	0,62	0,72	0,82	0,93	1,03
35	22,46	28,07	33,88	56,34	84,21	0,54	0,65	0,75	0,86	0,97	1,08
36	24,05	29,96	36,97	60,33	90,17	0,57	0,68	0,79	0,91	1,02	1,13
37	25,73	32,16	38,88	64,33	96,49	0,60	0,72	0,84	0,96	1,08	1,21
38	27,60	34,50	41,48	69,86	103,51	0,65	0,78	0,91	1,04	1,17	1,31
39	29,75	37,19	44,61	74,78	111,88	0,71	0,86	1,01	1,14	1,28	1,43
40	31,12	41,40	49,88	82,88	124,21	0,78	0,94	1,11	1,25	1,41	1,57
41	33,65	44,56	53,47	89,12	133,68	0,87	1,05	1,22	1,39	1,57	1,74
42	36,98	49,47	59,37	98,54	148,42	0,98	1,17	1,37	1,56	1,76	1,95
43	41,88	54,83	65,82	109,70	164,56	1,11	1,33	1,55	1,77	1,99	2,21
44	48,57	60,47	72,58	120,93	181,40	1,25	1,49	1,74	1,99	2,24	2,49
45	52,02	65,01	78,83	130,85	195,08	1,40	1,68	1,96	2,25	2,53	2,81
46	56,08	71,21	85,47	142,45	213,88	1,57	1,89	2,21	2,52	2,83	3,15
47	61,34	78,18	95,81	158,36	237,54	1,76	2,11	2,46	2,82	3,17	3,52
48	68,68	85,85	103,81	171,69	257,54	1,95	2,34	2,73	3,13	3,52	3,91
49	74,20	92,73	111,29	185,49	278,24	2,16	2,59	3,02	3,45	3,88	4,32
50	81,03	101,28	121,54	202,57	303,85	2,37	2,85	3,32	3,81	4,27	4,75

COPERCANA SEGUROS

COBERTURAS DISPONÍVEIS

- Indenização, em caso de Morte, limitada a R\$ 1 milhão.
- Morte Acidental (MA).
- Invalidiz. Permanente Total ou Parcial por Acidente (IPA).
- Invalidiz. Funcional Permanente a Total por Doença (IFPD).
- Doenças: garante a prestação (ou serviço de reembolso) na ocorrência, até o limite do capital segurado contratado.
- Avaliação de Justiça: garante o dobro do valor contratado para Doenças tratadas a R\$ 10.000,00.

COBERTURA ESPECIAL PARA VIDA:

- Nos casos de diagnóstico de câncer de útero, mama e ovário, garante a indenização de 100% da cobertura de Morte, limitada a R\$ 400.000,00.
- O pagamento da indenização da Cobertura Especial PARAVIDA não cancela o seguro, permanecendo em vigor as demais coberturas contratadas.

Sorteio Mensal de R\$ 20.000,00

Proteção para diagnóstico de Câncer: Mama, Útero e Ovário



VIRADOURO

foca em produtividade

O assunto foi abordado na Reunião Técnica da Canaeste que contou com mais de 80 associados

Marino Guerra



Associados e equipe da Canaeste conversam sobre os desafios do setor antes de começar a reunião técnica

O tempo de estagnação da produtividade dos canaviais do Centro-Sul brasileiro parece que está vivendo os seus últimos momentos. Com o impeachment da presidente Dilma Rousseff; a tímida, porém real, retomada econômica e o desenvolvimento do campo no sentido de aprender a trabalhar com a colheita mecanizada, tendo em vista a bruta mudança (da queima para as máquinas), que fez todos adequarem

as suas respectivas aeronaves em pleno voo; o céu está começando a ficar limpo, e a partir de agora, se Deus quiser, as pautas das reuniões técnicas da Canaeste serão de assuntos que soam como música para os associados, como ganho de produtividade.

Em evento que aconteceu durante o mês de novembro em Viradouro, já deu para perceber um pouco desse clima, que ainda não é de empolgação, mas já dá para

perceber um início de alívio em todos, onde os mais de 80 fornecedores associados que estiveram presentes puderam assistir à apresentação do gerente de Produção Agrícola da Usina Cerradão, prof. universitário e consultor, Michel Fernandes, que falou sobre o manejo de pragas e doenças e os benefícios do programa AgCelence para o aumento de TCH (Tonelada de Cana por Hectare).



O gerente agrícola Michel Fernandes conta como a Usina Cerradão conseguiu aumentar significativamente a sua produtividade

A Usina Cerradão, localizada em Frutal-MG, mói hoje cerca de 3 milhões de toneladas de cana, sendo que 1/3 vem de fornecedores. A produtividade média sofreu um crescimento exponencial nas últimas safras, saindo de uma realidade de 75 para 90 toneladas por hectare.

Dentre os principais fungos enfrentados na região, estão a ferrugem alaranjada (que chegou a dizimar a

variedade SP 81 8250, que era muito produtiva, das terras deles) e o colletotrichum (causador da podridão vermelha), onde no período de seca chegou a matar cana planta da usina.



Equipe Canaoeste e Copercana, associados e representantes da Basf trocaram opiniões sobre o tema abordado no evento

A praga que deu mais trabalho para a equipe do palestrante foi a broca, para a qual foi adotada uma política de tolerância zero, ou seja, em 2014 eles tinham uma infestação de 8%, iniciaram um programa de aplicação de inseticida no momento que identificassem a broca, com isso o índice caiu para 3% em um ano. A partir daí eles passaram a fazer a aplicação de toda a área quando encontrava apenas um elemento em cana planta, primeiro e segundo cortes. Com isso a população está perfeitamente controlada hoje.

Com a cigarrinha o problema ainda era pior,



Como sempre os associados de Viradouro demonstraram grande interesse ao tema da palestra



Os representantes da Basf, Luís Carlos Martins Amorim e Marlon Henrique Marquezi, apresentaram detalhes sobre o Opera

segundo cálculos do gerente. No pico da infestação eles acreditam ter perdido cerca de 45 toneladas por hectare de cana, isso porque boa parte do canavial vem de áreas de pastagem, que beneficia a proliferação da praga. Para vencer a guerra, eles armaram dois ataques simultâneos com inseticidas e depois entraram com o controle biológico, e deu certo.

No caso do Sphenophorus a tática de combate foi baseada mais no manejo, onde na reforma do canavial eles fizeram o corte da soqueira e acrescentaram o agroquímico, depois fizeram rotação de cultura com soja e amendoim e tiveram paciência para deixar o solo cerca de 3 meses parado antes de plantar a cana. Com isso reduziram significativamente a incidência da praga.

As dicas dadas para o combate de doenças e pragas foram de muita importância, porém a grande estrela da noite foi o seu relato sobre o programa AgCelence, da Basf, que ele desenvolveu em conjunto com a multinacional na Cerradão.

O programa consiste na tese de que com a aplicação de fungicida (no caso o Opera) de maneira preventiva dará ganho de produtividade, pois o produto fará com que a folha fique mais verde, assim terá mais capacidade de fazer fotossíntese e, consequentemente força para enfrentar ataques em períodos que naturalmente estará mais fraca, que são os de seca.

Segundo Michel, em sua área de atuação, a empresa que trabalha e mais 6 unidades industriais formaram um pool para realizar a compra coletiva do produto, isso devido ao estrondoso sucesso prático que a prática fez. Ainda o agrônomo alerta que é necessário fazer duas aplicações, sendo a primeira em dezembro e a segunda 30 dias depois, e também alerta que para a eficiência da prática realmente aparecer, é preciso

aplicar enquanto a cana ainda não tenha fechado no céu.

Em Viradouro as notícias da produtividade de tal prática já foram constatadas, tanto que a Virálcool deverá fazer uso dela.

A recomendação dada aos fornecedores, pela gerente do Departamento Técnico da Canaoste, Alessandra Durigan, é de que façam um teste antes de comprar o produto para 100% da área. Ela também alerta os produtores menores a planejarem bem antes de tomar uma decisão, isso porque talvez o ganho de produtividade de um canavial que esteja próximo dos últimos cortes, ou ainda a inviabilidade de aplicação durante o melhor período, devido à programação de sua colheita, são variáveis importantes antes de se fazer qualquer investimento. 🌱



A gestora do Departamento Técnico da Canaoste recomenda realizar um planejamento antes de investir no uso prévio do fungicida

Um mundo de
oportunidades
te espera na
internet



11 anos de experiência
nos deram uma boa perspectiva.

Vivemos da internet e conhecemos os caminhos que
você precisa trilhar para gerar negócios online.

E como relembrar é viver
separamos algumas conquistas desta caminhada:

Baldan | 90% melhor posicionado no Google que seus concorrentes

Drogacenter Online | Redução de 88% dos custos com materiais impressos

Clínica Basile | 22 palavras entre as 3 primeiras posições após 4 meses de otimização

Dr. André Ventuzelli | 64 palavras-chave em 1º lugar no Google (cirurgia plástica ribeirão preto)

Papo Ita | 32 palavras em 1º lugar no Google

Nossa Sagrada Família | Aumento de 262% nas vendas online em 3 meses

Agavie | Aumento de 500% nas vendas online



SEO | Website | Loja Virtual | Redes Sociais
Inbound Marketing | Google Marketing
www.rgbcomunicacao.com.br

Sertãozinho
(16) 3947-1343
Centro
Rua São João da Boa Vista, 455

Ribeirão Preto
(16) 3254-9343
Edifício Office Tower
Ribeirão Shopping - Sala 1100



A CANAÓESTE

e o cálculo de custos

Associação é parceira do produtor na assessoria para ele mensurar de maneira mais eficiente o seu resultado no final da safra

Marino Guerra



Todo produtor rural, pequeno ou grande, sabe da importância em desenvolver uma gestão de custos dentro de sua propriedade. Porém também sabe o quanto é complicado iniciar esse tipo de cálculo. Dentre os principais desafios estão a implantação de uma rotina de apontamento e também a mensuração da profundidade dos

dados que realmente serão relevantes conforme as características da propriedade.

Se em uma fazenda há outra cultura, ou uma criação, junto com o canavial e também consome recursos, como mão-de-obra ou hora de máquina por exemplo, o agricultor precisa desenvolver uma forma onde o seu funcionário vai

informar quanto tempo se dedicou em cada função para, no final de um ano, ou de uma safra, saber qual foi a rentabilidade de cada produção.

Encarar uma empreitada dessas sozinho não é nada fácil. O pequeno produtor, que teoricamente tem o seu cálculo de custo mais simplificado, geralmente não possui recursos (tanto humano



como financeiro) para desenvolver um trabalho bem feito. Quanto maior vai ficando, mais complexos vão ficando as planilhas e sistemas e cada vez mais alto vai se tornando o valor da mensuração de custos.

Para o associado Canaoste, boa parte dos problemas são agilizados, isso porque sua equipe técnica possui profissionais que orientam o produtor qual o caminho correto para conseguir executar um trabalho condizente com a realidade de cada um. Além disso, a associação realiza um estudo onde o participante responde a um questionário sobre diversos custos diferentes de todo o processo produtivo da cultura (preparo do solo, plantio, trato de cana planta e trato de cana soca), que servirá de base para ele conhecer os gargalos de seu trabalho, através do comparativo com a média de sua região e tamanho.

Sem a presença do serviço prestado pela associação, a estrada da implementação de uma gestão e controle de custos eficiente na propriedade pode haver buracos que faça o produtor perder recursos para a promessa de softwares que dizem entregar tudo pronto ou então consultorias que no final

das contas estarão nas primeiras colocações no ranking de maior investimento da safra.

A Revista Canavieiros entrevistou o fornecedor de cana e diretor da Canaoste, Paulo Paulista Leite Silva Júnior, durante a “Oficina sobre Cálculo de Custos” realizada pelo Pecege, em Ribeirão Preto, sobre o tema. Confira os seus pontos de vista.

Revista Canavieiros: Por que o fornecedor de cana precisa se aprofundar mais nos cálculos de custos de sua atividade?



Paulo Paulista: O primeiro ponto é que o fornecedor tem que encarar a propriedade dele como qualquer outra empresa. Partindo desse princípio ele precisa se dedicar em realizar orçamentos e planejamentos e para isso vai ter que buscar conhecimento sobre a área de custos. Com isso ele passará a enxergar a rentabilidade da atividade e conseguirá tomar as medidas necessárias para alavancar a sua performance.

Revista Canavieiros: Tendo em vista a sua experiência como produtor aliado ao conteúdo assimilado nessa oficina sobre custos, o quanto profundo terá que ser o cálculo dos custos para conseguir fazer uma boa leitura do seu negócio?

Paulo Paulista: O passo inicial é conhecer a produção como um todo. Com esse cenário em mãos será possível enxergar onde estão os ralos, os ladrões de recursos. A partir daí, com o ganho de conhecimento e tempo de recolhimento dos dados, os indicadores vão ficando cada vez mais nítidos e exatos. Porém, antes disso é necessário planejar e organizar a estrutura de apontamento dos dados, esse é

com certeza o grande gargalo para o fornecedor de cana.

Revista Canavieiros: Fale um pouco mais sobre a realidade em uma propriedade rural sob o foco do apontamento de dados?

Paulo Paulista: Na grande maioria dos casos há uma falha muito grande de apontamento. Geralmente o fornecedor de cana solta a produção e não mede nada, não mede dados básicos como, por exemplo, o quanto uma máquina está consumindo de diesel ou quanto tempo leva para executar determinada atividade. Então falhar nesse quesito primário vai comprometer qualquer tentativa de levantamento de custos, não adianta contratar consultores ou investir em sistemas se não for feito o básico, que é o apontamento, pois sem apontamento não dá para medir custos.

Revista Canavieiros: Se levarmos em consideração que um pequeno ou médio produtor não tem braço suficiente para organizar uma estrutura de apontamento e cálculo de custos devido ao tempo que essa atividade demanda, como você propõe que ele possa se organizar?

Paulo Paulista: Eu enxergo que o tamanho do trabalho de cálculo de custo em uma fazenda está ligado ao seu tamanho (do produtor), então para o pequeno e médio fornecedor basta ter a iniciativa para primeiro buscar o conhecimento básico, depois planejar e executar bem uma metodologia de apontamento e, finalmente, organizar esses dados em uma simples planilha. Quanto maior e mais diversificada é a área aí a demanda por dados mais complexos também passa a crescer.

Revista Canavieiros: Tendo como base a sua experiência como fornecedor, quais são os principais



Paulo Paulista - diretor da Canaeste, fala sobre o importância em se trabalhar com o cálculo de custo na produção de cana

custos da atividade?

Paulo Paulista: Sem dúvida nenhuma os insumos (fertilizantes e agroquímicos) e o CCT (corte, transbordo e transporte) são os que mais assombram um produtor de cana.

Revista Canavieiros: Na safra passada, o valor do ATR refletiu o boom dos preços do açúcar

gerando uma boa remuneração para o fornecedor e todos sabem que o que aconteceu foi atípico. Baseado nisso, como você vê o comportamento dos preços na safra atual e também essas oscilações de preço?

Paulo Paulista: Em decorrência dos ótimos preços da safra passada, a tendência é que os números referentes ao valor do ATR sejam menores em 17/18. Acredito que não conseguirá atingir a casa dos R\$ 0,60 por kg de ATR na média dos 12 meses, o que seria um cenário considerado ideal para os fornecedores. As oscilações de mercado estão atreladas ao negócio, pois o produto final da nossa matéria-prima são commodities. Quem já está há um tempo no mercado sabe da importância de aproveitar as marés boas, como a do ano passado, e ter a flexibilidade para conseguir operar de maneira mais enxuta nos períodos de ressaca.

Revista Canavieiros: Qual será o impacto para o produtor de

Produtividade (kg/t e t/ha) e longevidade

Mensagem final da oficina sobre custos que aconteceu em Ribeirão Preto e foi organizada pelo PECEGE

cana se o RenovaBio entrar em vigor?

Paulo Paulista: Acredito que ele poderá alavancar a questão da remuneração, é uma grande esperança para toda cadeia produtiva, o problema que ele travou justamente a hora que foram envolvidas as questões políticas e tudo que depende de Brasília hoje é muito imprevisível. Portanto, o setor precisa ter um plano B, toda a cadeia precisa trabalhar de maneira intensa na questão do valor agregado, o ambiental, que o Etanol tem, esse ponto está sendo muito pouco explorado. Acredito que quando a sociedade brasileira como um todo entender todo o passivo ambiental que o álcool é capaz de reduzir, o consumo vai melhorar independentemente de programas governamentais. Hoje o consumidor só pensa na conta dos 70%, somente no preço, faz a conta

e somente se achar mais vantajoso coloca o biocombustível, a preocupação com o meio ambiente é praticamente nula.

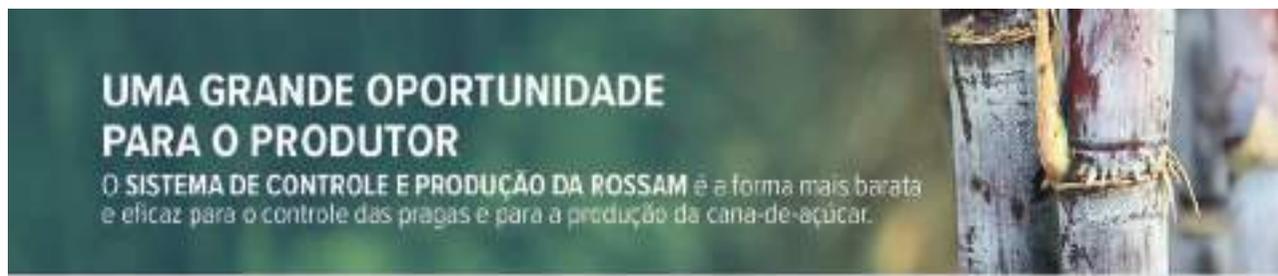
Revista Canavieiros: Como você vê o Consecana hoje? Quais aspectos precisam ser alterados ou revistos no sentido de tornar mais justa a remuneração do fornecedor?

Paulo Paulista: O Consecana está defasado há algum tempo, uma revisão passou do tempo para ser feita. O combinado era de que a cada 5 anos ele teria que ser revisto. Alguma coisa foi feita, mas as mudanças foram mais políticas, nada tecnicamente embasado e o ponto principal é a questão da participação da matéria-prima no sistema como um todo. Além disso o cenário mudou, hoje temos outros produtos sendo produzidos, como por exemplo a palha e o bagaço, que não estão

sendo contemplados, então a revisão precisa ter esse foco.

Revista Canavieiros: Na sua visão, hoje é melhor o produtor investir em maquinário próprio ou participar de uma frente no caso do CCT ou então focar na qualidade de seu canavial e negociar com a unidade industrial descontos por desempenho de produtividade?

Paulo Paulista: Isso pode variar muito em cada região produtora, por exemplo. Em locais onde existe uma competitividade maior pela cana, compensa investir em qualidade, porque de qualquer forma vai conseguir que a usina vá lá e preste o serviço, e acaba tendo até subsídio em cima desse CCT. No caso onde a concorrência é menor, talvez seja mais viável montar uma frente, mas essa frente depende de várias coisas, a questão principal é sobre a gestão desse maquinário. 



UMA GRANDE OPORTUNIDADE PARA O PRODUTOR

O SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM é a forma mais barata e eficaz para o controle das pragas e para a produção da cana-de-açúcar.

Resulta no controle da **cigarrinha-da-raiz** - *Mahanota fibrialata*, do **percevejo-castanho** - *Scaptocoris castanea* e *Atractodes* *brochivora* e ainda dos **bessuros pão-de-galinha** - *Ligyrus* spp., *Stenocratus* spp., *Eutheola fumis*, **broca-da-cana** - *Megdala* *lyarus*, **gorgulho-da-cana** - *Sphenophorus* *lewis*, **bessouro-rajado-da-cana** - *Metamasius hemipterus* e também dos **cupins** *Metecolasma tenuis*, *Procapritermes* sp., *Nocapritermes* sp., *Syntermes* sp. e *Syntermes* sp.

Sem uso de produtos químicos, favorece a manutenção da capacidade produtiva do solo, preservando o meio ambiente e a saúde dos trabalhadores. Por ser biológico, não provoca **resistência**, garantindo mais lucros ao negócio agrícola.

Os resultados alcançados pelo SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM superam todos os que obtidos com a prática convencional, com ganho médio superior a 25 t/ha, melhorando o resultado final de ATRT de cana em 15% no primeiro ano de sua implantação, sendo ainda um controle poroso que acompanha todo o ciclo da cana-de-açúcar.

O SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM aproveita-se das outras operações já previstas na cultura ou mesmo na aplicação da vinhaça e uso da água residual, sem mudanças no dia-a-dia da fazenda.

Agende uma visita técnica sem qualquer custo!

E-mail: rossam@rossam.com.br
Tel: 19 3896 2567





ESTREITANDO

relacionamentos

Reunião do projeto Caminhos da Cana enfatiza mudanças estruturais que podem aproximar ainda mais os produtores

Diana Nascimento



Equipe Cana oeste esteve presente em reunião do programa "Caminhos da Cana"

O programa Caminhos da Cana, que está em seu quarto e último ano de atividades, realizou um encontro na EECB (Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro) onde reuniu representantes da Orplana, Bayer, Cana oeste e Coopercitrus

para debater assuntos do setor sucroenergético.

O anfitrião José Roberto Sardelari, diretor de Marketing da Coopercitrus, salientou que a cooperativa tem em sua essência o atendimento integral às demandas do produtor e de seus cooperados, seja com informação

técnica, fornecimento de insumos, fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos. "Para fechar tudo isso é imprescindível a informação técnica e de mercado para que possamos estar preparados nesse mundo tão competitivo, para termos lugar em meio às fusões entre



Ortolan aproveitou o encontro para lançar a campanha pró-civismo "Oh Pátria Amada"

grandes empresas e multinacionais. Precisamos fortalecer as entidades, as cooperativas e as associações para que juntos tenhamos melhores condições de negociação e pleitear aquilo que é importante para o setor”, convocou.

Manoel Ortolan, presidente da Canaoeste, completou dizendo que o “Caminhos da Cana” traz mais do que informações: valoriza a imagem do produtor e do setor em várias regiões do país. O projeto foi para os estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. “Foi um trabalho excelente para o setor em termos de informação e de valorização do trabalho do produtor de cana. Temos, nas reuniões, informações atualizadas sobre nosso setor e o agronegócio”, analisou.

Ortolan aproveitou a oportunidade para lançar uma ideia. “Quem viaja para os EUA nota que há bandeiras do país em vários lugares como casas, escolas, comércio e indústria. Os americanos têm um nacionalismo muito forte. Poderíamos fazer esse trabalho de embandeirar o nosso país também e, principalmente, fazer isso através do agronegócio”, sugeriu.

Ele contou que Gustavo Chavaglia, presidente do Sindicato Rural de Ituverava e da Aprosoja-SP, realizou uma campanha de civismo durante o plantio. “O sindicato comprou

mais de 500 bandeiras e entregou para os produtores rurais colocarem nos tratores, caminhonetes e em suas casas”, explicou Ortolan que está tentando fazer o mesmo em Sertãozinho, juntamente com o Ceise Br, Acis (Associação Comercial e Industrial de Sertãozinho), Lions, Canaoeste, Copercana e Sicoob Cocred.

“Vamos lançar esse movimento também e embandeirar as nossas cidades, nossas fazendas. É importante ter a bandeira na fazenda e em nossos veículos. Vamos aproveitar o período de plantio e colocar nos tratores, nos implementos e nas máquinas. Em um momento deste que o país está passando, estamos inertes. Está faltando alguma coisa para alimentar o nosso ânimo. A bandeira é um símbolo muito forte, é o principal símbolo do país e é preciso resgatar um sentimento mais forte de nacionalismo. Isso não resolverá nossos problemas, mas talvez ajude a encontrar soluções, dando um novo ânimo para nós”, sintetizou Ortolan.

O assessor parlamentar Sérgio Cruz representou o secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim, e parabenizou a iniciativa da Orplana em realizar o road-show pelo Centro-Sul, debatendo e discutindo as questões do setor. “Acho que nos acucamos muito, não colocamos para fora a real importância que temos. Se não fosse o setor sucroenergético, o país estaria em uma situação de muita dificuldade. O setor passa por falta de incentivo do Governo e pela falta de compreensão por parte da sociedade. Para ela somos nós que desmatamos e prejudicamos o meio ambiente, mas ninguém vê os benefícios que o setor traz: uma agricultura sustentável e com maior índice de produtividade, uma das melhores agriculturas do mundo”, defendeu.

Após a abertura da reunião, deu-se início à agenda através de bate-papos

informais. O primeiro deles foi com Antônio Soares, consultor de Desenvolvimento de Mercado da Bayer. Soares comentou sobre os produtos, lançamentos e tecnologias que a Bayer traz para o produtor de cana. “Estamos trabalhando desde o início do ano com o novo herbicida Alion, um produto bem diferente de tudo o que o produtor já teve para trabalhar em controle de plantas daninhas. Estamos ainda no aguardo de uma autorização para comercializar mais um inseticida para o controle de broca”, adiantou.

Em sua apresentação, Soares abordou sobre as recomendações para o alcance de melhores resultados no controle da cigarrinha-das-raízes. “Essa praga tem sido um desafio para o produtor”, afirmou.

Entre os tópicos apresentados pelo consultor da empresa estão o



Soares sugeriu recomendações para o alcance de melhores resultados no controle da cigarrinha-das-raízes

comportamento da praga e a dinâmica do banco de ovos no solo. Soares sugeriu a necessidade de se realizar um tratamento o quanto antes, pois a cigarrinha é um inseto sugador que insere toxinas que desregulam a planta, atacando a fisiologia da cana-de-açúcar.

“Os níveis de controle hoje são muito baixos. É preciso cuidado e estar

atento a isso”, observou ao destacar que a maior eficiência de controle se dá com a aplicação terrestre.

Não é só no campo que a cigarrinha resulta em prejuízos. A praga também apresenta impactos na área industrial ao influenciar na cor do açúcar e em uma menor eficiência fermentativa. “Precisamos aumentar a produtividade e o fornecedor de cana está conseguindo fazer isso ao produzir 110, 120 toneladas de cana por hectare. É possível alcançar a cana de três dígitos com uma estratégia de manejo eficiente”, frisou Soares.

Compartilhamento e economia de escala

Após a apresentação sobre recomendações para o alcance de melhores resultados no controle da cigarrinha-das-raízes, foi a vez do professor da FEA/USP, Marcos Fava Neves, comentar sobre o programa Caminhos da Cana, com o tema “Fortalecendo Relacionamentos”.

“No ano passado, o tema foi eficiência. Para o ano que vem espera-se um crescimento maior nesta década do que na anterior, pois está sendo criado um mercado puro”, salientou Fava Neves.

Com o crescimento da China em 6,7%, cria-se um importante mercado para os produtos brasileiros e o setor. Somente no ano passado, a China comprou US\$ 21 bilhões do Brasil e o país pode dominar o trading de grãos.

“Internamente, podemos esperar uma economia separada da política, índices de confiança em patamares melhores. Estamos em lento crescimento econômico, vendas no varejo reagindo, balança comercial com um belo saldo, gestão nas estatais e governança, avanço de importantes reformas, as privatizações podem retornar com êxito, assim como o avanço da filosofia liberal”, enumerou Fava Neves.

O professor também destacou



Segundo Fava Neves, construir margem é essencial para o setor

a imagem do produtor. Para ele, nos últimos 20 anos, a imagem do agricultor tem mudado perante a sociedade. “O produtor brasileiro é o que mais preserva o meio ambiente, não invade a Amazônia e nem áreas indígenas”, frisou.

Paralelo a isso, o setor constrói margem via tecnologia apesar dos problemas da cultura como produtividade (diminuímos a média em 10 anos), produção estagnada e endividamento. No entanto, seus produtos são sempre um destaque, vide o açúcar que apresenta crescimento no mercado mundial.

Já para o etanol, é difícil fazer previsões, pois as variáveis são muitas, além da dimensão da frota flex (89% dos carros novos são flex). “Se a frota flex for para o posto, consumirá 20 milhões de toneladas de cana. O etanol está rentável no momento com o atual preço da gasolina”, quantifica Fava Neves.

Além de açúcar, etanol e cogeração de energia, a cana apresenta outras possibilidades de produtos como plástico, bioquerosene, célula a combustível, compensado de bagaço, papel e tijolo.

Entre as mudanças em curso, o professor aponta a economia circular (cana e confinamento), uso de tecnologia para aumentar

a produtividade, gestão da propriedade por m² e economia do compartilhamento (trator, colhedora e implemento). “É preciso dialogar com quem está perto da gente. As associações terão que buscar isso para oferecer aos fornecedores a economia de escala”, adiantou.

Fava Neves também enfatizou a busca pela excelência e inovação através de investimento, mais competitividade no mercado, maior produção e geração de valor e renda. “Construir margem é essencial para o setor”, sentenciou.

Consecana

Ao apresentar e comentar sobre o Sistema Integrado Orplana, Celso Albano, gestor executivo da entidade, pontou as bases de um possível novo modelo Consecana que inclui eficiência operacional, operações e custo final. O modelo prioriza a meritocracia, se é associado, se possui certificação, qualidade e outros. A ideia é aplicar o que já acontece no mercado e ter um Consecana com remuneração variável.

“Entender Consecana é entender custo de produção. O produtor não tem controle de seus custos de maneira generalizada”, finalizou Albano. 



De acordo com Carvalho, o produtor não tem controle de seus custos de maneira generalizada

10^o Congresso Nacional Bioenergia



Temos **1564** motivos para agradecer!

1.564 - Congressistas (entre participantes, moderadores, palestrantes)

240 - Palestrantes e Moderadores

189 - Utilizadores de 11 Estados

74 - Empresas fornecedoras de insumos e serviços

68 - Estudantes do Projeto Profissional do Futuro

62 - Associações e Fornecedores de Cana-de-açúcar

26 - Startups

16 - Universidades

13 - Institutos e centros de pesquisa

SUCESSO TOTAL

PROMOÇÃO



REALIZAÇÃO



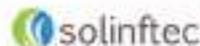
ORGANIZAÇÃO



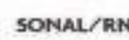
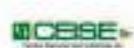
LOCAL



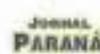
APOIO CULTURAL



APOIO INSTITUCIONAL



MÍDIA PARCEIRA





Notícias Sicoob Cocred

BALANCETE MENSAL



SICOOB COCRED COOPERATIVA DE CRÉDITO

3214 - SICOOB/SP COCRED

CNPJ 71.328.769/0001-81

BALANCETE MENSAL (prazos segregados)

SETEMBRO 2.017

Valores em Reais

Ativo	Setembro/2017
Circulante	
Disponibilidades	6.988.847,86
Títulos e valores mobiliários	908.070.889,29
Relações interfinanceiras	21.261.795,48
Operações de crédito	913.941.866,93
Operações Cedidas	21.191.253,16
Outros créditos	32.866.669,00
Outros bens e valores a receber	200.528,55
	1.904.521.850,27
Realizável a longo prazo	
Títulos e valores mobiliários	216.115.490,38
Operações de crédito	538.953.942,47
Outros créditos	288.129.669,93
Outros bens e valores a receber	76.580.894,07
	1.119.779.996,86
Permanente	
Investimentos	70.143.957,87
Imobilizado	12.199.491,35
Intangível	1.790.387,22
	84.133.836,44
Total do ativo	3.108.435.683,56
Passivo e patrimônio líquido	Setembro/2017
Circulante	
Depósitos à vista, à prazo e sob aviso	1.264.831.704,50
Letra de Crédito do Agronegócio - LCA	424.455.309,71
Relações de interdependência	3.346,23
Obrigações por empréstimos e repasses	563.900.884,75
Obrigações sociais e estatutárias	9.273.809,14
Obrigações fiscais e previdenciárias	1.640.005,39
Obrigações por Operações Vinculadas a Cessão	21.455.450,13
Outras obrigações	34.417.591,96
	2.319.978.101,81
Exigível a longo prazo	
Obrigações por empréstimos e repasses	259.844.402,90
Obrigações sociais e estatutárias	1.715.741,71
Outras obrigações	23.959,65
Provisão para contingências	164.413.200,54
	425.997.304,80
Patrimônio líquido	
Capital social	250.020.854,89
Reserva legal	104.005.236,21
Sobras ou perdas acumuladas	-4.877.650,66
	349.148.440,44
Resultado	
Conta de Resultado Credora	101.448.969,49
Conta de Resultado Devedora	-88.137.132,98
Sobras ou perdas acumuladas	13.311.836,51
Total do passivo e patrimônio líquido	3.108.435.683,56

Sertãozinho/SP, 30 de setembro de 2017.

ADEMIR JOSÉ CAROTA
Contador - CRC ISP 259963/O-8
CPF. 303.381.738-62

ANTONIO EDUARDO TONIELO
Pres. do Conselho de Administração
CPF. 053.128.258-91

MANOEL CARLOS DE AZEVEDO ORTOLAN
Vice Pres. do Conselho de Administração
CPF. 442.235.018-87

MÁRCIO FERNANDO MELONI
Diretor Administrativo e Financeiro
CPF.020.627.168-93

FRANCISCO CÉSAR URENHA
Diretor de Crédito
CPF. 002.749.498-57

VINICIUS GRASSI PONGITOR
Diretor de Negócios
CPF. 172.200.438-05



AQUI SEUS INVESTIMENTOS CRESCEM MAIS

Quer fazer o seu dinheiro crescer? Conheça as opções de investimento que a Sicoob Cocred oferece a você

- LCA: rentabilidade e segurança, sem incidência de IR* para PF;
- Superaplic: aplicação com ganhos diferenciados e competitivos;
- Poupança Sicoob: disponível para associados e não associados, contribui com o desenvolvimento de sua região.

Ouvatória Sicoob Cocred 5100 725 0996



Procure seu gerente.



Aumente sua movimentação e aumente suas sobras.



As melhores *experiências* na sua mão



Experimente o **Sicoobcard**.

A Sicoob Cocred oferece o cartão que permite suas melhores experiências. Como tudo o que você usa aqui da cooperativa, ele é sua melhor opção.

Experimente e descubra o que só o Sicoobcard tem:

- Anuidades e juros mais baixos do mercado
- Quanto maior o uso, maior o desconto na próxima anuidade
- Recomposição online do limite em poucos minutos
- Dólar do dia anterior para compras no exterior
- Gerenciamento personalizado do cartão pelo APP
- Pontos que valem mais



SICOOBCOCRED
Cooperativa de Crédito



Reportagem de Capa

OS NOVOS SUPER-HERÓIS

Chegou o momento que o setor vai “salvar” o mundo

Marino Guerra



Os super-heróis que vão “salvar” o mundo não vestem capas ou cintos com poderes especiais, mas todo dia de manhã calçam botinas (rurais ou de segurança industrial). Eles não se locomovem voando, mas no meio dos canaviais.

Os responsáveis por “salvar” o mundo possuem força para entortar ferros e fazer máquinas tão grandes quanto os transformes, eles também têm o poder de identificar e combater perigosos seres que habitam o fundo da terra, têm os heróis que conseguem dominar o vapor. Nessa liga ainda existe uma verdadeira legião de magos: os mestres dos cálculos, do crescimento e das reações químicas, além de líderes que possuem

o poder de unir, organizar e potencializar essa gigantesca gama de poderes para transformar a luz do sol em energia que vai destruir o maior vilão que já ameaçou a humanidade, o Efeito Estufa.



Cana sendo entregue na destilaria para “salvar” o mundo

A metáfora acima foi utilizada para resumir qual será a função de cada pessoa envolvida com o setor agroenergético depois que o Renovabio, programa de incentivo aos biocombustíveis, for aprovado pelo Congresso Nacional (espero que quando você estiver



Liderança do setor e futura geração: a missão é “salvar” o mundo

lendo essa matéria ele já tenha passado). O fornecedor, o técnico agrícola, assim como o engenheiro agrônomo, como o tratorista, o metalúrgico, o porteiro da usina, o operador de caldeira, o contador, a faxineira, o diretor, o frentista, ao chegarem em casa vão dizer uma frase antes de descrever como foi o dia de trabalho. – Hoje eu salvei o mundo.

O agrônomo vai chegar dizendo: - Hoje eu salvei o mundo combatendo a cigarrinha. O metalúrgico: - Hoje eu salvei o mundo construindo uma caldeira nova. O responsável pelo departamento fiscal: - Hoje eu salvei o mundo pagando os impostos.

E por que somente esse setor tem a capacidade de salvar o mundo sendo que existem outras formas de se produzir energia limpa? Essa resposta é bem simples, o único ser vivo que capta gás carbônico do ambiente (principal causador do aquecimento global) são as plantas, sendo a cana-de-açúcar uma das principais culturas sequestradoras do gás, ou seja, elas vão limpar o que o planeta suja e continua sujando desde a revolução industrial (em larga escala). Sobre as outras formas sustentáveis de se produzir energia, como solar e eólica, também são importantes para deixar de haver mais emissões, porém o poder delas termina aí.

A mágica na verdade é bem simples, foi criado um programa que agregue o valor ambiental aos biocombustíveis, dando assim a capacidade competitiva perante aos combustíveis fósseis, que são os principais causadores do efeito estufa.

O grande ponto é que ele não depende exclusivamente da boa vontade governamental, seu desenvolvimento não vem de impostos, de exoneração fiscal ou

subsídios, mas através da criação de um mercado de sequestro de carbono, que vai funcionar da seguinte maneira: Auditores independentes vão fiscalizar toda a cadeia produtiva (canaviais, indústria de base, unidades produtoras e distribuidoras) onde através de um protocolo de normas e práticas terão uma pontuação em relação a quantidade de CO2 que estão retirando ou deixando de emitir na atmosfera.

Baseado nesse resultado, eles terão o direito de emitir uma determinada quantidade de certificados (que chamarão CBIO) e serão vendidos na Bolsa de Valores. Em contrapartida, as distribuidoras de combustíveis, que vendem os fósseis, terão pontos a pagar, tendo que comprar os certificados para não serem penalizadas com multas.

A formação desse mercado fará com que as empresas mais eficientes, sob o aspecto da descarbonização, ganhe mais, isso porque do lado das produtoras de biocombustíveis, quanto maior for sua produtividade de açúcar por hectare, maior será sua eficiência e, conseqüentemente, mais certificados poderá emitir, do outro lado, quanto mais as distribuidoras aumentarem a participação do etanol e do biodiesel no resultado final de suas vendas, menor será seu saldo negativo e com isso reduzirá custo.

Se o Renovabio não sair

O etanol hidratado vai acabar, cerca de um terço do setor vai dissolver, inclusive no Brasil já existem regiões onde não há a bomba do biocombustível no posto, e só está de pé depois do estrago que o Governo Dilma causou ao setor ao mascarar para baixo o preço da gasolina a fim de segurar artificialmente a inflação, devido a políticas estaduais como a do governador Geraldo Alckmin, que baixou o valor ICMS do produto para metade em relação ao fóssil; a resistência de unidades produtoras e fornecedores que já contavam com uma administração estruturada



Consumidor "salvando" o mundo



antes do tombo; e a Deus, pelo maravilhoso ano de 2016, onde uma combinação de fatores, mais difícil de acontecer que o “royal flush” (a melhor mão possível no poker que consiste na sequência de dez, valete, dama, rei e ás, todos do mesmo naipe), fez com que o preço internacional do açúcar batesse todos os recordes históricos.

Segundo o diretor do Departamento de Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia, Miguel Ivan Lacerda de Oliveira, durante painel sobre o programa realizado no 10º Congresso Nacional da Bioenergia, “as distribuidoras de combustíveis não ficariam nada tristes se o hidratado realmente morresse” e, para ilustrar isso, ele usa o exemplo da célebre campanha dos “Postos Ipiranga”, onde o divertido personagem, que até por ironia do destino na maioria dos vídeos está na roça, manda seus companheiros de cena ao posto comprar de tudo, de gasolina até passagem aérea, só que nunca, isso que a campanha está no ar desde 2011, ninguém perguntou onde encontraria etanol, o combustível que salvará o mundo.



Miguel Ivan Lacerda de Oliveira: “As distribuidoras de combustíveis não ficariam nada tristes se o hidratado realmente morresse”

E como será a qualidade do ar em um cenário sem o Renovabio? Pergunta lá em Paris, onde níveis alarmantes de poluição do ar já chegaram a encobrir a Torre Eiffel e em dezembro do ano passado quebrou todos os recordes da década. Ou então em Nova Délhi, cidade que foi apagada do mapa por uma névoa

de poluição, onde segundo a associação médica local, respirar o ar equivale a fumar 50 cigarros em um dia.



É assim que você quer que os seus filhos e netos conheçam as maravilhas do mundo?

Emaranhado político

Quarta-feira, 15h45m, dia 22 de novembro de 2017, teatro da Unip de Araçatuba. O presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais), Mário Ferreira Campos Filho, mediava um debate sobre o Renovabio durante a 10º Congresso Nacional da Bioenergia.



O líder Mário Campos foi quem deu a boa nova sobre a aprovação da votação em regime de urgência do Renovabio

No exato minuto relatado acima, o então mediador pede a palavra e anuncia que a Câmara dos Deputados havia acabado de aprovar o regime de urgência para a votação do revolucionário programa de biocombustíveis, então o que se percebeu nas feições dos ocupantes do painel, (Mário Campos; Miguel de Oliveira, Ministério de Minas e Energia; Plínio Nastari, principal voz da sociedade civil no Renovabio; Arnaldo Jardim, secretário da Agricultura de São Paulo; José Mauro Ferreira Coelho, diretor do EPE, Empresa de Pesquisa Energética e Pietro Sampaio Mendes, da ANP, Agência Nacional do Petróleo) todos umbilicalmente ligados com o projeto, foi de alívio. Isso porque, em conversas informais, unânime a confiança em sua aprovação, porém o confuso Governo Temer quase deu um tiro no próprio pé.



Primeiro painel sobre o Renovabio durante o 10º Congresso Nacional de Bioenergia

Tudo começou em dezembro de 2016, quando o Ministério de Minas e Energia, cujo o titular da pasta, o ex-deputado Fernando Bezerra Filho, deu o primeiro passo para transformar o Brasil na maior potência mundial em produção e consumo de biocombustíveis. Até agosto de 2017 o texto andou bem pelos diversos ministérios onde foi enriquecido com diversos pareceres, porém quando chegou na parte política, Casa Civil, onde o titular é o ex-deputado Eliseu Padilha, ele travou.

Nesses quatro meses de negociações políticas, o Renovabio conheceu os seus dois principais inimigos. O primeiro é o ministro da Fazenda Henrique Meirelles e sua equipe, onde apontou o programa

como possível causador de renúncia fiscal, temendo uma explosão no consumo de etanol e biocombustíveis e inflacionário a médio e longo prazo, em decorrência do aumento do valor conforme variações de demanda. Quanto ao fator fiscal é incoerente, tendo em vista que a produção do combustível limpo também é taxada e a longo prazo diminuirá gastos com a saúde pública. Sobre o temor inflacionário ele também existe em um país dependente de combustível fóssil, em setembro a passagem do Furacão Harvey nos Estados Unidos fez com que o preço da gasolina aumentasse em mais de 2% e do diesel mais de 4% no Brasil, além disso, mesmo que em algum momento a cana-de-açúcar ameasse o equilíbrio inflacionário da nação, com um simples dispositivo no texto ou então um decreto, o problema estaria resolvido.



Padilha e Temer, Renovabio travado

Argumentos muito frágeis vindos de uma pasta chefiada por um dos maiores nomes da história recente da economia brasileira. Talvez o segundo inimigo, esse declarado, tenha convencido a equipe econômica a travar o projeto, as distribuidoras de combustíveis atuam escancaradamente contra, isso pelo egoísta motivo, os fósseis dão mais lucro.

A intenção da casa civil, fazenda e planalto ficou clara quando todos esperavam de Michel Temer encaminhasse ao Congresso Nacional o Renovabio como medida provisória (o que deixaria o trâmite muito mais rápido), ele encaminha a MP 795, que prevê uma extensa política de subsídios (R\$ 1 trilhão em 25 anos), para empresas internacionais explorarem as reservas do petróleo, principalmente as do pré-sal.

Foto: Fernando Aguiar



Ministro Fernando Bezerra Filho, um dos pais do Renovabio, caminha por Meirelles e Padilha, atores que trabalharam contra o projeto: apenas deles o programa passou

Foto: Saulo Cruz - MMME

Não era medo da inflação, muito menos renúncia fiscal, até o apetite das distribuidoras é menor. A verdade que o grande inimigo dos combustíveis verdes é o dinheiro fácil e improdutivo que sustentou durante anos administrações públicas incompetentes, chamado royalties.

A bomba explodiu na semana do dia 13 de novembro, com o início da Conferência da ONU sobre mudanças

climáticas em Bonn na Alemanha (COP-23). No dia seguinte o deputado Evandro Gussi (PV-SP) protocolou o texto no congresso como projeto de lei e pediu que fosse analisado um pedido de urgência, o que foi aprovado no dia 22 de novembro, o dia do alívio em Araçatuba.

A resposta dos deputados a inoperância do Palácio do Planalto equivale a um golaço de empate, segundo o consultor Guilherme Nastari, essa será a primeira vez que haverá uma política que estimule a eficiência, no entanto só a vitória interessa para levantar o caneco (espero que ao ler essa matéria ela já tenha vindo, segundo fontes ela deverá ser votada na última semana de novembro e passará com facilidade).

Não é só gás carbônico

O exército de super-heróis que formam o setor agroenergético não tem apenas o efeito estufa como grande adversário, as doenças respiratórias, causadas pela emissão de outros poluentes provenientes da queima de combustíveis também são um vilão que precisa ser liquidado.

Segundo o diretor do EPE, José Mauro Ferreira Coelho, o brasileiro vai deixar de respirar várias substâncias causadoras de diversos problemas de saúde pública. Hoje o componente poluidor que mais preocupa os especialistas é o material particulado, uma mistura de partículas sólidas



Guilherme Nastari: A aprovação do Renovabio entrará para a história como a primeira vez que será desenvolvida uma política que premiará a eficiência e não o protecionismo



O maior vilão do planeta atende pelo nome de gasolina

ou líquidas produzida pelos motores durante a queima dos combustíveis, por serem pequenas, elas permanecem em suspensão fazendo com que sejam facilmente inaladas, o que acarreta em diversas doenças respiratórias, pulmonares e até em outros órgãos.

Para se ter ideia da relação direta que há sobre o uso do etanol e a diminuição desses poluentes, o professor José



José Mauro Ferreira Coelho, do EPE: O Renovabio tem também um caráter muito importante, o de solucionar problemas de saúde pública

Goldemberg (presidente da Fapesp, fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo), em artigo publicado no Estadão, relata estudo feito por pesquisadores do Instituto de Física e de Astronomia e Ciências Atmosféricas da USP, onde eles pegaram dados coletados pela Cetesb ao longo de décadas e que medem a qualidade do ar na Capital paulista.

O resultado foi absoluto, de 1988 até 2015, reduziu em 20 vezes as emissões de material particulado, isso em uma cidade onde o número de veículos pulou de 1 para 7 milhões somente nesse milênio. Porém, o mais importante nesse estudo foi a correlação na concentração do poluente relacionado à variação do valor do etanol hidratado depois da entrada da frota flex, onde o consumidor decide qual combustível utilizar. Entre janeiro e maio de 2011, o preço do combustível vindo da cana teve um aumento significativo, fazendo com que os paulistanos enchessem seus tanques com gasolina, o resultado foi a elevação em porcentagem muito próxima ao consumo das partículas no ar. Quando os preços voltaram a cair, o número de partículas também caiu.

Outra opinião de que o próximo avanço da sociedade é acabar com a era do petróleo, isso não significa que ele deixará de ser usado, mas será usado de maneira racional



Elizabeth Farina, citou o artigo do professor Goldemberg durante o Congresso Nacional de Bioenergia organizado pela Udop

respeitando os limites da terra, assim como a pedra não deixou de ser utilizada ao final do seu período, é do médico, pesquisador e professor da Faculdade de Medicina da USP especializado em fisiopatologia pulmonar e poluição atmosférica, Paulo Saldiva, em estudo realizado há 4 anos, onde o resultado mostrou se somente a cidade de São Paulo utilizasse unicamente gasolina, o custo anual do SUS seria de no mínimo R\$ 380 milhões a mais, somente para cuidar casos de doenças do sistema respiratório, fora as complicações.

Os dados citados acima, como outras de centenas de estudos, mostram que não pode ser mais uma questão de valer 70%, ou então amenizar o sofrimento de franceses ou indianos, mas ao parar no posto e decidir em colocar etanol ou gasolina, o consumidor também estará decidindo se quer passar sua terceira idade pendurado em um balão de oxigênio ou então se seus filhos e netos serão obrigados a carregar uma bomba para asma por onde forem.

Daqui para a frente, tudo vai ser diferente

Muito se trabalhou para chegar nesse momento histórico, como disse o Guilherme Nastari, no painel de Araçatuba. O etanol é um ativo que o país está construindo há 40 anos. Muitas também foram as pancadas levadas pelo setor, queda do Pró-Álcool e crise Dilma Rousseff são as mais significativas do ponto de vista histórico, no entanto navegar nesse mar agitado de um mercado de combustível sem regulamentação ensinou o setor ser um marinheiro casca grossa, a encarar as ondas sem medo de seu tamanho.

Após finalizar o processo no congresso, o Renovabio vai

à ANP para ser regulamentado, onde precisará resolver questões em aberto como por exemplo qual será o padrão de credenciamento das empresas que avaliarão o mercado e emitirá os certificados, a questão do RenovaCalc, cálculos para definir a pontuação, na qual já foi desenvolvida pela Embrapa, restando à agência o trabalho de validar e patronizar para torná-la obrigatória; e também regulamentar



Plínio Nastari recebe homenagem da Udop pelo seu presidente, Celso Juqueira. O consultor ao lado do pai do empresário foram um dos precursores da criação do Etanol, um ativo que está sendo construído há 40 anos

as regras para o processo de compra dos certificados pelas distribuidoras. Com essa etapa concluída, o projeto passa pelas fases de aprovação (procuradoria da ANP, consulta e audiência pública) volta para eventuais correções e/ou mudanças e então é liberado para a publicação da lei. Segundo o superintendente adjunto de Biocombustíveis da ANP, Pietro Sampaio Mendes, esse processo deve durar cerca de 4 meses.

O secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim, acredita que o projeto deve passar tranquilamente por Brasília, o grande problema que ele alerta é o trabalho de convencimento da opinião pública, onde segundo o político, setores contrários deverão bater forte dizendo se tratar de mais um programa de subsídios que o Governo dá aos “usineiros”.

“Será preciso fazer um trabalho de apresentação e argumentação muito forte por parte do setor para explicar a todos os graus de modernidade do Renovabio, um programa que além de trazer desenvolvimento econômico, social e ambiental vai colocar o país como referência mundial no

sentido de políticas públicas que buscam a melhoria onde o papel do estado será apenas o de regulamentar, valorizando as eficiências individuais de cada um, sem concessão de subsídios”, disse Jardim.



Arnaldo Jardim: O Renovabio ainda terá o trabalho de convencimento da opinião pública

O tema da imagem do setor perante a opinião pública também foi amplamente discutido no primeiro painel da sala de comunicação do congresso realizado pela Udop. Com mediação do jornalista do Grupo Estado, Gustavo Porto, e palestra do professor da FEA (Faculdade de Economia e Administração da USP-RP), Marcos Fava Neves, no qual ficou claro que todos os elos da cadeia precisam se comunicar melhor, desde a questão do preço do Etanol na bomba, onde alguns cartéis de postos aumentam as suas respectivas margens fazendo com que o preço do biocombustível se mantenha na famosa conta dos 70% referente ao da gasolina, trabalhar sempre com respostas em matérias editadas por nichos da grande imprensa “vitimistas” que ainda enxergam, ou querem enxergar, uma unidade produtora como uma antiga fábrica de rapaduras do Brasil colônia até convencer “digital influencers” principalmente os ligados à causa da sustentabilidade e qualidade de vida, como por exemplo a apresentadora Bela Gil, que tem o açúcar como o seu grande inimigo, porém nunca defendeu o etanol, por não saber que a melhor maneira de reduzir o açúcar no mercado é incentivando as pessoas a não poluir o ar.

Ainda na visão de Fava, o segmento de etanol brasileiro precisa se inspirar um pouco na forma de comunicação dos norte-americanos, onde através de um marketing agressivo dispararam verdadeiros canhões de argumentos do porque não encher o tanque com gasolina.

Em paralelo a todo esse processo (regulamentação e convencimento) o setor precisa fazer algumas lições de casa para ir aumentando gradativamente sua capacidade de produção e surpreender os críticos com demandas recheadas do biocombustível. Nesse cenário, alguns pontos que acabaram ficando falhos, principalmente em decorrência da crise, precisam se agitar o quanto antes.



Fava Neves: A comunicação do setor tem que ser parecida com a feita pelo Estados Unidos, que lançam verdadeiros canhões de argumentos

O primeiro é a questão da produtividade dos canaviais, onde atingir os três dígitos por tonelada de cana na média tem que ser uma meta a ser conquistada em um curto espaço de tempo. A segunda grande meta é em relação à produção do etanol de segunda geração e também introduzir o conceito flex (produção do biocombustível também do milho) nas unidades produtoras, com isso produzir o ano todo, eliminar a entressafra do calendário, e diminuir a oscilação de preços. Por último fazer uma revisão ampla e moderna do Consecana, pois além dos novos produtos que ainda não entraram como remuneração (como é o caso da cogeração de energia), ainda deverão entrar outros nesse portfólio, como o biogás, e a renda vinda através da venda dos certificados de bionenergia.

Um dos grandes lemas da existência do Super-Homem, nos quadrinhos é claro, é que ele servia como inspiração para as pessoas terem um ideal para lutar. Com a queda das utopias da esquerda no Brasil, e também conceitos radicais de ambientalismo, o grande ideal que o brasileiro tem para lutar, e isso tem que ser passado ao mais jovens, que até mesmo pela idade são mais engajados por natureza, é o de sermos um país limpo, que vai dar a energia que o mundo precisa, só assim, é que o Brasil terá condições de resolver seus problemas internos e enfim se tornar a nação do futuro. 



O etanol é o ideal que todos precisam para lutar

MICRO NA FORMULAÇÃO, MACRO NOS RESULTADOS.

REATOR
360^{CS}

Excelente no controle de gramíneas, Reator 360 CS libera gradativamente seu ativo no solo, diminuindo as perdas por volatilização e aumentando sua disponibilidade. Conta ainda com ação complementar em folhas largas como picão-preto, trapoeraba, guaxuma e corda-de-violão.
Agora Gamit 360 CS para a cana é Reator 360 CS.



Alta eficácia no período seco



O melhor graminicida



Formulação microencapsulada



Maior residual com baixa volatilidade



Seletividade

Reator. Tecnologia que gera resultados.

SEMEANDO E CULTIVANDO A VIDA, Juntos



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Siga as recomendações do controle e restrições estabelecidas para os usos descritos na bula de cada produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

**CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB
RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.**

FMC



Especial

A VIDA

como ela é, por Roberto Rodrigues

Uma vida muito diferente daquela narrada pelo cronista carioca,
porém tão interessante quanto

Marino Guerra
Fotos: Rodrigo Moisés



Fotos: Rodrigo Moisés



Roberto e seu pai, Antonio Rodrigues Filho, 4 gerações da família formadas na Esalq

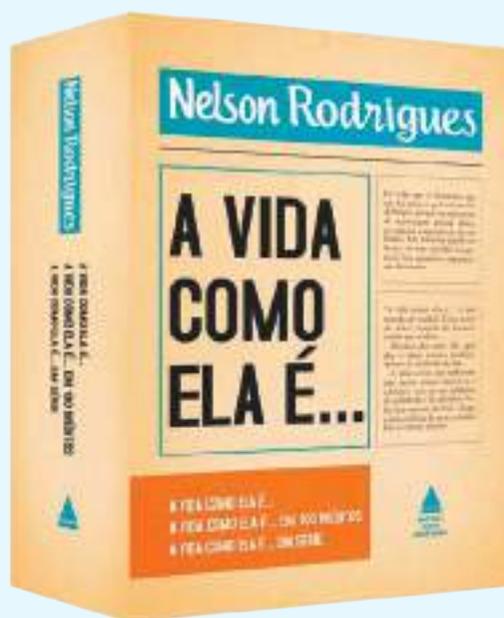
O que um agricultor pode se assemelhar com um dramaturgo? O que um gênio que retratou os mais nefastos segredos da existência humana tem em comum com a maior liderança do setor agropecuário e cooperativista brasileiro? Roberto e Nelson Rodrigues tem em comum muito mais que o sobrenome, muito mais que a genialidade, no fundo de suas biografias dá para chegar em objetivos praticamente iguais, encontrar o sentido da vida, porém para o escritor a resposta veio através de perdas trágicas e lastimáveis, enquanto que para agricultor, veio através de conquistas imensuráveis.

Roberto tem hoje 75 anos, sua linhagem familiar transcende as porteiras da fazenda, fazendo parte da família com o maior número de formandos pela Esalq (Escola de Agronomia de Piracicaba da USP), que foi fundada em 1.901. Seu pai estudou lá, ele estudou lá ao lado de seis irmãos, tem uma quantidade relativa de primos que também estudaram lá, a mãe de seus filhos estudou lá, tem dois filhos que estudaram lá e hoje dois netos estudam lá.

O fato de membros da mesma família exercerem a mesma profissão também faz parte do clã de Nelson. Seu pai, Mário Rodrigues, foi um dos mais respeitados jornalistas do começo do século no Rio de Janeiro, seu irmão Roberto era um dos grandes ilustradores do jornal da família, porém foi assassinado em plena redação. O membro da família com fama próxima a de Nelson foi seu irmão Mário Filho, um dos primeiros

jornalistas a se dedicar totalmente à crônica esportiva, o inventor da expressão “Fla-Flu”, organizador do primeiro desfile das escolas de samba e o maior entusiasta pela construção do Maracanã, estádio que leva o seu nome.

Outro ponto que as duas mentes brilhantes se assemelham é na capacidade de exercerem várias funções com absoluta excelência. Ao longo de sua



carreira, Roberto foi agricultor, professor universitário, líder cooperativista e estadista. Nelson foi jornalista, cronista e dramaturgo.

Se Nelson estivesse vivo até hoje e estivesse escrevendo esse texto no meu lugar, com certeza o apelidaria como o Gravatinha da agricultura, um fantasma camarada que fazia o Fluminense vencer toda vez que aparecia no estádio. A seguir, o porquê do apelido.

O trem da vida

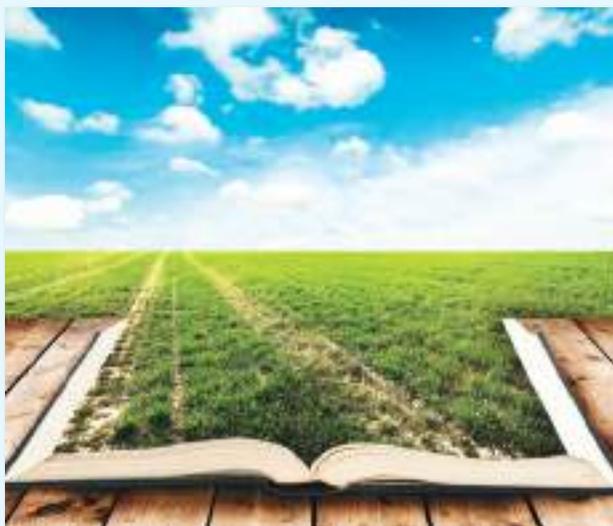
Roberto ainda frequentava o campus da Esalq quando começou a se questionar sobre o sentido da vida, sobre qual o motivo de sua existência no Planeta Terra. Depois de matutar um pouco ele encontrou a resposta, mas ela vinha dentro de uma lógica religiosa, embora cristão, para dar sentido mais prático à questão, ele mudou a ordem e passou a se perguntar: Como eu dou sentido à minha vida?

Com essa questão atormentando sua cabeça e ainda com a preocupação em não ser um peso morto, ele foi estudar e conversar sobre o tema com outras pessoas, até que chegou a seguinte conclusão: para dar sentido à vida era necessário trabalhar para construir um mundo melhor em relação aquele que havia recebido. Porém, de maneira instantânea veio outra questão, qual trabalho deveria realizar? Foi quando definiu que era necessário compartilhar o seu conhecimento para o maior número de pessoas.

“Se eu pegar um copo de água, der metade para você

e ficar com a metade, eu dividi meu patrimônio, agora se eu te ensinar tudo o que eu sei e você me ensinar tudo que sabe, nós dois crescemos e ficamos do mesmo tamanho e assim o mundo fica melhor. Então cheguei à conclusão de que deveria dar aulas, esse era o objetivo doutrinário da minha vida”, refletiu Rodrigues.

Se tornou engenheiro agrônomo em 1965, quando voltou para Guariba e iniciou o trabalho na fazenda ao lado do pai. Em 1967 foi procurado pelo professor José Marden dos Santos, que o convidou para dar aula



A vida de Roberto Rodrigues sempre se baseou entre o campo e a vida acadêmica



Lago e prédio da Engenharia Agrônômica da Esalq, lugar que inspirou Rodrigues a pensar sobre o motivo de sua existência

de agricultura geral na recém-criada Faculdade de Agronomia de Jaboticabal (Unesp). Como a instituição era muito nova e a verba muito pequena, a proposta era em caráter voluntário. Já com sua doutrina de vida definida, foi a oportunidade que Roberto teve para colocá-la em prática, e lá ficou por dois anos, quando a universidade conseguiu recursos para a contratação de professores.

Pouco tempo depois, o jovem agrônomo assumiria a presidência da Cooperativa de Guariba (Coplana), um outro diretor da Unesp, Ricardo Pereira Lima Carvalho, o procurou lhe ofertando a possibilidade de ser criada a disciplina de cooperativismo, aquela que viria a ser a primeira sobre a doutrina em uma Faculdade de Ciências Agrárias no Estado de São Paulo. E ele aceitou, só que não sabia que precisaria passar por um concurso.

“No dia do concurso eu confirmei a minha suspeita de que seria o único candidato, pois naquele tempo cooperativismo era uma coisa muito pouco conhecida. Na banca havia um professor meu da Esalq, o professor Molina, que inclusive era o presidente. Então ele me disse que os membros da banca estavam meio embaraçados, pois seria a primeira vez em suas carreiras que eles iriam avaliar alguém sobre um assunto que não dominavam, por isso não tinham condições de fazer um exame teórico, sendo assim pediram para eu falar o que sabia sobre o tema. Foi uma maravilha, pois pude relatar o que era na prática, teoria conhecia alguma coisa, a doutrina, mas o que eu dominava mesmo era a prática, então dei uma aula. Deu tudo certo e fui contratado como professor de cooperativismo da Unesp-Jaboticabal”, contou Roberto.

Depois de certo tempo conciliando as funções na fazenda, cooperativa e academia, o ex-ministro iniciou sua carreira de líder cooperativista, sendo presidente da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) de 1985 a 1991, da Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas de 1992 a 1997 e da ACI (Aliança Cooperativa Internacional, órgão centenário que congrega mais de 900 milhões de pessoas em todo o mundo) de 1997 a 2001, período no qual se afastou das salas de aula, pois não conseguiria acumular todas as atividades. Ao terminar o seu mandato recebeu o terceiro convite da instituição de ensino de Jaboticabal, para dessa vez ser professor convidado, onde permaneceu até a aposentadoria compulsória aos 70 anos.

Para a maioria dos espíritos normais, a sua meta de vida, ensinar os outros para construir um mundo melhor, estaria mais que concluída, afinal de contas

foram mais de 30 anos de “campus”. No entanto, o espírito do líder cooperativista é inquieto e ao longo de sua carreira ele inseriu uma variável em seu propósito, se o tamanho de sua sabedoria seria suficiente grande para ensinar os outros e assim construir um mundo melhor. Com essa dúvida ele não tinha outra alternativa, a não ser estudar muito e também adquirir muito conhecimento com os seus alunos, para só assim ter conhecimento suficiente para transmitir e assim conseguir cumprir sua função de fazer um mundo melhor.

“Com essa variável na cabeça tive que aprender muito para dar aula, e dando aula aprendi muito com



Depois de muito refletir, Roberto conseguiu encontrar o caminho que lhe daria o sentido da vida e a busca pela felicidade

os alunos, então com isso eu fechei o círculo virtuoso da vida para mim: O que estamos fazendo aqui? Nós estamos aqui para construir um mundo melhor. Como? Ensinando. Ensinando o quê? O que se aprende. Então estamos aqui para aprender, para depois ensinar, a construir um mundo melhor. Dar aula sempre estive diretamente ligado a isso, tanto que depois da aposentadoria, eu aceitei o convite de montar a GVAgro para continuar no mesmo processo de ensinar e aprender”, filosofou Rodrigues.

Resolvida a charada do que ele precisava fazer para construir um mundo melhor, aflorou um segundo questionamento que o perseguia desde a época de Piracicaba. O caminho para a felicidade.

Para encontrar a melhor resposta ao tema, ele utilizou a mesma metodologia que o ajudou a responder aos

seus anseios existenciais, leu e conversou muito. Enumerou diversos caminhos e chegou a uma bifurcação, a do amor e a justiça, onde para ele não é possível encontrar a paz interior sem essas duas virtudes, porém, em determinado momento da vida elas podem ser antagônicas e uma eliminar a outra, como por exemplo: se alguma pessoa amada faça um delito grave, se optar pelo amor e protegê-lo estará cometendo uma injustiça. Sendo assim, ele definiu que o seu caminho para a felicidade seria um trilho formado por amor e justiça, um de cada lado, onde corre o trem da vida, empurrado por um combustível chamado esperança e o longo da viagem é preciso construir um mundo melhor utilizando tudo aquilo que aprendeu.

O corajoso angustiado e o corajoso apaixonado

Em sua crônica, o ex-covarde, Nelson Rodrigues argumenta com um colega de redação o porquê, depois de completar determinar idade, passou a escrever sobre política, tendo em vista que no seu início de carreira nunca havia escrito uma linha sequer. O jornalista então passa a descrever todas as tragédias que atingiram membros de sua família, concluir que não tinha mais motivos para ser covarde, e então ser livre para manifestar suas opiniões polêmicas.

É totalmente plausível que a angústia desperta o sentimento de coragem no ser humano, entretanto, no relato abaixo, Roberto Rodrigues também mostra que existe um outro tipo de coragem, a dos apaixonados.

“Em 1974 eu fundei uma cooperativa de crédito em Guariba, a CredCoplana. Naquele tempo o IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) passava recursos para as cooperativas agrícolas e eu era presidente da Coplana. Porém, tinha receio de pegar esse dinheiro e colocar dentro da cooperativa, pois não havia controle suficientemente rigoroso para o recurso. Foi quando eu tive a ideia de criar a cooperativa de crédito, porque nela eu sabia que teria um controle realizado pelo Banco Central.

Foi então que eu tive um grande lance de sorte. Para um projeto dar certo na vida é preciso ter três

condições: A primeira é ter pessoas envolvidas que realmente gostam de fazer aquilo, pois uma peça que esteja trabalhando de maneira forçada pode destruir a mais perfeita das engrenagens. Segundo, é necessário conhecimento para executar as tarefas, se não souber, não se meta, que vai dar errado. E em terceiro, a sorte, porém tem que ajudar a sorte, um exemplo: o trem vai passar, você não sabe a hora, mas tem que ir à estação, se você não for à estação o trem passa e você não pega ele, tem que ajudar a sorte. Voltando ao projeto de Guariba, a minha sorte foi que quando eu fundei a cooperativa de crédito havia acabado de fechar uma agência do Banco Itaú na cidade, que não era rentável para eles. Como o gerente era amigo meu, colega de grupo escolar, eu conversei com ele, passei todas as maneiras de trabalho e ele topou. Com isso eu peguei uma agência bancária estruturada e montei a cooperativa de crédito nos mesmos parâmetros, ou seja, uma máquina de serviços bancários perfeita.

Quando a agência decolou chamou a atenção de várias lideranças do meio, inclusive do presidente da Ocesp (Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo) Américo Utumi. Ele nos fez uma visita e ficou encantado. Em pouco tempo já havia montado uma comissão, na qual eu fui presidente, para replicar aquele modelo para o Estado inteiro. Em três anos fundamos 12 cooperativas de crédito em São Paulo, com o sistema integrado em uma central, e foi um sucesso, porque tudo foi baseado no modelo de Guariba, e essa foi a semente que originou o Sicoob.

Quando o sistema paulista estava em desenvolvimento, o então presidente da OCB, José Pereira Campos, também se interessou, conheceu o processo e decidiu implantar um sistema parecido no Brasil inteiro. Mais uma comissão foi formada, na qual eu também era o presidente, mas o grande mentor desse projeto foi o gaúcho Mário Kruehl Guimarães, que foi o fundador do sistema Sicredi na região Sul.

Isso me deu bastante projeção e então eu virei presidente da OCB, em 1985. Uma das atitudes que tomei foi filiar a OCB à Aliança Cooperativa Internacional no segundo ano que estava lá, mesmo período de formação do texto da Constituinte, que foi aprovada em 1988. Montamos uma frente





A constituição de 1988 foi decisiva para o crescimento do cooperativismo de crédito no Brasil

parlamentar no Congresso Nacional com mais de 200 deputados, um trabalho muito bem feito com todos os Estados e conseguimos colocar nela um artigo dando às cooperativas de crédito isonomia no sistema financeiro, fazendo com que o Banco Central, que até então proibia as cooperativas de fornecer cheques, abrir contas, prestar serviços bancários, tratassem de

maneira igual as cooperativas de crédito e os bancos. Ele foi obrigado a abrir e cuidar das cooperativas de crédito, sendo hoje um grande aliado, aliás, o maior aliado em todo o Brasil.

O crescimento que houve daquele tempo até os dias de hoje nem precisa ser dito, prova disso que há 15 dias o Sicredi, que no ano passado abriu uma agência na Avenida Paulista em São Paulo, uma filial da matriz que fica em Curitiba, chegou ao sócio de 1 milhão e entrou em contato comigo pedindo para eu ser esse sócio. Então, em Guariba eu sou o sócio número 1 e, agora, 45 anos depois, eu sou o cooperado 1 milhão do Sicredi. Isso significa que eu plantei um negócio lá atrás e estou colhendo uma verdadeira revolução de um setor que faz tão bem ao país todo.

Outro exemplo de que o trabalho foi muito bem realizado foi que, no ano passado, eu recebi do WOCCU (Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito), cuja a sede fica em Denver, no Colorado (EUA), eu recebi uma premiação equivalente ao Nobel do cooperativismo de crédito.

Contei esta história para mostrar que nada aconteceu por acaso, tudo foi um processo longo e demorado, no qual exigiu muito trabalho e, principalmente, coerência o tempo inteiro, não me referindo à mudança de ideias, mas em ser coerente com os princípios e valores. Isso me fez chegar ao topo do mundo dentro do cooperativismo e em troca da minha dedicação ele



Até mesmo as instituições mais respeitadas do país, como a Esalq, encontram dificuldades em ensinar cooperativismo

me proporcionou conhecimentos culturais, pois viajei o mundo inteiro, e também um aprendizado histórico valiosíssimo, pois conheci o mundo bipolar dos tempos da guerra fria, toda a sua transição e o planeta liberal, pós-queda do Muro de Berlim e União Soviética do presente”.

Cooperativismo não se ensina, se transmite

Parece muito antagônico dizer, em um texto falando de um dos maiores, senão o maior, professor de cooperativismo do Brasil, que ele não se ensina, mas é transmitido. Para esclarecer isso Roberto Rodrigues faz uma simples constatação, porque no país, embora tenhamos um número relativamente grande de cooperativas espalhadas por todas as regiões, não se vê cursos, existe apenas um curso de graduação na Universidade Federal de Viçosa.

Para ele, há essa ambiguidade, pois o cooperativismo é baseado em princípios universais (adesão livre e voluntária; gestão democrática; participação econômica; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade), que desenvolvem valores humanos. Portanto, para alguém ministrar uma aula sobre o tema tem que ter vivido ele na prática, caso contrário a aula será vazia e desinteressante. “É difícil ensinar cooperativismo porque o professor dessa matéria tem que pensar, falar e fazer coisas coerentes à doutrina, não pode ser antagônico, tem que ser transparente, não pode ser desonesto, se for matou a doutrina”, concluiu Rodrigues.

Sindicalismo x Associativismo x Cooperativismo

Para conceitualizar a diferença entre os três tipos de associação, o ex-ministro cita como exemplo o cooperativismo agrícola, onde com o estreitamento das margens para a produção no campo, é necessário ter escala tanto para a compra de insumos, como a venda da safra, quantidade essa que não é factível para os pequenos e até médios produtores. Sendo assim, ele tem duas alternativas para sobreviver, ou depende de subsídios do poder público, como a Europa pratica, ou então se une com outros produtores e forma uma cooperativa, onde através da união conseguirá melhores preços e também adquirirá tecnologias de produção.

Sobre o associativismo e o sindicalismo, Rodrigues teoriza o primeiro como a forma primária de associação,

na qual as pessoas se unem para atingirem interesses representativos em comum, o sindicato acaba sendo criado para ser uma representação mais política, pois segundo a Constituição cabem a eles essa função. O problema é que no Brasil, com o imposto sindical, houve uma vulgarização desse tipo de entidade, fazendo com que em alguns setores instituições acabam concorrendo para ganhar associados, com a nova CLT, onde esse imposto deixa de ser obrigatório, a tendência é que aconteça uma diminuição expressiva sobrevivendo apenas os mais representativos. O líder setorial ainda cita o caso das associações setoriais do mundo agro (Abag, Unica, Orplana, Aprosoja), que conquistaram representatividade muito maior que seus respectivos sindicatos até mesmo pelo fato da adesão ser voluntária.

Passado, presente e futuro

O que as retinas de Roberto Rodrigues projetaram para sua mente foram as imagens relacionadas à agricultura e devem formar uma linha do tempo com ricos detalhes, e quando questionado sobre qual a principal evolução no campo dos tempos de seu pai para hoje, ele responde de maneira generalista, porém categórica. “Com toda certeza foram os saltos tecnológicos extraordinários que tivemos ao longo desses 52 anos que estou formado”.

Na visão do produtor rural aposentado, hoje todas as suas propriedades são cuidadas pelos filhos, é claro que a participação das universidades (Esalq, Unesp e Federais) e de órgãos de pesquisa públicos (IAC, IB e Embrapa) em um primeiro momento, e depois a participação da iniciativa privada e também a vinda de inovações do exterior, criou no Brasil uma agricultura tropical extremamente desenvolvida, o que gerou a condição de ser um dos melhores no campo em todo o mundo.

Porém, nem tudo são rosas, e ele aponta o famoso “custo Brasil” como a principal âncora que não permite o campo ser ainda mais eficiente. “Dentro da fazenda, a tecnologia que se encontra é de ponta, mas quando você ultrapassa a porteira, volta para a realidade. A logística é complicada, o transporte é caro, os portos são inadequados, os juros são altos. Você é muito produtivo dentro da fazenda, por causa da tecnologia tropical, e perde competitividade quando você sai, é a hora que o custo Brasil cobra o seu preço.

Se o líder cooperativista tivesse uma bola de cristal, todos os brasileiros envolvidos diretamente com o agronegócio gostariam de receber sua visão quanto ao futuro. Na verdade, ele tem uma bola de cristal, que

são os 31 conselhos diferentes que participa, e o que ela mostra é uma sociedade urbana, que não trabalha diretamente com o setor agro, mas está cada vez mais convencida de que esse será o grande setor responsável em colocar o Brasil como uma potência mundial, e dar para toda a população o desenvolvimento de que ela tanto necessita.

E, na sua visão, um dos grandes responsáveis por essa mudança é a mídia, principalmente a especializada, como a Revista Canavieiros, que se profissionalizou, ficou mais lúcida e consegue pautar a grande imprensa da importância de cada área. “Com isso a sociedade urbana já reconhece a importância do agro, não assume como sendo dele, mas reconhece. O conceito de que o Brasil vai mal, mas a agricultura vai bem, já está bem estabelecido em toda a população, então falta o que? Falta eles colocarem a palavra “nossa” agricultura vai bem”.

Ao lado de Luiz de Queiroz

Luiz de Queiroz foi um dos precursores daquilo que mais tarde seria chamado de agronegócio, ele plantava algodão e tinha uma indústria têxtil, sendo também o grande entusiasta da Escola de Agronomia (doando a fazenda onde é o “campus”), que mais tarde estaria entre as 5 mais respeitadas universidades de ciências agrárias do mundo. Não é à toa que tem um busto em sua homenagem logo na entrada do prédio central.

Pois bem, se Roberto Rodrigues conseguir desenvolver o projeto que pretende ao assumir a cátedra “Luiz de Queiroz”, criar um plano de governo onde todos os setores da sociedade entendam que o grande alavancador da sociedade brasileira é o agronegócio, e que a partir desse sentido todos trabalharão para desenvolver um ambiente que proporcione ao setor elevar ainda mais a sua eficiência e com isso ser reconhecido como a grande fonte de comida do mundo, com certeza terá, no futuro, um busto ao lado do Luiz de Queiroz na entrada da Universidade.

“Eu estou empenhado em um processo muito grande, um projeto de governo para as próximas eleições, que vai transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar, mas ele não é focado somente na agricultura, e sim no Brasil como um todo, porque o cidadão que trabalha em uma siderurgia fazendo aço, ajuda o agronegócio, pois o seu aço vai fazer trator, equipamentos, máquinas, trem, vagão, caminhão, navio, tudo isso vai precisar da matéria-prima, então a siderurgia é minha aliada para ter sucesso no agronegócio. Para ser o maior fornecedor de alimento, é preciso do suporte das prestadoras de serviço, como

banco, seguradoras, entre outras onde todas são urbanas. O sucesso no campo depende da cidade, assim como a indústria de alimentos é urbana, a indústria de embalagem, supermercado. Na verdade, o sucesso da agricultura brasileira não pode estar atrelado apenas ao agricultor, mas em todos os segmentos da sociedade. Meu empenho se baseia nessa tese, a de criar um plano de governo que transforme o Brasil em um campeão mundial de segurança alimentar, o que garantirá a paz, então meu plano de governo é para assegurar a paz mundial e para isso precisamos de segurança industrial e segurança jurídica”, analisou Roberto.

O plano ainda está em um processo inicial de desenvolvimento, mas o catedrático adiantou que a proposta é desenvolver duas frentes de ataque para a questão do ganho de produtividade: a pública, onde os focos já são velhos conhecidos do setor como



Caso o plano de governo que será desenvolvido pela cátedra dê certo, Rodrigues poderá estar ao lado de Luiz de Queiroz na história

segurança jurídica, reformas políticas, melhoria da estrutura logística, políticas que desenvolvam a previsibilidade de renda, entre outras; e o campo, no qual deverá ser criado um grande plano para levar a gestão até as fazendas, onde em um futuro bem próximo, toda propriedade deverá executar o mínimo sobre controle de custos, gestão financeira, controle fiscal, gestão ambiental, entre outros.

Além da melhoria do custo Brasil e também a gestão no campo, que são problemas evidentes para quem acompanha o dia-a-dia do setor, o grande diferencial do programa, que será entregue a todos os candidatos à Presidência da República, é a sua integração com todos os segmentos da sociedade, onde com o auxílio da comunidade acadêmica vão se desenvolver soluções de 17 temas distintos (reformas tributária, fiscal, política e previdenciária; logística, tecnologia da informação, produtividade, pequeno fornecedor, irrigação, entre outros), quando esses projetos forem finalizados, será promovido um seminário onde participarão representantes da indústria e também prestadores de serviços relacionados aos temas além de lideranças setoriais e políticas/parlamentares, com isso todas as partes interessadas participarão de um documento no qual o futuro ocupante do cargo máximo da democracia brasileira não terá muitos argumentos para contestá-lo.

E o resultado final da “bola de cristal” de Roberto Rodrigues, é se tudo andar na medida do possível bem, em 15 anos poderemos ser uma das 5 nações mais desenvolvidas do planeta, lógico que para isso existem infinitas variáveis, e a maior delas com certeza é a qualidade dos eleitos na eleição de 2018.

Não é só de comida que vive o homem

O projeto do Roberto Rodrigues é muito interessante, porém quem atua no setor sucroenergético deve estar se perguntando: E eu, onde entro nisso? E esse foi um dos assuntos tratados durante a entrevista, onde ficou claro que o “projeto de futuro” para o setor já está escrito e na cara do gol para entrar em prática, o Renovabio, o qual dará novos horizontes jamais vistos por toda cadeia produtiva de bioenergia.

Atrelado ao Renovabio, o professor falou sobre o porquê a produtividade dos canaviais estão estagnadas há pelo menos 5 anos, onde a culpa foi de uma praga muito mais maléfica para o setor que a cigarrinha, chamada Dilma Rousseff, que simplesmente quebrou todos os seus componentes. “A presidente deixou todos completamente sem renda, e todos sabem que qualquer sistema produtivo agrícola, não importando

o tamanho, sem tecnologia é impossível competir, tem que comprar tecnologia, sem renda, ninguém compra tecnologia, se não tiver ninguém comprando, não há produtividade. Nesse raciocínio, ele conclui que quando o dinheiro voltar, já existem diversas tecnologias testadas na prateleira, como Meiose e MPB por exemplo, nas quais o produtor rapidamente vai assimilar e com certeza a produção vai conseguir chegar perto dos tão desejados 3 dígitos de toneladas de cana por hectare.

E quando esse momento de prosperidade chegar é a hora do setor sentar e resolver a questão do Consecana, onde segundo ele, foi uma “mágica”, algo de uma inteligência enorme” ao ser criado nos anos 90, depois da queda do IAA, órgão responsável por regularizar a relação fornecedor e usina, onde ao deixar de existir, deixou o setor órfão, sem um norte, e então veio o Consecana. No entanto, o setor evoluiu, novos produtos apareceram, como a cogeração de energia, e por isso ele precisa de ajustes, porém é preciso acabar o “inverno” deixado pela petista, pois em momentos em que o cobertor está curto para todo mundo, não dá para conseguir um consenso na partilha.

O que dirão por aí

A grande missão do campo é com certeza ganhar o apoio da opinião pública urbana, questões como trabalho escravo, desmatamento da Amazônia, poluição de rios, terras degradadas, ainda insistem e não muito



Roberto acredita na força da imprensa especializada como uma ferramenta importante no processo de divulgação das informações do agronegócio para a grande mídia

raro acabam se destacando mais nos noticiários que os resultados recordes de safra, a quantidade de emprego que o agronegócio gera, a quantidade de mata nativa que o fazendeiro precisa manter em sua propriedade.

Sob esse cenário, Rodrigues acredita que o plano de governo será de fundamental importância para trazer cada vez mais os jornalistas para o lado do agronegócio produtivo. Segundo ele, ao fechar cada um dos 17 temas, esses serão apresentados para a mídia com explicação de todas as partes envolvidas na sua constituição (academia, indústria e política), com isso eles entenderão que um grande movimento está trabalhando sério para diminuir cada vez mais o número de notícias negativas que envolvem o campo.

Sonho interrompido ou dever cumprido

Com certeza o assunto que gera mais curiosidade sobre a carreira de Roberto Rodrigues é o período que ele foi

ministro da Agricultura, no primeiro Governo de Lula, a pluralidade de objetivos era tamanha que até mesmo um gênio da perturbação humana como Nelson Rodrigues teria dificuldades para transcrevê-la.

O que é claro que os três anos e meio que esteve à frente da pasta não foram nada fáceis. “Imagine minha posição, eu agricultor liberal da Califórnia Brasileira, em um Governo do PT onde grande parte dos membros, se tivesse oportunidade, transformaria o Brasil em Cuba. Eu era um passarinho fora do ninho, nunca fui recebido com muita alegria, foi um período muito difícil”, lembrou Rodrigues.

Porém, ele nunca fugiu da briga e acredita que foi até onde era possível ir naquelas condições, dentre os projetos que considera como vitórias no período estão a Lei da Biossegurança, Lei do Seguro Rural, Lei dos Orgânicos e o PAC da Embrapa, o que olhando na importância que essas ações se transformaram hoje, é fácil concluir que o dever foi muito bem cumprido. 





PRAZO PARA INSCRIÇÃO

no CAR termina em dezembro de 2017

Fábio de Camargo Soldera
Eng. Agrônomo – Canaóeste



agrícola para os proprietários rurais que estejam regularmente inscritos junto ao CAR. Dados da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo:

- ▶ Número total de imóveis inscritos: 318.989;
- ▶ Área total cadastrada: 18.128.262,48 hectares (88,41% da área cadastrável);

- ▶ Imóveis inscritos com até 4 módulos fiscais: 274.254;

- ▶ Área dos imóveis inscritos com até 4 módulos fiscais: 5.177.715,71 hectares;

- ▶ Imóveis inscritos com mais de 4 módulos fiscais: 44.735;

- ▶ Área dos imóveis inscritos com mais de 4 módulos fiscais: 12.950.546,77 hectares.

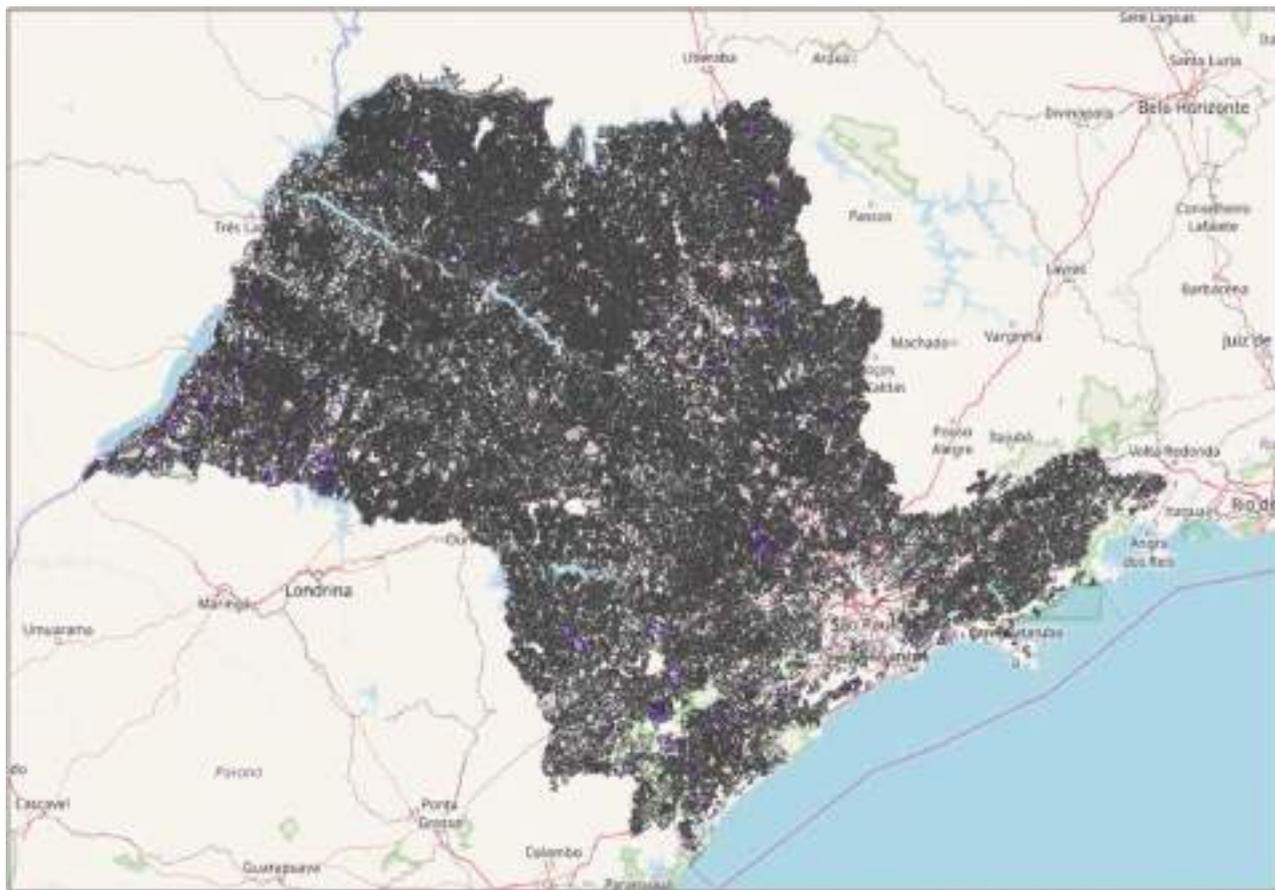
Caro leitor, o prazo para os produtores rurais de todo o Brasil inscreverem suas propriedades rurais junto ao Cadastro Ambiental Rural (CAR) termina em 31 de dezembro de 2017, conforme alteração dada pela Lei Federal 13.295/2016.

Lembrando que as instituições financeiras só concederão crédito



NÃO DEIXE PARA A ÚLTIMA HORA!

Por conta do volume de acessos pode ser que o sistema eletrônico da Secretaria do Meio Ambiente congestionue devido ao excesso de acessos nas semanas próximas ao término do prazo.



Cadastros realizados no Estado de São Paulo – Fonte: DataGEO - Sistema Ambiental Paulista

Sobre o Cadastro Ambiental Rural (CAR):

O Sistema do Cadastro Ambiental Rural do Estado de São Paulo – SICAR/SP – foi lançado em junho de 2013. É um cadastro eletrônico, obrigatório a todas as propriedades e posses rurais. A ferramenta online possibilita um maior controle sobre o cumprimento da legislação ambiental. Também tem como objetivo auxiliar no cumprimento das metas nacionais e internacionais para manutenção da vegetação nativa e restauração ecológica.

E se eu não me cadastrar?

Caso o proprietário ou possuidor do imóvel rural não se cadastrar após prazo legal será advertido para apresentar sua inscrição dentro de 30 dias. Terminado esse prazo, o

proprietário e/ou possuidor será multado em R\$ 50,00 (cinquenta reais) por dia a partir da lavratura do Auto de Infração até apresentação da inscrição. Vale ressaltar que o prazo pode ser prorrogado por mais

um ano, por ato do chefe do Poder Executivo.

Agende um horário com um profissional habilitado e/ou entidades que prestam este serviço, como é o caso da Canaoste. 





SECRETARIA DE ESTADO

de Meio Ambiente institui Mapa de Biomias do Estado de São Paulo

Fábio de Camargo Soldera
Eng. Agrônomo – Canaoeste



Estimados leitores, vamos abordar neste artigo a Resolução SMA nº 146, de 08 de novembro de 2017, que dá definições de procedimentos para análises de compensação de Reserva Legal nos Biomias de Mata Atlântica e Cerrado, ambos existentes no Estado de São Paulo.

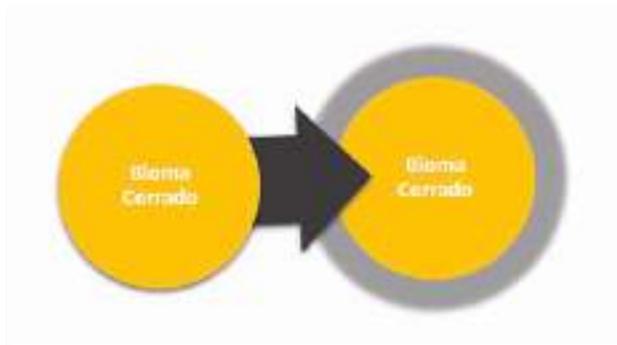
A Secretaria de Estado de Meio Ambiente criou o Mapa de Biomias do Estado de São Paulo, elaborado a partir do Mapa de Vegetação do Brasil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O trabalho tem como principal finalidade embasar tecnicamente as análises de propostas de compensação de Reserva Legal, que trata o artigo 66, §5º, da Lei Federal nº 12.651/2012.

De acordo com a resolução, imóveis situados no Bioma Mata Atlântica (segundo o mapa de biomias), a área que receberá a Reserva Legal deve estar localizada no Bioma Mata Atlântica ou na Zona de Tensão .



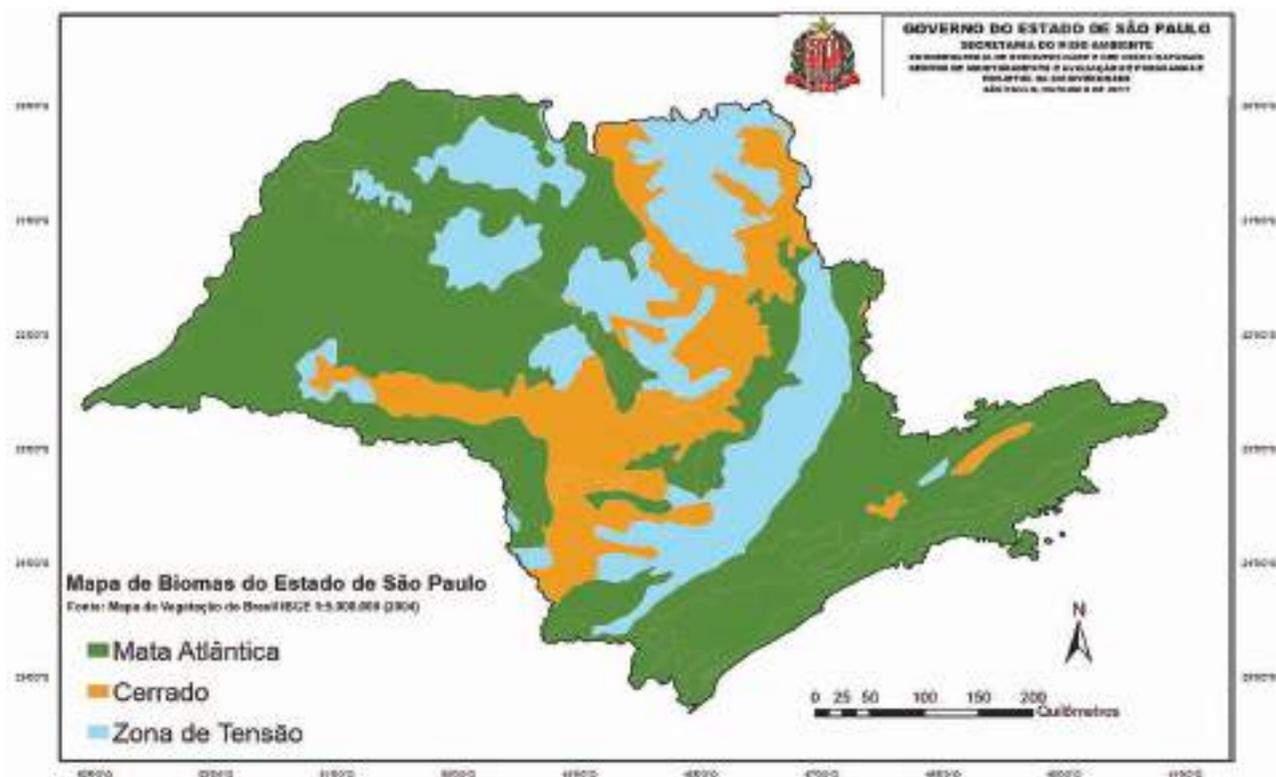
Já para imóveis rurais localizados no Bioma Cerrado, a área que receberá a Reserva Legal deve estar localizada no Bioma de Cerrado.



Para os imóveis situados na Zona de Tensão do Mapa de Biomias, a área que receberá a Reserva Legal deve estar localizada no Bioma Mata Atlântica ou na Zona de Tensão.



Caso for verificado “in loco” que a vegetação existente no imóvel não seja compatível com a vegetação caracterizada no Mapa de Biomias, o proprietário do imóvel deverá apresentar o Laudo de Caracterização de Vegetação acompanhado da respectiva Anotação de Responsabilidade Técnica (ART), com o objetivo de comprovar em qual bioma o imóvel está inserido. 



Tradição + Tecnologia = Produtividade em 3 dígitos

A experiência é uma das características mais marcantes da DMB. Afinal, são mais de 50 anos de desenvolvimento constante que a tornaram uma empresa dinâmica e que investe na qualidade de seus equipamentos e serviços.

Exemplo disso é a **Plantadora de Cana Asfáltizada**, que oferece usinas e produtores já comprovaram um campo mais uniforme, sem falhas e com grande redução no consumo de sementes. Assim como os **Adubadores de Discos**, que aplicam os fertilizantes da forma mais correta e os **Aplicadores de Inseticidas em Sequeiras**, que proporcionam o melhor controle das principais pragas da cana.

Acesse nosso site e conheça todos os produtos que podem contribuir para o aumento da sua lucratividade.

DMB
A marca da cana

www.dmb.com.br

Av. Magalhães de Gândavo, 1200 - Jd. Santa Helena - São Paulo/SP
Fone: +55 11 2080 7000
Fax: +55 11 2080 7000
E-mail: contato@dmb.com.br



AMOR

ou medo

Quando entendemos que muitas vezes o prático vai nos tirar o brilho dos olhos

Marino Guerra



Em um discurso para formandos da Universidade de Maharishi, em Iowa, EUA, o comediante Jim Carrey fala sobre a diferença entre amor e medo na hora das escolhas fundamentais da vida, como o rumo profissional a tomar. Na ocasião ele diz que o amor é ter a coragem de fazer aquilo que causa o sentimento de realização, alguém feliz; enquanto que a escolha pelo medo, embora muitas vezes seja mais prática, não trará brilho nos olhos e

fará com que a vida fique sem graça.

Ao conhecer a propriedade do engenheiro agrônomo Orivaldo Donizeti dos Santos, de Descalvado, lembrei das palavras de Carrey na hora, pois como a área não é muito grande, ele poderia simplesmente ter ido pelo caminho do medo, ou prático, e arrendado ou até mesmo vendido sua fazenda e poderia viver de juros, além de encontrar um emprego com a sua formação.

Entretanto, ele escolheu o caminho

do amor, e é nítido o tamanho de sua paixão pela cana que cultiva, pela criação de bezerro, de peixes e até mesmo pela granja desativada, onde de uma maneira integrada e muito bem organizada, faz de sua propriedade não somente a sua fonte de renda, mas também uma fonte de realização pessoal.

Integrar diversas atividades em uma pequena fazenda não é muito fácil, pois exige do produtor conhecer as características (desde administrativas



O produtor Orivaldo não tira o sorriso do rosto enquanto explica como funciona o seu sistema integrado

até de manejo) de cada uma. Outro ponto é a organização na hora de passar as tarefas de cada funcionário, pois se não houver um planejamento, serviços podem acumular e algo que seria importante deixar de ser feito.

Porém, o lado positivo é ficar menos vulnerável ao humor do mercado que determinada cultura ou criação. O associado da Canaoeste conta que neste ano o resultado da cana foi muito bom, enquanto o mercado de bezerros foi fraco, em contrapartida nos anos de 2015 e 2016 a pecuária pagou muito mais que o canavial.

Sua atividade pecuária consiste em cinco bois Brahman, 200 vacas

Nelores ou Mestiças, que geram uma média de 180 bezerros por ano, que ficam até desmamarem e depois de um mês, quando já se acostumaram com a nova dieta, são vendidos. Uma característica interessante em seu processo de integração é que ele destina cerca de 15% de seu canavial, áreas de declive ou então onde a colhedora tem dificuldades para manobrar (o que eleva o custo do corte), como alimentação ao gado, a produção é tamanha que ele consegue alimento para o ano todo, onde faz silagem da cana.

Para se ter noção da importância desse processo, se ele não tivesse esse “excedente”, a produção dos bezerros não seria viabilizada financeiramente, isso porque depender da compra de milho, na região de Descalvado, iria elevar muito os custos da criação.

A outra atividade de Orivaldo é a piscicultura, onde desde 1996 produz peixes em 14 mil metros quadrados de lâmina d’água. Hoje, 90% de sua produção é de tilápia, que lhe rende uma média de 35 toneladas por ano. A comercialização é feita com eles vivos vendidos 100% para pesque-pague. E a entrada nesse nicho de mercado abriu a oportunidade para ele desenvolver

mais um negócio, o de transporte da carga viva. Depois de estudar muito sobre o segmento, o produtor investiu nos equipamentos corretos para a entrega da carga (baseado em caixas térmicas e oxigenação, o que gerou o interesse de outros produtores da região - que por ter uma produção pequena não estão interessados em aprender e investir) fazendo com que hoje ele preste todo o serviço de transporte e comércio de peixes vivos de sua região.

Em sua fazenda ainda existe a estrutura para a execução de mais uma atividade, que no momento se encontra desativada, que é a avicultura. Descalvado foi o município pioneiro no corte de frango no Estado de São Paulo, no entanto, com o passar do tempo a atividade deixou de ser rentável e boa parte da infraestrutura se encontra desativada, quase toda fazenda tem ou teve uma granja. No entanto, alguns produtores estão estudando a possibilidade de retomar a atividade, porém através da produção de ovos, onde o pessoal uniria a produção e comercializaria junto, para ter uma margem um pouco maior na escala. Com isso o agrônomo calcula que poderia aumentar em cerca de 10% o seu orçamento. 



O produtor busca se informar sobre as novidades de seu negócio lendo a Revista Canavieiros





Destaque 1

ENTRE A CALIFÓRNIA

e Nova Déli

Do jet-ski ao tuk-tuk, a queda e oportunidade de ascensão do etanol

Marino Guerra



No final da década de 80, uma matéria veiculada pelo “Globo Repórter” apelidou a região de Ribeirão Preto como a Califórnia Brasileira, isso porque o estado, que fica na costa do pacífico, era o mais rico dos Estados Unidos enquanto que a macrorregião do interior paulista era uma ilha de prosperidade, sendo responsável pela geração de 10% do PIB nacional, tudo em decorrência da boa fase que viviam os setores sucroalcooleiros (hoje conhecido como agroenergético) e o da laranja.

Quase trinta anos depois ficou provado que aquela camada californiana era frágil demais e por dentro, a região teve que enfrentar uma realidade muito menos glamourosa, mais parecida com a de Nova Déli. Podemos dizer que os jet-skis se transformaram em tuk-tuks.

No entanto, o aquecimento global e a briga do setor para se manter de pé e ainda evoluir sob o ponto de vista tecnológico são a combinação perfeita para essa migração não só interromper, mas voltar a caminhar

rumo à América do Norte novamente. E para isso basta o país querer ser a locomotiva mundial da Bioenergia (produção de eletricidade e combustíveis de maneira sustentável).



Essa percepção ficou clara durante o Biofuture Summit 2017, que aconteceu nos dias 24 e 25 de outubro em São Paulo e contou com a presença de lideranças que atuam diretamente na missão de diminuir a emissão de gases do efeito estufa de todo o mundo.

Liderança reconhecida

A expectativa mundial de que o Brasil seja um dos líderes globais no processo de migração dos fósseis para os renováveis ficou clara nos discursos dos dirigentes de duas das mais representativas e atuantes agências intergovernamentais que promovem a prática da produção de bioeletricidade e biocombustíveis: IEA (International Energy Agency) e Irena (International Renewable Energy Agency).

O ex-embaixador dos EUA no Chile e diretor executivo do IEA, Paul Simons, traçou uma linha do tempo onde inseriu o Brasil como protagonista do setor no passado, pelo seu pioneirismo no desenvolvimento da hidroeletricidade e também do programa do álcool, no presente, através do constante quadro de inovações não somente nas formas de produção já consolidadas, mas no desenvolvimento de novas fontes e modos de produção sustentáveis e futuro, onde será necessária uma rápida e constante atitude no sentido de reduzir as emissões de CO₂ do ambiente até para suprir a deficiência de outros países gigantes que estão atrasados em seu programa de bioenergia.

O fato do país conseguir fazer o “melhor uso da terra” no sentido de se produzir energia através da agricultura, e ainda atingir altos níveis de sustentabilidade, foi

outro ponto lembrado por Sakari Oksanem, diretor geral da Irena.



Oksanem: diretor geral da Irena. “O Brasil sabe como fazer o melhor uso da terra”

Dentre as lideranças políticas presentes na cerimônia, o ministro Aloysio Nunes enfatizou que o governo federal trabalha em conjunto com os integrantes da Plataforma Biofuturo (iniciativa que promove o diálogo entre os diversos atores dos países signatários no sentido de avançar as ações relacionadas à bioeconomia), para estabelecer objetivos comuns e realistas no sentido de avanços na questão da bioenergia global.



Ministro Aloysio Nunes, o Brasil está aberto para diálogos no sentido de agilizar o desenvolvimento da bioeconomia global

Já o governador do Estado de São Paulo e presidente do Alckmin demonstrou mais uma vez que dará espaço especial ao setor de bioenergia em seu projeto de governo, isso porque ele acredita que além do combate ao efeito estufa, o investimento

na bioeconomia é uma fonte riquíssima de emprego e renda. Como prova disso ele citou duas ações de sua atual gestão para incentivo à cadeia agroenergética: a diferença em relação à tributação da gasolina, onde em São Paulo o ICMS do combustível fóssil é 26% enquanto que o do biocombustível é 12%; e a retirada da tributação sobre o retrofit (modernização de equipamentos com o foco no ganho de rendimento, no caso, da cogeração, envolvendo principalmente caldeiras e tubos gerados) das unidades industriais produtoras de energia elétrica.

O momento mais forte da solenidade de abertura foi o discurso do presidente da Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos), Roberto Jaguaribe, quando ele cobrou uma posição da União Europeia na flexibilização de barreiras de importação do etanol brasileiro, enquanto que o continente foca em carros elétricos movidos à bateria como plano sustentável, até seria, se a matriz energética do continente não fosse baseada no carvão mineral (produto fóssil altamente poluente).



Roberto Jaguaribe, presidente da Apex, alertou sobre as barreiras da União Europeia ao etanol

Outra área que o embaixador acredita que o Brasil será um dos líderes mundiais é no desenvolvimento de tecnologias de produção, e como exemplo disso ele citou o etanol de 2ª geração, onde diversas regiões com áreas agricultáveis mundiais restritas poderão produzir o biocombustível a partir da utilização de culturas ricas em celulose, montando suas unidades industriais com tecnologia nacional.

Escalonamento da Bioeconomia

Partindo da macrometa de zerar as emissões de dióxido de carbono até o final do século, é preciso

entender que a grande maioria das biosoluções se encontram em um momento de pré-maturação em termos de viabilidade de mercado, sendo necessários nesse momento impulsos de escalonamento para passarem definitivamente a ser adotadas em diferentes partes do globo.



Alckmin se mostra um entusiasta da bioeconomia

Esse foi o foco central do primeiro painel do evento e contou com a presença do secretário do Ministério de Energia e Clima da Dinamarca, Christian Zinglensen, como moderador; o diretor da Irena, o finlandês Sakari Oksanen; do responsável pela Divisão de Energia Renovável da IEA, o italiano Paolo Frankl, e o CEO da Granbio (unidade industrial pioneira na produção de etanol de segunda geração no Brasil), Bernardo Gradin.

Quando se fala em escalas globais, a primeira dúvida que vem é sobre se haverá matéria-prima suficiente. Na opinião de todos os participantes não haverá problemas se a introdução na matriz energética de cada país souber desenvolver a estratégia aliando a realidade de cada região com a tecnologia disponível, como por exemplo: as grandes metrópoles que produzem quantidades monstruosas de lixo orgânico poderiam ter sua energia gerada através da utilização do biogás, ou então o Canadá, que em um futuro poderá não só produzir eletricidade, mas também etanol de segunda geração através da sua produção de madeira (hoje é responsável por abastecer a Europa de pellets de biomassa, que tem como destino antigas termoeletricas na quais anteriormente trabalhavam à carvão mineral) ou como um caso local, ver a maioria da frota de carros leves nacionais sendo movida a etanol de segunda geração através da utilização da célula que transforma internamente o biocombustível em hidrogênio.

O primeiro problema quando se pensa no uso de bioenergia em todo o planeta está na concentração de seu uso. Hoje, Brasil, EUA e Europa consomem cerca de 60% da produção mundial, isso mostra que o mundo como um todo, especialmente a Índia e a China que são as duas maiores populações, tem seus programas bioeconômicos em estágio embrionário. Outra grande barreira para acelerar a queda do consumo de combustíveis fósseis está dentro dos principais países, como o Brasil, onde a mistura de políticas públicas pontuais de maquiagem do preço da gasolina a fim de segurar índices como a inflação, geraram um preconceito em grande parte da população, que só abastece com o etanol quando o cálculo de rendimento, a famosa conta dos 70%, o faz valer a pena. Nesse ponto os especialistas enxergam como a mais clara solução o desenvolvimento de políticas públicas onde os valores ambientais das práticas sustentáveis deveriam ser premiados de alguma maneira (o projeto da certificação por sequestro de carbono é o mais desenvolvido) e os próprios atores inseridos no processo produtivo, trabalhar de maneira intensa com o objetivo de criar consciência nas camadas com menos conhecimento da população.



Bernardo Grandin, CEO da Granbio, um dos empreendedores pioneiros na busca pelo etanol de segunda geração

A consideração final feita por Bernardo Grandin consegue abordar todo o desenvolvimento de raciocínio do debate: “Esse jogo não pode ser como cabo-de-guerra, todos precisam se ajudar. As autoridades máximas dos países precisam criar planos que estejam acima das sucessões presidenciais na introdução dos biocombustíveis em suas matrizes energéticas. Essa tem que ser uma questão global, é preciso derrubar barreiras protecionistas sejam elas governamentais ou de outras indústrias”.

Cenários mais ou menos limpos e muito sujos

Ao final do segundo debate a conclusão que se chega é que se o Brasil, país que ainda tem desafios enormes no sentido de redução de gases causadores do efeito estufa, é visto pelas agências intergovernamentais, que trabalham com o tema, como um case de sucesso, assusta ao imaginar o quanto é poluído em grandes centros do mundo.

Fizeram parte desse painel o diretor geral de desenvolvimento sustentável, energia e clima do ministério do meio ambiente, terra e mar da Itália, Francesco LaCamera (moderador); o dono da cadeira de bioenergia do IEA, o holandês Kees Kwant; o diretor de clima e energia do WBCSD (World Business Council on Sustainable Development), o suíço Rasmus Valanko; o presidente da Datagro e conselheiro do CNPE (Conselho Nacional de Políticas Energéticas), Plínio Nastari e o presidente do grupo de trabalho sobre biocombustíveis do Ministério do Petróleo e Gás Natural da Índia, Ramakrishna Y.B.

No começo dos trabalhos foi traçado um pequeno cenário do desenvolvimento do setor na Itália, no qual é muito tímido, onde existe a perspectiva da entrada dos biocombustíveis na frota leve e pesada somente em 2018 e um movimento de conversão de algumas refinarias de petróleo em biorrefinarias.



Representante do Governo italiano, Francesco LaCamera: Projeto de biocombustíveis na Itália ainda está muito no começo

Em um cenário muito mais preocupante se encontra a Índia, onde 75% de sua frota é movida a diesel, e somente 5% de etanol é adicionado à gasolina, que tem os 25% restantes da frota. Segundo o representante do governo no setor, a preocupação com a segurança

alimentar em seu país ainda é muito grande, o que cria uma barreira para se destinar áreas agricultáveis para a criação de combustíveis, tanto que tudo que é consumido lá é importado e até 2022, quando se espera duplicar a quantidade de etanol ao combustível fóssil, as chances são pequenas de que uma bioindústria surja.



Representante do Governo indiano, Ramakrishna Y.B.: A Índia ainda precisa garantir a segurança alimentar para o seu povo antes de pensar em produzir biocombustíveis

O representante brasileiro mostrou o quanto estamos anos luz à frente, tanto de europeus como de asiáticos, quando se fala de diminuição de gases do efeito estufa na atmosfera, quando apresentou números que os carros híbridos movidos à célula de combustível deverão gerar 4 g de CO₂/km (quantidade ínfima) a mais que os elétricos em 2030, partindo do princípio que toda geração de energia elétrica venha de fontes sustentáveis. Ou seja, considerando o grande desafio dos países do hemisfério norte, que é tornar verde a



Plinio Nastari, conselheiro do CNPE: Traçou um comparativo de eficiência entre os carros híbridos e os elétricos

sua matriz energética, do ponto de vista ambiental, não faz sentido investir em carros que precisam de uma tomada para se reabastecer, pelo menos a médio prazo. Nastari acredita que em menos de cinco anos haverá carros movidos a hidrogênio circulando no trânsito caótico nacional.

Outra novidade apresentada pelo pesquisador brasileiro é o Renovabio, programa do Governo federal cujo objetivo é expandir a produção de biocombustíveis no Brasil, baseada na previsibilidade, na sustentabilidade ambiental, econômica e social, e compatível com o crescimento do mercado, o qual gerou um brilho nos olhos de boa parte dos presentes ao evento, os cabeças pensantes no desenvolvimento da economia verde global.



O suíço Rasmus Valanko, da WBCSD, apresenta como funciona o programa de incentivo para as grandes corporações reduzirem a emissão de carbono, chamado "Below 50"

O suíço Rasmus Valanko, da WBCSD, fez uma apresentação do "Below 50", programa de âmbito mundial que visa introduzir a meta de redução em 50% dos combustíveis fósseis nas maiores corporações do planeta. A posição da IEA vai ao encontro da ideia do programa citado acima, porém eles acreditam que ainda é necessário fazer um forte trabalho de comunicação, principalmente nos países muito enraizados do ponto de vista dos produtos fósseis, para quebrar visões atrasadas sobre a segurança e desempenho dos naturais.

Avós, Filhos, Netos e Bisnetos

Ao retornar do almoço, iniciou-se o painel "Combustíveis de Baixo Carbono", que consistia mostrar o grau de maturação em que o Brasil está nos quatro principais tipos de combustíveis (Etanol, Biodiesel, Biogás e Bioquerosene).

Para falar do atual grau de desenvolvimento do mais

velho dos verdes em território nacional, participaram o vice-presidente executivo da Raízen, João Alberto Abreu; o diretor de negócios e desenvolvimento para a América Latina da Novozymes (fornecedora de enzimas para a produção do Etanol de 2ª geração), Daniel Cardinali, e a presidente da Unica, Elizabeth Farina.



João Alberto Abreu, vice-presidente executivo da Raízen: Com o etanol de segunda geração e outras inovações será possível dobrar a produção sem derrubar uma árvore

A primeira preocupação do executivo da Raízen foi desmistificar para boa parte do público presente, que apenas 1% da área brasileira é ocupada com a cana-de-açúcar, e que não será necessária a derrubada de nenhuma árvore para conseguir o objetivo de duplicar a produção, isso devido ao ganho de produtividade, viabilidade de produção em áreas de pasto degradadas e, a principal de todas, a utilização da palha para produção do etanol de 2ª geração, onde o grupo piracicabano possui uma das duas plantas industriais, a outra é a Gran Bio.

Ainda sobre a nova roupagem do mais rodado dos combustíveis verdes, Daniel Cardinali (Novozymes) disse que o processo de fabricação já ultrapassou a fase de maturidade tecnológica e se apresenta em um momento de conciliação, onde é necessário o desenvolvimento de um plano público (Renovabio), para começar a convencer investidores, ganhar escala e aí sim atingir o tão almejado “platô de produtividade”.

A enzima, utilizada na transformação da celulose em açúcar, necessária para a produção do etanol, teve o seu custo bastante discutido ao longo do painel, onde chegou-se à conclusão de que ao finalizar o processo de desenvolvimento tecnológico, a sua performance evoluiu duas vezes em 3 anos, e que no próximo triênio ela irá dobrar, até que com o ganho de escala, seu custo, cairá vários degraus na escada de importância.

Para ilustrar isso, Abreu lembrou que a enzima era



Daniel Cardinali, da Novozymes: Com a escalabilidade a custo da enzima vai deixar de ser um dos principais na produção do etanol de segunda geração

um componente importante na composição do preço do etanol de milho nos EUA, e hoje é praticamente insignificante.

Toda a competitividade para essa tecnologia ganhar mercado de maneira acelerada só será possível com a implementação do Renovabio, foi o que ponderou a representante das Unidades Agroenergéticas, Elizabeth Farina. Para ela, o programa vai remunerar, pela eficiência, quem realmente fizer o trabalho social de recolher carbono da atmosfera, o que dará competitividade de preço em relação aos fósseis em todo o país.

O filho, e podemos dizer que é o temporão, é o biodiesel, onde o seu representante, o presidente da Ubrabio (União Brasileira do Biodiesel e Bioquerosene), Donizete Tokarski, mostrou que enquanto a curva de importação do óleo é ascendente, metade do parque industrial do biodiesel está ocioso.



Donizete Tokarski, presidente da Ubrabio. “O biodiesel é o filho do etanol”

Para resolver o problema, o executivo analisou que é preciso atingir pelo menos 20% do biocombustível misturado ao fóssil até 2030. Em março de 2018, a mistura deve chegar a 10%, hoje consiste em 8%. Outro ponto que precisa evoluir no setor produtivo nacional é a questão da matéria-prima. Hoje a soja, commodity que oscila muito o seu preço de acordo com a oferta nacional e a demanda mundial, é a principal fornecedora, para o executivo é preciso incentivar outras formas de se produzir, como óleo de cozinha usado, outras oleaginosas e até mesmo ampliar a utilização do sebo do boi.

Uma questão importante abortada durante o debate foi em relação de que a maioria do biodiesel brasileiro é feito a partir da rota do metanol – produto utilizado para misturar no óleo vegetal para produzir o biocombustível – e não na do etanol. Segundo o executivo, a questão está no preço, já que o parceiro fóssil tem o preço mais competitivo e as fabricantes de equipamentos (na sua grande maioria de outros países) têm sua tecnologia desenvolvida nesse modo de produção. A rota do etanol poderá se tornar um ótimo nicho de mercado verde que o Renovabio poderá contribuir para se desenvolver em solos brasileiros a partir do ganho de escala de produtividade do biocombustível para veículos pesados.

Partindo do princípio que os avós e pais dos verdes sejam destinados para fazer a frota nacional (leve ou pesada circular), o seu neto, o biogás, teria uma importância enorme principalmente em se tratando de energia para as termoeletricas, movidas a carvão, e geradores a diesel. Podendo ser extraído da biomassa, e também de subprodutos da cana, como a vinhaça e a torta de filtro, ele com certeza terá sua grande

matéria-prima nas metrópoles, pois pode ser extraído dos aterros sanitários e estações de tratamento de esgoto.

Dentre as duas formas mais evoluídas de biogás (biometano e DME) o segundo leva vantagem sob o ponto de vista de amplitude de matéria-prima, já que o biometano é um derivado do biogás, onde exige que sua origem sejam resíduos essencialmente orgânicos, principalmente vindos de atividades agrossilvopastoris, excluindo os aterros sanitários e as estações de tratamento de esgoto, porém o produto se encontra em um processo de maturação muito avançado no Brasil, inclusive se encaminha para que no futuro ocupe o lugar que hoje é do gás natural, importado da Bolívia.

O DME (Dimetil-Éter) também deverá ter um lugar ao sol, principalmente pela sua flexibilidade de matéria-prima, que pode ser desde o “licor negro” (resíduo da indústria papelreira) passando por resíduos do processo de produção de grãos, até excrementos de animais. Outro ponto que o fará importante comercialmente é sua alta adaptabilidade aos motores movidos a diesel, onde não há necessidade de grandes adaptações, com isso as grandes montadoras de veículos pesados e extremamente pesados (como mineração), já desenvolvem estudos para viabilizar a sua utilização.

Por fim, o bisneto dos verdes ainda nem nasceu no Brasil. O bioquerosene, que é utilizado na aviação, já é usado em grande escala nos EUA e Europa, no entanto a baixa produção no país, segundo o diretor para biocombustíveis da Gol, Pedro Scorza, ainda o torna inviável.

As empresas de aviação comercial, que realizam voos internacionais, vivem uma verdadeira contagem



Rebecca Boudreaux, representante da Associação Internacional do DME, apresentando uma molécula do revolucionário biocombustível



Pedro Scorza, da Gol. "O custo do bioquerosene ainda o torna inviável aqui no Brasil"

regressiva, já que a associação que engloba todas as companhias mundiais estipulou para 2020 a meta de neutralizar a emissão de carbono, ou seja, ou o Brasil ganha escala de produção, levando em conta que ele é constituído de uma mistura de etanol com óleo extraído de alguma biomassa, ou então o valor das passagens subirá, pois será necessária a compra de créditos de carbono.

Os cinco maiores obstáculos

Depois de um dia e meio de muita informação e troca de ideias ficou claro os cinco maiores obstáculos que precisam ser superados para que tenhamos um biofuturo.

A primeira questão é a relacionada em agregar o valor do combate ao aquecimento global na composição de preços dos biocombustíveis, trazendo assim competitividade em relação ao valor dos combustíveis fósseis. E a solução para isso com certeza é a globalização do mercado de certificados de crédito de carbono, aonde aparece a segunda barreira, a falta de políticas públicas. Nesse aspecto o Brasil tem a oportunidade única, através do Renovabio, de ser o primeiro país a desenvolver um mercado de carbono regulamentado, e virar referência para o mundo inteiro.

Com uma política pública que dá segurança para o desenvolvimento de mercado, a escada para pular

o terceiro obstáculo fica praticamente pronta, pois a segunda palavra que um investidor mais gosta é previsibilidade (a primeira é lucro), e sem dinheiro não existe escala.

Resolvidos os problemas estruturais (agregar valor, políticas públicas e escala), vêm os mais complexos, os de comunicação. Tanto entre os países, para a conversa e principalmente a queda de barreiras que impossibilitem a troca de tecnologias de maneira mais ágil e a campanha de convencimento, principalmente para setores da população mais ignorantes (do ponto de vista ambiental) que os biocombustíveis podem sim ser mais eficientes que os combustíveis negros.

A região de Ribeirão Preto nunca mais será aquela Califórnia retratada no final da década de 80, e isso é muito bom, pois aquela convivia com contrastes sociais e ambientais que pelo menos toda a cadeia produtiva da cana conseguiu resolver nesses últimos 30 anos. E o preço e aprendizado dessas últimas três décadas (só quem passou pela queda do Proálcool, a euforia dos flex, a exigência por uma mecanização do corte em tempo recorde, a formalização trabalhista no campo e a traição do pré-sal sabe a musculatura que esse setor criou) é o que dará a base de sustentação para que finalmente o Brasil possa ser um dos precursores e ter o seu nome cravado na história mundial como um protagonista na mudança de uma paisagem cinza e quente, para uma verde e com a temperatura agradável. 





O ETANOL

pode substituir o diesel?

Esse foi o assunto abordado na quarta edição do Seminário sobre Etanol Eficiente

Fernanda Clariano



O uso eficiente do etanol, além dos impactos ambientais e sociais favoráveis, afeta positivamente a economia dos consumidores e dos agentes na sua cadeia de produção. Os avanços tecnológicos nessa matéria têm mais chance de se efetivarem no Brasil, mas podem interessar agentes nos EUA e, de

forma crescente, em diversos países como a Suécia e a França, onde o uso do etanol tem aumentado.

A especificação do diesel e da gasolina pelas refinarias e dos respectivos motores pela indústria automobilística evoluíram ao longo de mais de um século de forma simbiótica, levando à produção de veículos cada vez mais eficientes e

menos poluentes em um processo que ainda está longe de acabar.

O mesmo não aconteceu com o etanol, combustível homogêneo naturalmente especificado, com propriedades particularmente adequadas aos motores de combustão interna. Atualmente é usado em motores projetados essencialmente para usar gasolina

que não tiram proveito das excelentes propriedades do etanol. Recentes desenvolvimentos de motores a etanol indicam que, além das vantagens ambientais, são mais compactos, podendo inclusive competir com motores a diesel diretamente ou em sistemas híbrido-elétricos.

A substituição do diesel pelo etanol, no Brasil, reduziria os impactos ambientais decorrentes dos transportes públicos em cidades como São Paulo, onde as emissões do diesel são mais problemáticas. Mais importante ainda seria substituir os quase 3 bilhões de litros de diesel usados pela agroindústria sucroalcooleira para plantar, colher e transportar a cana.

A quarta edição do Seminário sobre Etanol Eficiente, realizada no dia 25 de outubro, no auditório do Tech Center da Mahle, em Jundiaí-SP, discutiu a possibilidade de substituir diesel por etanol, tanto em veículos leves quanto pesados, avaliando as questões tecnológicas, principais barreiras e perspectivas de uso do CRE (Certificado de Redução de Emissões), a ser criado pelo programa RenovaBio.

A substituição do diesel na cadeia de produção do etanol

O tema foi abordado pelo diretor geral do INEE (Instituto Nacional de Eficiência Energética) e gerente do projeto Etanol Eficiente, Jayme Buarque de Hollanda. Segundo ele, é preciso que a agroindústria converse mais com a indústria automobilística, mas em particular com os sistemistas de modo geral. “O sistemista é quem sabe que, bem aproveitado, o etanol vai dar certo. A academia também precisa estar em várias frentes, estudando e desenvolvendo a oportunidade”, disse.



*Jayme Buarque de Hollanda - diretor
Geral do INEE*

Hollanda também ressaltou que o processo produtivo da cana-de-açúcar no campo consome a impressionante soma de 3 bilhões de litros de diesel, ou 10% da energia do etanol produzido e analisou: “Não seria mais lógico se o próprio etanol, fruto do processo produtivo, pudesse ser empregado no abastecimento dos veículos pesados envolvidos nessa cadeia?”. O diretor do INEE ainda ponderou sobre o transporte da cana-de-açúcar, que vem sendo feito por caminhões e veículos pesados baseados em diesel. “Existe um pecado original nesse processo, e ele precisa ser atacado e resolvido pela substituição de motores a diesel

por motores baseados em etanol, que eventualmente precisam ser projetados e desenvolvidos”.

Ainda de acordo com Hollanda, o INEE defende a necessidade de o Brasil produzir veículos com motores próprios para o uso do etanol. “O uso eficiente do etanol, além dos impactos ambientais e sociais favoráveis, afeta positivamente a economia dos consumidores e dos agentes na sua cadeia de produção. Os motores próprios para o uso do etanol são uma solução que concilia emissões locais e globais e que pode resolver os problemas constatados em diversos carros a diesel que subestimam as emissões locais. Sobre este aspecto, eles são ainda melhores que os motores elétricos à bateria, já que a energia elétrica na maioria dos países é gerada com combustíveis fósseis”, concluiu.

O potencial da nova regulamentação para o desenvolvimento do etanol

“É importante agora que alcancemos ganhos de produtividade, recuperando os índices que já tivemos no passado e que perdemos. As oportunidades de melhoria não existem apenas na área agrícola. Sobretudo, é necessário



*Jayme Buarque de Hollanda - diretor Geral do INEE, Marcos Clemente - gerente
de Serviços Científicos da Mahle e Elizabeth Farina - presidente da Unica*



Elizabeth Farina - presidente da Unica

alcançar maior eficiência pelo desenvolvimento e aprimoramento de motores mais eficientes no consumo do combustível”, disse a presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar), Elizabeth Farina.

Em sua explanação, a executiva enfatizou o RenovaBio, programa que visa estabelecer mecanismos de mercado para a promoção dos combustíveis renováveis, incentivando ganhos de produtividade, em oposição à adoção de medidas tributárias. “Há, dentro dele, um incentivo à eficiência pelos métodos que o produtor escolher em seu processo produtivo. Se ele substituir o diesel na sua cadeia produtiva poderá ganhar um certificado que reduzirá o seu custo de produção. Por outro lado, produtores que mantiverem processos ultrapassados, com danos ao meio ambiente e em prejuízo da produtividade, serão penalizados. A longo prazo todos vão buscar os métodos mais limpos, gerando um movimento positivo e virtuoso”.

Na oportunidade, a presidente da Unica ainda lembrou os esforços que a entidade tem feito nos últimos meses para convencer o Governo a não aumentar os impostos sobre o etanol.

Rota 2030

Rota 2030 é uma política de longo prazo em discussão no Governo brasileiro que estabelece as diretrizes e metas para a redução das emissões veiculares nos próximos anos, prevendo três ciclos de implementação: 2022, 2027 e 2032. A ideia é fomentar o desenvolvimento tecnológico para que o Brasil se torne mais competitivo no segmento em nível internacional, além de estabelecer um marco claro que fomente pesquisas no segmento em busca de uma matriz energética mais limpa e sustentável.

O Rota 2030 prevê seis grupos temáticos: cadeia de autopeças; pesquisa e desenvolvimento em engenharia e conectividade; eficiência energética, emissões, biocombustíveis e novas tecnologias de propulsão; segurança veicular, inspeção técnica e renovação da frota; produção em baixos volumes, produção local de sistemas automotivos e de eletrônica embarcada; estrutura de custos para integração de competitiva às Cadeias Globais de Valor.

O assunto foi discorrido pelo gerente de Serviços Científicos da Mahle, Marcos Clemente. Segundo



Marcos Clemente - gerente de Serviços Científicos da Mahle

ele, há uma série de programas em discussão dentro do Governo, e com o Rota 2030 existe uma preocupação no sentido de fortalecer a cadeia produtiva. Para ele, o setor está ansioso pela nova legislação para que possa iniciar seus planos de investimento, mas há vários programas em discussão dentro do Governo. “Enquanto o Rota 2030 foca no aumento da eficiência energética do tanque à roda e a competitividade, o Proconve busca a redução das emissões de poluentes e o RenovaBio busca garantir a competitividade dos biocombustíveis e a sua evolução”. 



2018

PRÓXIMOS EVENTOS

#DATAGRO
#DATAGROCONFERENCES

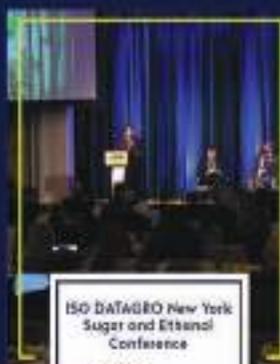
DATAGRO
CONFERENCES



Abertura de Safra



MARÇO



ISO DATAGRO New York
Sugar and Ethanol
Conference



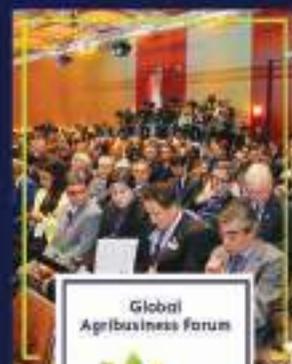
MAIO



7th Sugar & Ethanol
Summit
Brazil Day



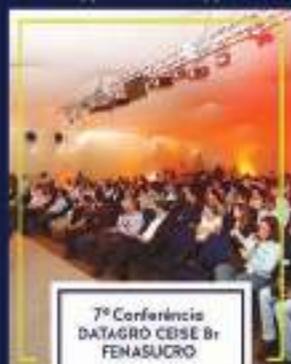
JUNHO



Global
Agribusiness Forum



JULHO



7ª Conferência
DATAGRO CESE B-
FENASUCRO



AGOSTO



GAF Talks



A DEFINIR



15ª Conferência
Internacional DATAGRO
sobre Açúcar e Etanol



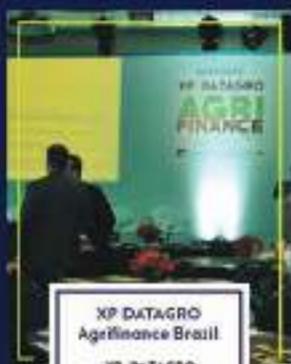
OUTUBRO



7ª APLA/DATAGRO
Business Round



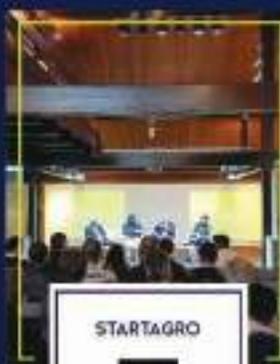
OUTUBRO



XP DATAGRO
AgriFinance Brazil



OUTUBRO



STARTAGRO



A DEFINIR

SAVE THE DATE

PLANTE A MARCA DA SUA EMPRESA NO MAIOR
EVENTO SUCROENERGÉTICO MUNDIAL

     /datagro

WWW.DATAGROCONFERENCES.COM

CONFERENCIA@DATAGRO.COM | +55 (11) 4133.3944



DE OLHO

nas safras

Com o fim da temporada 17/18, o momento é de revisões e expectativas para o próximo período

Diana Nascimento



Evento reuniu gerentes, diretores de usinas, associações e executivos

Gerentes e diretores de usinas, associações e executivos ligados ao setor sucroenergético participaram, na segunda quinzena de outubro, da 2ª Reunião Canaplan 2017, que reavaliou a safra 2017/2018 e divulgou as primeiras impressões

para a safra 2018/2019 para a região Centro-Sul.

O evento abordou também a viabilidade da usina flex - assunto que ainda traz muitas dúvidas para os produtores e usinas. Segundo o consultor Erisson Marino, o custo do milho deve ser entre R\$ 16 e R\$ 24/t

para que a usina tenha viabilidade, já que a planta greenfield precisa de energia térmica e elétrica produzida com queima de biomassa comprada. “Operar uma planta de etanol de milho apenas na entressafra provavelmente não seria viável”, analisou.



Rodrigues, que moderou o painel sobre Produtividade, disse que é preciso ter capricho em todo o processo agrícola

Um ponto que merece atenção nesse tipo de empreendimento é que o preço e venda do DDG devem ser adequados, considerando que 60% do milho é destinado para o etanol e 40% para o coproduto. No processo industrial são utilizadas duas enzimas e Marino atenta que novas fábricas de etanol de milho poderão provocar o aumento do preço das enzimas, visto que há poucos fornecedores. “Os custos de produção de etanol de milho ainda não são seguros”, observou o consultor.

A reunião contou com três painéis. O primeiro tratou sobre a produtividade e foi interativo, contando com respostas do público e discussões entre os participantes convidados sob a moderação de Paulo Rodrigues, do Condomínio Agrícola Santa Izabel.

Para Paulo Donadoni, gerente de cultura cana-de-açúcar da Bayer, o agricultor tem que utilizar a inovação não só em tecnologia, mas em um novo processo para buscar a produtividade. “É difícil gerir mão de obra cada vez mais específica e adotar tecnologia que compense o investimento”, salientou.

O gerente de cultivos da Basf,

Leandro Pessente, reafirmou que longevidade com produtividade é o que se busca nos canaviais. “A empresa traz soluções para prover o que o setor precisa e exemplo disso são as mudas sadias. Temos algumas ferramentas que podem ajudar no manejo, pois buscamos facilitar o dia-a-dia do produtor. Um produto apenas não consegue trazer tudo o que o setor precisa”, destacou.

Marcelo Piovesana, representante técnico da Adama, lembrou que é preciso melhorar a qualidade, trazendo simplicidade para a cana-de-açúcar e cuidado com a muda e com o plantio. “Isso refletirá em maior longevidade e produtividade. Entender os níveis de infestação de pragas e como manejá-las adequadamente é algo necessário”, disse.

Oferecer um campo melhor é a aposta de Carlos Graminha, gerente de Contas Estratégicas de Cana da John Deere. “Os equipamentos são digitais, permitindo inteligência nos equipamentos, raciocínio na operação em várias situações, ajudando na produtividade. Temos um monitor de produtividade que mede tudo o que é feito no campo”, pontuou. Para ele, a mecanização está acompanhando a necessidade do setor, pois os equipamentos estão cada vez mais inteligentes e econômicos para ajudar nas decisões agrônômicas.

A maior preocupação com o controle de doenças foi apontada pelo gerente de Marketing em Cana da Syngenta, Leonardo Pereira. Segundo ele, está havendo um aumento da demanda por fungicidas. “O Sphenophorus é a grande preocupação de todos e a demanda por produtos específicos para essa praga é alta. Aliado a isso, a adoção de maturadores vem aumentando ano a ano”.

Vinícius Batista, gerente de

Marketing Regional da FMC, também comentou sobre as pragas e doenças ao dizer que o investimento deve ser realizado pensando na integração. “O equilíbrio da planta é importante para maior defesa contra doenças e pragas. A longevidade do canavial tem vários fatores como a proteção de cultivos e uso de tecnologia, por exemplo”, esclareceu.

Após os comentários iniciais dos participantes do painel, Rodrigues ressaltou que a busca pela simplicidade é baseada em ferramentas novas e manejo adequado. “Temos dificuldade em ter informação de qualidade para tomar decisão. Insumo e tecnologia têm, mas estamos conseguindo executar as coisas na hora certa?”, indagou.

A realidade do produtor

Durante o primeiro painel, o público foi indagado sobre algumas questões. Em relação ao plantio e preparo de solo, notou-se que houve diversidade dos sistemas de preparo de solo de acordo com os ambientes de produção. Com isso, 26,7% acham que o plantio realizado em 17/18 foi ideal, enquanto 73,3% discordaram.

A maioria acredita que o plantio de 12 meses não irá crescer em relação ao total. Já o processo de mecanização, segundo o público, foi melhor do que em 2016, mas ainda pode melhorar.

Quanto ao uso de MPB, 37,2% usaram para a linha de meiosi e fizeram uso em viveiro, enquanto para 21% as MPBs foram base do plantio. Ainda sobre a tecnologia, 76,9% observaram um aumento de produtividade com a sua utilização. Diante disso, 51,9% esperam expandir o MPB para áreas comerciais, mas dependem de plantadora eficiente e 32,9%

ainda têm dúvidas sobre o retorno no investimento.

Com vistas para esse cenário, Batista atenta que com a adoção de tecnologias em áreas de meiosi com MPB há a necessidade de proteger e fortalecer a raiz da planta. “Isso significa desafio de caixa e investimento em soluções equilibradas e não pontuais, mas no contexto. Pode ser o uso de produtos biológicos junto com produtos químicos”, sugere.

A MPB é hoje vista como um investimento, segundo Pessente, mas um ponto ainda sofrível é o planejamento para demanda. “O planejamento e execução ainda precisam evoluir na tecnologia MPB. Precisamos nos adaptar ao novo modelo e conceito para todo o benefício e praticidade”, adiantou.

“O plantio de cana evoluiu, basta vermos ferramentas como bioestimulantes, MPB e equipamentos com tecnologia, por exemplo. A grande saída para um melhor plantio é discutir o que precisa ser feito para aprimorar o processo, adotar o que precisa ser feito no momento certo”, justificou Donadoni.

“Capricho é essencial em todo o processo agrícola, principalmente no plantio”, completou Rodrigues.

Revisão de safra

Tanto a segunda palestra quanto o segundo painel tiveram como tema a reavaliação da safra 2017/2018 e o primeiro olhar à safra 2018/2019.

O diretor da Canaplan, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, mencionou em sua palestra que as condições climáticas favoráveis dos últimos meses contribuíram para o desenvolvimento dos canaviais, o que fará com que a região Centro-Sul processe 588 milhões de t na safra 17/18, com intervalo de estimativas entre 585 a 590



De acordo com Carvalho, no Centro-Sul, a safra 17/18 apresentou um menor volume de cana bis, além de um envelhecimento do canavial

milhões de toneladas, produção de 36 milhões de toneladas de açúcar e 24,2 bilhões de litros de etanol.

De acordo com Carvalho, no Centro-Sul a safra 17/18 apresentou um menor volume de cana bis, além de um envelhecimento do canavial. “A questão-chave foi o que aconteceu de abril a outubro deste ano, o que implicará em uma safra mais curta”, avaliou.

A consultoria vislumbra ainda que o plantio de 12 meses irá oscilar ainda mais nessa safra, funcionando como uma estratégia para aumentar a disponibilidade de cana.

Além disso, os consultores da Canaplan ressaltaram que a chuva salvou a safra atual, visto que o acumulado entre abril e setembro foi maior do que o ocorrido no mesmo período de 2016. No entanto, a produtividade foi basicamente a mesma nos dois anos: 79,4 t/ha em 2016 e 79,2 t/ha em 2017 (que apresenta ATR em 134,5 kg por tonelada de cana processada).

As estimativas iniciais para a safra 18/19, que iniciará oficialmente em abril de 2018, indicam que houve uma renovação

de canavial próxima de 14%, e a idade média do canavial deverá ser de 3,89 cortes, resultado da baixa renovação de plantio. Some-se a isso a seca dos meses de setembro e outubro desse ano que influenciará na próxima safra, prejudicando o plantio e o desenvolvimento das canas-socas.

Frente ao cenário de reavaliação de safra e primeiro olhar à safra 18/19, o painel 2 do evento reuniu representantes de grupos e usinas para discutir sobre as futuras expectativas.

O diretor da BP Biocombustíveis, Agnaldo de Tarso Rigolin, iniciou dizendo que o ano de 2107 teve uma safra com distribuição de chuvas diferente, ATR alto e um pouco mais de cana. “Acredito que a safra deve se estender, impactando a de 2018”, reiterou.

Rodrigues destacou que a safra foi surpreendente devido à somatória de diversas práticas como 3º eixo de colheita e manejo integrado de pragas e doenças. “As chuvas nos três primeiros meses acabou determinando a safra”, pontuou.

Como os plantios de 2017 estiveram abaixo do ideal, muitos acreditam que o canavial seguirá velho para o próximo período de safra, resultando em menor produtividade.

“No nosso caso, investimos mais em plantio e acredito em uma produtividade média maior devido ao nosso índice de renovação. A cana planta sofreu mais com o clima. Ela vai acusar o golpe na safra que vem”, observou Rodrigues.

Fernando Benvenuti, gerente corporativo de engenharia agrícola e geotecnologias da Rafzen, lembrou que o canavial estava sendo formado em outubro, mês em que não houve chuva como na média, o que pode afetar

os canaviais. Já Marcelo Tenório, diretor administrativo da usina Alto Alegre, comentou que a renovação na usina foi realizada com variedades mais produtivas.

Para o diretor agroindustrial da São Martinho, Mário Ortiz Gandini, as decisões terão que ser tomadas olhando para o canavial. Rodrigues completou dizendo que muita coisa precisa ser feita, principalmente em manejo. “A nossa tendência é positiva e de crescimento a longo e médio prazo”, disse.

Na opinião de Paulo Roberto Artioli, diretor agrícola da Tecnocana, a compactação é vilã à produtividade. “Sofremos com a mecanização e temos que adequá-la à cultura. Não penso em cana de três dígitos porque não tenho ambiente para isso. É preciso manter o canavial e o manejo, que implicam em conhecimento e tecnologia. Temos que estar atentos que não podemos fazer as coisas a Deus dará, temos que ser assertivos. Fazemos investimentos que não dão lucro e é preciso saber usar as ferramentas. Tem que ter TCH e focar em um tratamento diferenciado de acordo com o seu talhão”, defendeu.

Mercado de açúcar e etanol

O mercado de açúcar e etanol foi o assunto do terceiro e último painel da reunião. Apesar da crise, de acordo com Manoel Pereira de Queiroz, gerente sênior de Relacionamento do Rabobank, houve uma diminuição da dívida líquida bancária, passando de R\$ 143/t na safra 15/16 para R\$ 119/t em 16/17. “A dívida estava em R\$ 170/t na safra 14/15. Isso prova que ainda existe usina alavancada e os juros têm caído e serão reduzidos ainda mais”, analisou.



Segundo Tarcilo Rodrigues - diretor executivo da Bioagência, o mercado de etanol está se destacando devido as novas relações de mercado

A demanda recorrente por investimentos é comum no setor sucroenergético. Só para renovar 17% dos canaviais são necessários R\$ 8,1 bilhões e R\$ 9.4 bilhões para tratamentos culturais. Por ano, os investimentos necessários são de R\$ 21,1 bilhões. Porém, a demanda por expansão de área atualmente está zerada, embora algumas usinas e grupos estejam expandindo.

Entre as fontes de financiamento mais procuradas, Queiroz aponta que o BNDES não será tão utilizado como antes após as mudanças. “As operações em reais a mercado estão barateando. O CRA tem crescido bastante, mas depende do amadurecimento e melhor governança nas empresas”, afirma.

A tendência de mercado para o açúcar foi abordada por Martin Todd, diretor-gerente da LMC International. Ele contou que a necessidade de importação na China será grande, mas falha. Já o Paquistão surpreendeu a todos esse ano, produzindo mais de sete milhões de toneladas do produto.

A Rússia também se tornou um exportador de açúcar para a Ásia Central, enquanto a União



Martin Todd, diretor-gerente da LMC International, comentou sobre o mercado mundial de açúcar

Europeia apresentou alta de 17% na produção de beterraba da safra 17/18 que tem apresentado baixos preços. “As beterrabas têm se desenvolvido bem e alcançado produtividades entre 12 a 15 t/ha em algumas regiões do norte da Europa”, explicou Todd.

O mercado de etanol, por sua vez, está se destacando devido as novas relações de mercado apontadas por Tarcilo Rodrigues, diretor executivo da Bioagência. Para ele, o mercado começou a mudar quando em novembro de 2016 a Petrobras passou a adotar uma nova política de preços. De lá para cá, novos acontecimentos vêm surgindo: em janeiro de 2017 houve o aumento de PIS/Cofins sobre o etanol; no mês de maio atingiu-se o recorde de importação de gasolina; em agosto foi criada a alíquota de 20% para a importação de etanol; em setembro a demanda e os preços do etanol avançaram e, em outubro, as usinas começaram a mudar seu mix para o etanol. “Estamos em uma realidade positiva para nós, em um momento ímpar, onde o mercado está absorvendo toda essa mudança”, disse o executivo ao ressaltar que a frota da gasolina está decrescente enquanto a frota flex é crescente. 



VENCENDO

preconceitos

Pesquisa mostra o perfil das mulheres que atuam no agronegócio

Fernanda Clariano



Participantes do Congresso Nacional de Mulheres do Agronegócio, em SP

As mulheres do agronegócio já romperam com diversas barreiras do preconceito e estereótipos. São gestoras, trabalhadoras, motivadas e valentes, estão cada vez mais enfrentando o preconceito masculino e ocupando espaço nos diversos segmentos do agronegócio. Conciliadoras, transitam entre o campo e as cidades com a mesma facilidade com que harmonizam a carreira e a família. Foram essas algumas das conclusões da pesquisa “Todas as mulheres do agronegócio”, encomendada

pela ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio), elaborada pelo IPESO (Instituto de Pesquisa) e divulgada durante a segunda edição do Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio – Liderança Globalizada, Empreendedora e Integrada, realizado nos dias 17 e 18 de outubro, no Transamérica Expo Center, em São Paulo. O evento reuniu palestrantes de 18 estados brasileiros e também estrangeiras e mais de 1.000 congressistas que exercem papel de liderança no agronegócio.

A pesquisa

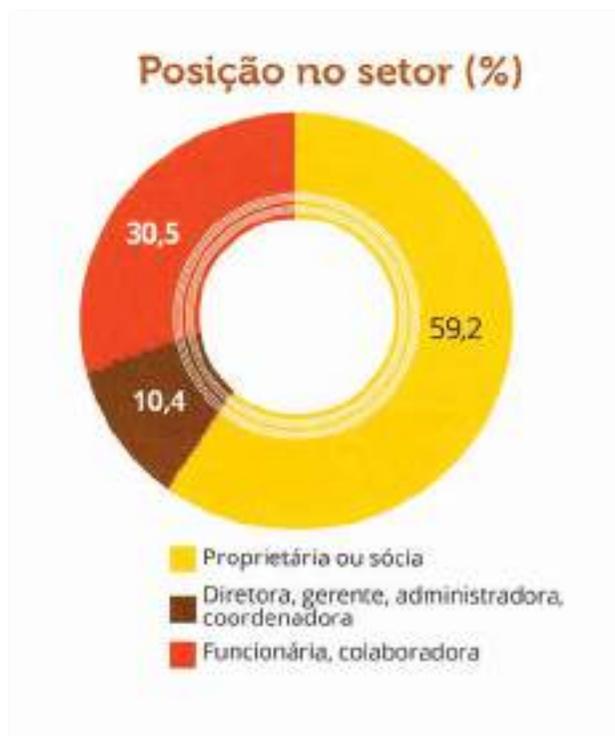


Para o estudo sobre o perfil da mulher do agronegócio, foram entrevistadas 862 mulheres de todas as regiões do país. O levantamento dos dados foi realizado nos meses de junho e julho de 2017 e contemplou mulheres que trabalham em atividades classificadas como “antes da porteira”, ou seja, todas as atividades incluídas na cadeia de suprimentos e serviços que atendem às propriedades rurais. Contemplou também as mulheres que “atuam dentro da porteira”, que têm as mulheres com atividades e responsabilidades relacionadas com a propriedade rural. Inclui ainda mulheres que atuam “depois da porteira”, nos negócios ligados ao transporte, armazenamento, industrialização, distribuição e comercialização da produção.

A pesquisa quantitativa abordou os seguintes temas: perfil da propriedade rural, setores de atuação, jornada de trabalho, família e sucessão, anseios e preocupações e valores, atitudes, interesses e opiniões, revelando um retrato atual e caracterizando um momento histórico do agronegócio brasileiro: a inserção efetiva das mulheres antes, dentro e depois da porteira, com o protagonismo tão sonhado pelas mulheres do campo de décadas atrás.

Dados revelados no levantamento destacaram que 49,5% das entrevistadas atuam em propriedades classificadas

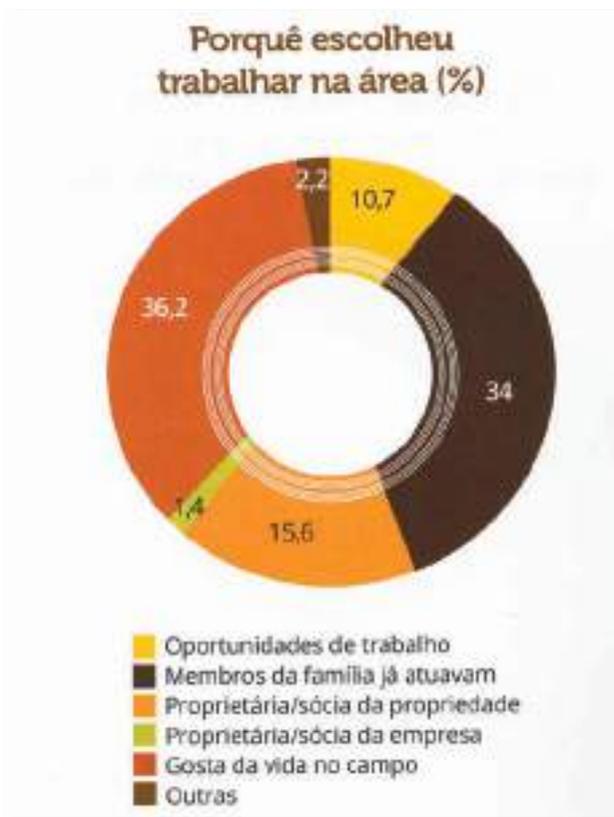
como minifúndio, 26,1% em pequenas propriedades; 13,5% em médias e 10,9% em grandes fazendas. Por tipo de atividade, 73,1% trabalham dentro das fazendas, 13,9% nos elos da cadeia produtiva após a fazenda e 13% “antes da porteira”. Em relação ao tipo de atuação, 73% das mulheres trabalham nas atividades dentro da propriedade rural, 3,7% atuam em cooperativas; 3,4% operam na área de insumos; 3% são fornecedoras de produtos ou serviços para a cadeia do agro; 2,8% são do comércio; 2,3% estão em segmentos ligados a governos e 2,1% trabalham em atividades nos vários segmentos da agroindústria. Quanto à posição ocupada no negócio, a maioria, 59,2% das entrevistadas, é proprietária ou sócia; 30,5% são funcionárias ou colaboradoras; e 10,4% são gestoras, diretoras, gerentes, coordenadoras ou atuam em funções administrativas.



Família/opção pelo campo

A atuação das mulheres no meio rural e no agronegócio não é novidade. Muitas delas ingressaram na atividade por serem de família tradicional no setor, chegando a assumir posições de comando de propriedades rurais e papel de destaque em empreendimentos do agronegócio ao se tornarem sucessoras, mudando inclusive o perfil da propriedade familiar e a tendência é de crescimento da participação feminina, provocando cada vez mais mudanças nesse cenário, tornando o agronegócio mais comunicativo e aberto a novas tecnologias.

Fonte: todas as mulheres do agronegócio 2017

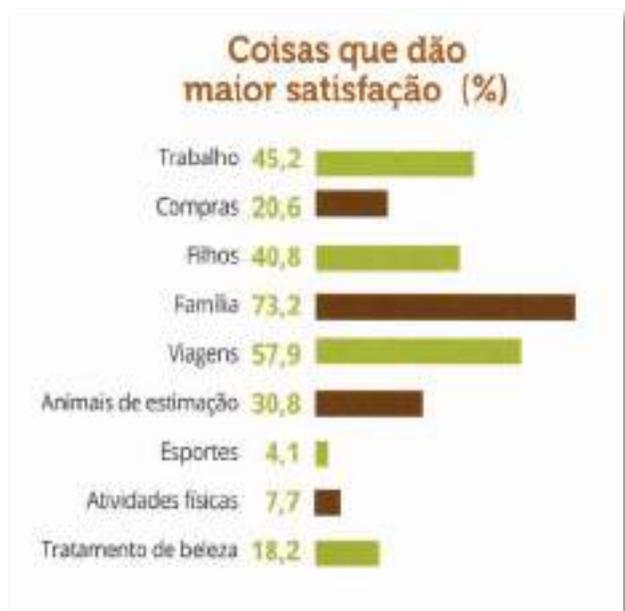


Sobre as razões de escolher trabalhar, a pesquisa também revelou que 36,2% das mulheres disseram ter optado pelo agronegócio por gostar da vida no campo, 34% afirmaram que já possuíam integrantes da família atuando na área, 15,6% já eram proprietárias ou sócias de propriedade rural, e 10,7% foram para o campo ver na atividade uma oportunidade de trabalho.

E quando o assunto é família, os dados revelam ser o componente mais importante para as mulheres



ouvidas. A família é a terceira preocupação mais apontada pelas entrevistadas (46,7%), mas também é disparada a maior satisfação delas. Outros temas relacionados foram estabilidade financeira (56,2%); saúde (53,6%); equilíbrio entre vida familiar, profissional e social (38,4%); o futuro dos filhos (32,8%) e realização profissional (30,7%). Já sobre ambientes ou atividades que lhe dão maior satisfação, as repostas predominantes foram família (73,2%); viagens (57,9%); trabalho (45,2%) e filhos (40,8%).



Atentas ao mundo digital

Conectadas à internet, usuárias de redes sociais e de aplicativos, as mulheres do campo são conectadas com modernas ferramentas de comunicação. Esta é a realidade digital das mulheres que trabalham no universo agro. As ferramentas mais utilizadas por elas são o Facebook (92,9%) e o WhatsApp (95,1%), mas a pesquisa mostrou que elas circulam por várias redes sociais para se comunicar e se informar (68,8%) o YouTube, (54,8%) o Instagram e (65,3%) o Messenger.



Mulheres do agro

Apesar de o agronegócio ainda ser um universo popularmente visto como um segmento masculino, de forma discreta o público feminino conquista espaço e tem voz e vez na tomada de decisões do setor. Elas estão presentes nos empreendimentos rurais, se consolidando como gestoras ou funcionárias. A Revista Canavieiros conversou com duas mulheres do agro para saber um pouco sobre elas e o que as atraiu ao 2º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio. Confira.



A empresária baiana, Esmeralda Menezes Vieira

Esmeralda Menezes Vieira é de Salvador/BA, e há 10 anos deixou o cargo que exercia como funcionária pública federal e passou a acompanhar o seu esposo no campo, logo se tornou sócia dele nos negócios e, desde então, ela toca uma propriedade de gado de leite e corte onde também produz ovos, no município de Taquara, na Bahia.

“É a primeira vez que participo de um congresso voltado exclusivamente para as mulheres do agronegócio e estou achando maravilhoso, um conteúdo enriquecedor. Tenho investido muito na minha propriedade e atuando no dia



A agricultora goiana, Rosana Eucinda Henkes Valiatti

a dia com muita dedicação, empenho e, acima de tudo, buscando conhecimento contínuo e me especializando no agronegócio. Como diz um velho ditado, ‘o olho do dono é que engorda o gado’, e eu estou fazendo a lição de casa”, afirmou a empresária baiana.

Quem também participou pela primeira vez do congresso foi a agricultora Rosana Eucinda Henkes Valiatti, de Rio Verde/GO, que foi até a Capital paulista disposta a adquirir conhecimento e assim poder contribuir com os negócios da família.

“Vim ampliar os conhecimentos, na realidade estou tentando achar uma posição dentro do meu agronegócio. Sou esposa de um agricultor de soja, milho e sorgo e quero ajudá-lo a ampliar os negócios. Neste congresso tudo chama a atenção e eu vim como uma esponja, disposta a absorver tudo. Volto para casa satisfeita com tudo que vi e aprendi, agora é praticar”, afirmou a agricultora. 





GOVERNANÇA

e sucessão no agronegócio

Segundo especialistas, as próximas gerações têm o desafio de serem melhores e dar continuidade às empresas

Diana Nascimento

Pensar na sucessão em uma lógica exponencial é um desafio para as empresas do agronegócio, sejam elas familiares ou não. Paralelo a isso, há ainda a necessidade em saber quais conceitos deverão ser usados no futuro e a intensificação de riscos que poderá afrontar o negócio.

Em torno dessa pauta, líderes e representantes do agronegócio se reuniram durante o 6º Fórum Nacional de Agronegócios, promovido pelo Lide (Grupo de Líderes Empresariais) para discutir algo que pode ser uma dor de cabeça para muitos: a governança e a sucessão nas empresas voltadas para o segmento.

“Empresas familiares são melhores e criam mais valor, pois a família ajuda no desenvolvimento dos negócios ao transmitir conhecimento e experiência que fazem a diferença e que são passados de geração para geração”, afirma Fábio Mizumoto, professor da Escola de Economia da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

No entanto, um dos pontos cruciais é como deve ser considerada a remuneração em família: com base no trabalho, responsabilidade ou vínculo familiar? Uma



Carmen salientou que as pessoas não podem ser distantes do campo

opção para esse entrave pode estar em um protocolo familiar que permita o equilíbrio entre tradição e inovação.

Vale dizer ainda que o tema é complexo e frágil. Para Carmen Perez, presidente do NFA (Núcleo Feminino do Agronegócio), o preparo para a sucessão deveria começar cedo. “As pessoas não podem ser distantes do campo. Essa aproximação também deve fazer parte do processo de sucessão, que começou tarde em nosso setor”, salientou.

Carmen também destacou sobre a presença da mulher no agronegócio. “A mulher sempre esteve no agro, não como papel principal, mas como coadjuvante. O mercado para a mulher no campo está aberto. Temos muitas veterinárias e zootecnistas fazendo trabalhos maravilhosos, por exemplo. As jovens que estão se formando encontrarão o caminho aberto”, frisou.

“Em muitos setores, vemos que o agro familiar é competitivo e focado no negócio em tempo integral”, pontuou Marcelo Vieira, presidente da SRB (Sociedade Rural Brasileira).



Segundo Mizumoto, empresas familiares criam mais valor

Por outro lado, engana-se quem pensa que no agronegócio familiar os problemas se restringem apenas à sucessão. Os problemas são os mesmos encontrados em uma grande propriedade, não se esquecendo de que o consumidor preza por um produto com rastreabilidade, qualidade e boas práticas de fabricação.

A parte mais interessada nisso tudo, ou seja, os jovens brasileiros, parece responder à altura o chamado do agronegócio nacional. Não se vê mais, como no passado, o desinteresse e distanciamento do campo. E isso se deve em parte à tecnologia.

“A Europa vive um problema na agricultura porque os jovens não querem ser sucessores, eles querem ficar na cidade e empresas estão sendo criadas para ocupar esse terreno. É preciso mostrar que há novas vertentes que precisam ser assimiladas. A sucessão na agricultura é essencial”, mencionou Roberto Rodrigues, presidente do Lide Agronegócios e ex-ministro da Agricultura.

Caminho a ser trilhado

O presidente do Conselho da Jacto, Shiro Nishimura contou como foi o processo de sucessão na empresa familiar: o patriarca resolveu se aposentar no início dos anos 80, mas sem preparação sucessória. Com isso, seu irmão e braço direito assumiu o “reinado” durante dez anos.

“A sucessão não estava dando certo e depois de algum tempo, em meados de 1997, foi feito o primeiro acordo de sócios sob muita tensão”, lembra Nishimura.

Um novo regime então foi constituído: uma sociedade de irmãos, o que valeu como algo estabilizador por 20 anos. “Nesse período tiveram que adaptar o viver

empresarial e familiar, aprendido a duras penas”, disse o executivo.

No ano de 2000, Nishimura assumiu a presidência da Jacto, época em que buscou ajuda no IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) para formalizar o ritual de conselho de administração. Em 2007, houve a introdução do ERP-SAP (Sistema Integrado de Gestão Empresarial) que foi de difícil implantação devido à complexidade da fábrica.

“Assim começou a sucessão profissional com executivo de mercado e não de família. Foram tempos difíceis tanto para os acionistas como para o executivo”, admite Nishimura.

Luiz Lourenço, presidente do Conselho da Cocamar, aproveitou a oportunidade para pontuar que como a empresa cooperativista é muito complexa, a profissionalização é o melhor caminho. “Estamos sempre realizando cursos e treinamentos visando à melhoria operacional da gestão da cooperativa. Hoje temos uma gestão focada e profissional e sempre realizamos um planejamento estratégico de nossas ações”, enfatizou.

O economista, professor e consultor, José Paschoal Rossetti, lembrou que as empresas familiares possuem ampla diversidade, mas objetivos-sínteses universais como manutenção da propriedade e continuidade. “Isso deve estar alicerçado em três pilares: coesão, alinhamento de estratégias e sucessão”, enumera ao ressaltar que apenas 4% das empresas familiares sobrevivem à terceira e quarta geração.

Um trabalho desenvolvido pelo Grupo Zilor tem chamado a atenção em relação à sucessão. Dênis Arroyo, diretor de parcerias agrícolas do grupo, apresentou o projeto Parceria de Futuro, que tem a participação de fornecedores de cana e seus familiares.



Nishimura contou como foi o processo de sucessão no Grupo Jacto



Arroyo apresentou o programa Parceria de Futuro, implantado pelo Grupo Zilor

O programa mostra a importância estratégica das parcerias agrícolas para a garantia de fornecimento sustentável de matéria-prima para as usinas. “Temos a preocupação em preparar a sucessão dos parceiros agrícolas através do eixo governança – parceiros gestores”, afirmou Arroyo.

Ele conta que o projeto possui três fases: Encantamento (o fornecedor e seus familiares fazem parte do negócio), Entendimento (o que é o negócio) e Preparação (como contribuir para o negócio). “A próxima geração tem obrigação de ser melhor do que a primeira e também de respeitar e conservar o que foi constituído”, defende.

Prêmio Lide de Agronegócio

Após as palestras, foi realizada a cerimônia de entrega do Prêmio Lide Agronegócios 2017 nas categorias Comércio Agrícola, Comunicação, Ensino, Inovação, Insumos Agrícolas, Destaque do Ano e Homenageado Especial.

Os premiados foram:

- Comércio Agrícola: Amaggi – representada pelo diretor geral Pedro Valente; Bunge – representada pelo diretor Nilton Maluf e SLC Agrícola – representada pelo presidente Aurélio Pavinato.

- Comunicação: Jovem Pan – representada pela diretora de Negócios Marcela Marchi; Terra Viva – representada pelo diretor geral Eduardo Ramos e Valor Econômico – representado pela diretora Vera Brandimarte.

- Ensino: Esalq/USP Piracicaba - representada por André Alcarde, professor associado do Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição; UFLA (Universidade Federal de Lavras) – representada pelo chefe de Departamento de Agronegócios, Rubens José

Guimarães, e UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – representada pelo diretor Agrônomo João Armando Machado.

- Inovação: Donmario – representada pelo diretor de Marketing Franco Neri; Embrapa – representada pelo presidente Maurício Antônio Lopes e Fapesp (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) – representada pelo seu presidente José Goldemberg.



Humberto Pereira, editor-chefe do Globo Rural, ganhou o prêmio Destaque do Ano

- Insumos Agrícolas: Heringer – representada pelo diretor de Suprimentos e Logística Pedro Augusto Ferreira; Mosaic Fertilizantes – representada pelo presidente Floris Builders e Superbac – representada pelo presidente Luiz Chacon.

Já a categoria Destaque do Ano foi para Humberto Pereira, editor-chefe do Globo Rural – programa referência para o agronegócio, e a categoria Homenageado Especial para o presidente da SNA (Sociedade Nacional de Agricultura), Antônio Alvarenga. 🌱



Ganhadores do Prêmio Lide Agronegócios



Antônio Alvarenga, presidente da SNA, foi o Homenageado Especial



COPERCANA PREMIADA

- 5 GANHADORES **CRUZEIRO** COM DIREITO A ACOMPANHANTE
- 2 **RENAULT KWID** 0 KM
- 7 GANHADORES **1 ANO** DE COMBUSTÍVEL GRÁTIS R\$ 2000 POR MÊS
- 5 GANHADORES **1 ANO** SUPERMERCADO GRÁTIS R\$ 400 POR MÊS
- 1400 **VALES-COMPRAS** INSTANTÂNEOS
- 10 GANHADORES **TV 32"**



Realização: **COPERCANA**
 COMISSÃO ORGANIZADORA DAS PROMOÇÕES COMERCIAIS E PREMIADAS
 C/AV. DE SERRAVALLE, 100 - JARDIM SÃO CARLOS - SÃO PAULO - SP



Imagens: Shutterstock. Espalhe seladinhos até os primeiros dias de lançamento.



AÇÚCAR E ETANOL

sob os holofotes

Conferências destacam a importância do
RenovaBio para o setor

Diana Nascimento



RenovaCalc é uma ferramenta para a certificação energética-ambiental do etanol

O RenovaBio e suas implicações têm sido temas recorrentes em todo evento voltado para o setor sucroenergético. Foi assim durante a segunda edição do NovaCana Ethanol Conference e da 17ª edição da Conferência Internacional Datagro sobre Açúcar e Etanol.

Resumindo, o RenovaBio (assunto tratado inclusive na reportagem de capa desta edição), é uma política pública cujo objetivo principal é promover o aumento da produção sustentável de biocombustíveis.

Entre as ferramentas para a certificação energética-ambiental do etanol está a RenovaCalc, mais

conhecida como a calculadora do programa RenovaBio.

De acordo com Marília Folegatti Matsuura, pesquisadora da Embrapa Meio Ambiente, que palestrou nos dois eventos, o cálculo do índice da intensidade de carbono dos biocombustíveis é feito para uma ferramenta de

avaliação do ciclo de vida e o RenovaCalc é uma calculadora para esse fim. “O resultado desse conjunto de cálculos se expressa em uma nota de eficiência de redução de emissão de gás de efeito estufa e tudo isso coberto por um processo de certificação”, diz. Ela comenta ainda que a avaliação do ciclo de vida é uma ferramenta de contabilidade ambiental. Nada mais é do que contabilizar as entradas e saídas de material e energia dos processos produtivos no ciclo de vida do produto - desde os recursos naturais, todas as etapas de transporte e processamento intermediário até a produção principal do produto e sua fase de uso.

O interessante é que a RenovaCalc abre espaço também para os produtores de cana. Mateus Chagas, pesquisador do CTBE/CNPEM (Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol/Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais), ressaltou e no NovaCana Ethanol Conference, que além de dados das usinas, os fornecedores também devem informar os seus dados de acordo com a disponibilidade para então ser realizada uma média ponderada. Os dados referidos incluem os relativos à fase agrícola e a entrada de dados industriais. Esses dados implicarão em modelos e fatores de emissão em gCO₂eq/MJ (gramas de CO₂ equivalente por Megajoule).

No mesmo evento, o diretor do setor de biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia, Miguel Ivan Lacerda, disse que o setor vive a falta de visão estratégica de longo prazo por parte do Governo e da sociedade. “Temos um cenário muito negativo, onde o etanol hidratado pode acabar diante de uma queda constante até 2030, o biodiesel irá



Para Lacerda, escolher o biocombustível é a melhor estratégia para o país em saúde, desenvolvimento e economia

parar no B10 e o etanol de cana acaba e vem o de milho, que é uma commodity mundial. Além disso, importaremos gasolina de outros países e migraremos para o carro elétrico”, enfatizou na ocasião.

Ele também apontou um cenário com um conjunto de visões estratégicas já que o mundo todo busca substituir os combustíveis fósseis enquanto o Brasil tem nas mãos essa possibilidade. “As políticas de curto prazo não atacam o problema principal. É preciso estabelecer uma estratégia para os combustíveis renováveis. Escolher o biocombustível é a melhor estratégia para o país em saúde,



Nassar elencou alguns desafios do programa RenovaBio

desenvolvimento e economia. O que nos motiva é a criança que está no hospital e irá morrer porque respira gás carbônico”, frisou.

Para André Nassar, diretor de novos negócios do Agroicone, é preciso enxergar o RenovaBio fora do setor e incentivar o conjunto de práticas que reduzem emissões. “O etanol será grande laboratório para isso e é o de menor custo para a sociedade”, explicou.

Nassar também elencou os desafios do programa: criar valor de mercado para o componente de sustentabilidade do etanol e a cadeia de produção, benefícios em termos de preço marginal (CBio) cuja principal função é dar previsibilidade, estimular discussão sobre como essa previsibilidade beneficiará diferentes elos da sociedade.

Combustíveis

Sobre o mercado de combustíveis, Leandro de Barros Silva, diretor de Abastecimento e Regulamentação do Sindicom, argumentou, durante o NovaCana Ethanol Conference, que o crescimento de demanda não acompanhou a oferta e que o contexto de forte restrição de recursos na Petrobras exige atração de mais investimentos em downstream por outros agentes, acesso à infraestrutura logística e responsabilidade de abastecimento atribuída a terceiros.

Para Silva, haverá crescimento da demanda de combustíveis. “O aumento projetado da demanda levará a intensificação de déficits de oferta. A demanda por combustíveis do Ciclo Otto e diesel deverá alcançar 180 bilhões de litros, com taxa maior de crescimento nos biocombustíveis para atender à COP21”, avaliou.

Esse crescimento levará à necessidade de investimentos

em capacidade de todos os combustíveis, estimados em R\$ 75 a R\$ 80 bilhões no cenário base. Na produção de etanol, isso significa a expansão de 8,1 bilhões de litros e parte do gap do Nordeste será atendida por importações e investimentos entre R\$ 34 a R\$ 41 bilhões.

Nesse contexto, serão necessários investimentos em produção de combustíveis fósseis e biocombustíveis e em melhoria da infraestrutura logística. Frente a isso estão ainda os desafios da fiscalização contra o mercado ilegal de combustíveis. “É importante que esse mercado tenha concorrência legal com desenvolvimento para o país e participação de todos os agentes”, defende Silva.

Ao analisar o mercado de etanol, preço e comercialização, o CEO da SCA Trading, Martinho Ono, afirmou que estamos vivendo uma safra diferente e de muito aprendizado. “O preço da gasolina, por exemplo, flutua quase que diariamente”, observou.

Sugundo Ono, dados da Esalq mostram que o etanol anidro e etanol hidratado estão com preço médio inferior em relação ao ano passado. Outros fatores para isso são a oscilação de paridade do etanol nos principais estados do Centro-Sul; queda do hidratado; recuperação de market share da gasolina em 7% e participação de 16,4% do hidratado no Ciclo Otto.

Vale lembrar que os estados que possuem maior consumo de hidratado por veículo são Mato Grosso, Goiás e São Paulo. 71% das vendas de hidratado estão na região Sudeste, assim como 42% das vendas de gasolina também estão na região. Isso mostra que o aspecto logístico interfere na venda de etanol, assim como a tributação.

Segundo o executivo, a dinâmica



Segundo Ono, o livre mercado da gasolina é uma realidade que todo mundo esperava

do mercado de etanol está mais difícil. O mercado era avaliado por paridade na bomba, produção, preço da gasolina e crescimento do Ciclo Otto. A mudança está na política de preço adotada pela Petrobras, que é indexada ao mercado internacional. “Ficou difícil prever o estoque para a entressafra. O livre mercado da gasolina é uma realidade que todo mundo esperava. O etanol tem que aprender a viver com isso, tem que ter suas externalidades contempladas na formação de preço”, avalia.

Eduardo Puertas, chefe global do Departamento de Etanol da ED&F Man, lembra que a safra atual tem potencial de incremento limitado e por outro lado há uma reação positiva à melhora da atividade econômica. “Até o mês de julho, o crescimento se deu na gasolina, mas a partir do mês de agosto o hidratado reascendeu. Tivemos ainda um cenário de surplus de açúcar, colocando pressão na Bolsa de Nova York. Tivemos mudanças no mercado e a volatilidade é bem-vinda porque cria mais oportunidades para os agentes”, disse.

Diante desses fatos, o diretor comercial da Usina Alta Mogiana e



Queiroz acredita que as aquisições do setor devem acontecer através de consolidação de canavial

moderador do painel sobre mercado de etanol, Luiz Gustavo Junqueira, pontuou que “as usinas precisam ser especialistas em açúcar, etanol, energia, milho, CBio, petróleo e outros. Está cada vez mais difícil!”

Universo financeiro

Captação de recursos, financiamento e endividamento foi o primeiro tema a ser abordado no segundo dia da NovaCana Ethanol Conference. Guilherme Pessini, diretor de Agronegócios do Itaú BBA, lembrou que a geração de caixa do setor na safra 15/16 foi ligeiramente positiva e que o Ebtida foi para o pagamento de juros. “O ano não foi ruim do ponto de vista de receita, mas não muito bom do ponto de vista de custo e endividamento. As usinas não fazem o capex de maneira adequada há um bom tempo”, sintetizou.

Ele cita que o mercado de açúcar está mais imprevisível, dependendo dos fundamentos da própria commodity, enquanto o mercado de etanol está em um novo paradigma. “O foco das companhias é produtividade agrícola. Há 10 anos a produtividade agrícola não muda.

O foco está também nos ganhos de eficiência. A consolidação da expansão do etanol de segunda geração é silenciosa. O novo ciclo de expansão do setor, se vier, tende a acontecer no formato brownfield”, destacou Pessini.

O gerente de Relacionamento de Usinas do Rabobank, Manoel Pereira Queiroz, atentou que após um pico, houve melhora no nível de endividamento das empresas do setor. O mínimo é de R\$ 19/t e o máximo é de R\$ 227/t de endividamento. Por outro lado, a demanda por crédito, só para investimentos recorrentes como renovação, tratos culturais e outros é de R\$ 21,1 bilhões por ano.

“Embora a safra não tenha saído de 600 milhões de toneladas, os clientes do Rabobank aumentaram em 16% e poucos reduziram a área de canaviais e moagem. Tem gente que está crescendo através de investimentos incrementais e em cima de empresas que estão fechando”, reiterou Queiroz.

Em relação às fontes de investimento, ele salienta que as fontes públicas tendem a diminuir. Por conta disso o setor terá que se financiar sem dinheiro público e uma das opções será



Miori atenta para a importância dos aspectos operacionais que se refletem no mercado

o financiamento pelo mercado de capitais como o CRA, por exemplo. Como tendências estão o aumento de empréstimos em moeda nacional, aumento do mercado de capitais, empréstimos via BNDES e CR mais raros.

A previsão de Queiroz é que as dívidas no setor diminuirão. “Empresas com baixo custo de produção, boa liquidez e dívida tendem a absorver as demais. As aquisições do setor devem acontecer através de consolidação de canaviais”, adiantou.

O analista sênior da Fitch Ratings, Cláudio Miori avaliou que o açúcar tem demanda mundial crescente, pois não é possível ajustar oferta e demanda por se tratar de uma cultura semi perene. O problema fundamental, segundo ele, é que o comportamento de preços desafia a logística do mercado onde preços internacionais podem se sustentar abaixo do custo de produção dos produtores mundiais mais eficientes.

Já para o etanol, Miori aposta em uma demanda fortemente correlacionada ao tamanho e evolução da frota flex no Brasil e ao aumento da volatilidade nesse mercado. “O cenário deve ser de preços mais restritivos”, prevê.

Neste cenário, o grande foco será a liquidez, visto que o mercado de bonds permanece fechado e o mercado de capitais doméstico está mais seletivo. “As empresas que não fizerem a lição de casa não conseguirão o benefício da liquidez. Os aspectos operacionais são importantes porque se refletem no mercado”, argumenta o analista.

Segundo a Fitch Ratings, o novo nível de equilíbrio para preço do açúcar inclui algumas premissas:

- Algumas consultorias veem elevado superávit na próxima safra global: Consultorias especializadas

apontam para déficit global por volta de 5 milhões de toneladas em 2016/2017 e superávit de 2,6 a 7,14 milhões de toneladas em 2017/2018, a oscilação da relação estoque/consumo direcionará preços; no Brasil, projetos Greenfield demorariam alguns anos para adicionar capacidade à indústria, foco é desalavancagem;

- Preço sofreu queda acentuada em função de liquidação por parte dos fundos;

- Câmbio permanece uma variável importante e de difícil previsão;

- Atenção à questão climática como subsídios em grandes países produtores e consumidores (Índia e China, por exemplo);

- Empresas mais maduras irão privilegiar a produção de açúcar via redução de gargalos.

“De olho na estratégia de investimentos das companhias, deverá haver geração operacional de caixa e desalavancagem, bancabilidade e liquidez”, resume Miori.

O sócio e consultor da FG/A, Willian Orzari Hernandez, acrescenta que o setor tem que lidar com a volatilidade, já que o mercado de crédito brasileiro restritivo agrava a situação. “O CRA vem assumindo posição relevante no mercado de renda fixa. Em 2017, pode, inclusive, ser maior do que o CRI. Os players que acessam o mercado de CRA apresentam indicadores financeiros melhores que a média setorial”, entregou.

Ele também elencou alguns fatores do setor que ajudam a obter bons resultados: potencial de expansão, baixo raio médio de colheita, alto grau de mecanização, eficiência agroindustrial, proximidade dos centros de consumo e portos, cogeração, forte capacidade de gestão, governança corporativa

e gestão de riscos. “Todas essas são vantagens competitivas que independem de escala”, apontou Hernandes.

Fusões e Aquisições

Em painel que tratou sobre as fusões e aquisições no setor sucroenergético, Thiago Duarte, analista do BTG Pactual, afirmou que o custo marginal de produção ultrapassou o preço do produto. A indústria parou de crescer e estagnou, com corte de capacidade ocorrido gradualmente. Diante disso, as fusões e aquisições são incentivadas principalmente nas fases de crescimento e seleção natural.

Para Duarte, a menor capacidade ociosa levará à volta do M&A (Mergers & Acquisitions) no setor. “A indústria permanece fragmentada, oferecendo oportunidades de consolidação e o grande limitador, agora, é a estrutura de capital do setor e a consolidação de preço”, atentou.

Juliano Merlotto, sócio-fundador da FG/A, frisa que comparado a outros setores da economia brasileira e mesmo com outros setores mais organizados do agronegócio, o setor sucroenergético é um dos mais competitivos.

Ele conta que entre as mudanças estruturais ocorridas no segmento, a região Nordeste perdeu relevância no mercado nacional e o tamanho médio das plantas da região Centro-Sul chega a dois milhões de toneladas. “De maneira geral, o aumento de concentração dos maiores aconteceu via aquisições, exceção feita à Odebrecht e São Martinho. Já os grupos menores, com performance operacional acima da média, acabaram por crescer de forma mais acelerada em projetos Greenfield e Brownfield, ou seja, em crescimento orgânico”,



De acordo com Duarte, a indústria permanece fragmentada e oferece oportunidades de consolidação

avaliou.

Do mesmo modo, a cogeração e mecanização ganharam protagonismo. Houve investimento significativo em mecanização agrícola e cogeração, equivalentes a uma expansão de 103 milhões de toneladas. Os projetos de cogeração e Brownfields atraíram mais investimentos por conta da relação risco/retorno esperada.

“A inexistência de barreiras tecnológicas e a necessidade de capital para aquisição de share significativo no setor ainda impedem uma mudança estrutural mais radical e teremos alguns grupos com performance melhor do que a média. Veremos ainda que o esgotamento de capacidade produtiva incentivará alguns investimentos em cogen e Brownfield, além de movimentos de M&A pontuais”, vislumbrou Merlotto.

Perspectivas e Desafios

No painel que tratou sobre as perspectivas e desafios da safra 2017/2018 e 2018/2019, Fábio Meneghin, sócio-analista da Agroconsult, contou que para a safra 16/17, a renovação do Centro-Sul apresentou uma média de 4%, enquanto a expansão foi de 2%. Já

para a safra 17/18, a renovação será entre 8% e 12%, sem expansão. A tendência é de ter cana com um pouco mais de qualidade para ser moída em 2018, lembrando que a previsão de moagem de cana para 17/18 é de 590 milhões de toneladas no Centro-Sul e 50 milhões de toneladas no Norte-Nordeste, com preço de 15 cents de libra para o açúcar. Também são esperados preços mais competitivos para o etanol em 2018.

De acordo com Meneghin, o Ebit médio do setor em 17/18 será de R\$ 23,1/t de cana processada e em 18/19 será de R\$ 16,6/t de cana processada, enquanto o faturamento médio em 17/18 será de R\$ 135/t e em 18/19 está previsto para R\$ 125/t.

O analista adianta que a margem dos fornecedores deve perder um pouco de competitividade. “Hoje está em R\$ 700/ha e na safra 18/19 deverá ser de R\$ 694/ha”.

Ele também aposta em uma área maior de renovação de cana planta na safra 18/19. “Há um horizonte de recuperação na área agrícola. A produtividade pode ter ganho de 3 t/ha na safra 18/19. A entrega de adubos no Estado de São Paulo está aquecida e a safra do ano que



Em relação ao consumo de açúcar, Wang salienta que empresa está alinhada com a OMS (Organização Mundial da Saúde)



Carvalho apontou a desaceleração no aumento do consumo na Índia, China e União Europeia devido a forte competição com o HFCS

vem pode chegar a 625 milhões de toneladas no Centro-Sul se houver esse incremento, visto que as vendas de adubos estão em números recordes e chuvas dentro da normalidade”, observou Meneghin.

A queda nas cotações internacionais do açúcar e a valorização do dólar reduziram em 40% a remuneração média dos produtores de São Paulo com a venda do adoçante nos últimos 12 meses, enquanto a remuneração com a venda de etanol caiu em média 10% no mesmo período. Com isso, perspectiva é de que nos próximos meses, o mix açucareiro caia fortemente em relação ao primeiro semestre, segundo João Paulo Botelho, analista sênior de mercado da FCStone.

Outro ponto destacado é que a situação em importantes exportadores e importadores será decisiva para a movimentação de preços. Na Tailândia há o aumento das exportações e proteção governamental, na China há déficit produtivo e importações (mesmo com elevado déficit produtivo, as importações chinesas não mostram reação). Já no Paquistão, a reversão na queda nos preços do algodão pode inviabilizar a manutenção da

área plantada com cana-de-açúcar.

Em relação ao etanol, Botelho vê uma queda de participação no consumo de combustíveis. “Preços baixos do petróleo mantêm participação do etanol pressionada. Novos incentivos são necessários para reativar a demanda”, adverte.

Já o analista sênior de commodities do Banco Pine, Lucas Brunetti, pontua que entre as surpresas da safra 17/18 está o clima perfeito, produtividade agrícola positiva e mix de açúcar elevado. “Na safra 18/19 a priori será a renovação do canavial, produtividade e disponibilidade de cana. Isso diante da expectativa de baixa renovação, etanol atrativo e menor mix de açúcar”, enumera.

Mercado de Açúcar

O último painel do evento teve como tema o açúcar. Ricardo Wang, gerente mundial de açúcar da Mondelez International, contou que a empresa está alinhada com a OMS (Organização Mundial da Saúde). “Os consumidores estão preocupados com a obesidade. Estamos diminuindo as porções e informando a quantidade de calorias nas embalagens, sendo que algumas marcas possuem opções com menos calorias. Ou seja, a quantidade de açúcar nos produtos é controlada”, enfatizou.

Eduardo Carvalho, da Sucden, apresentou um panorama sobre a oferta e demanda de açúcar no mundo. Na sua visão, o aumento do consumo está também sob ameaça em função dos altos preços de 2016 e das políticas públicas contra o açúcar. Já é possível notar uma desaceleração no aumento do consumo na Índia, China e União Europeia devido a forte competição com o HFCS (sigla em inglês para xarope de milho de alta frutose).

Em 17/18, a produção está

aumentando na maioria dos grandes produtores como Índia, Europa e Brasil (já considerando a quebra da safra e ajuste no mix devido a paridade), Paquistão, China e Tailândia e baixa performance, como Austrália e Argentina. Para o mesmo período, ele acredita em um superávit estimado em pouco mais de 5 milhões de toneladas de açúcar.

Carvalho prevê ainda que o desbalanço entre produção e consumo deve pesar nos fundamentos do açúcar, num contexto onde a maioria dos grandes produtores registrou condições de desenvolvimento favoráveis depois do ano de 2016, quando elevados preços impulsionaram os produtores a aumentar suas áreas de beterraba/cana, além da grande expectativa da exportação da Europa/Ucrânia/Rússia.

Os fundos estão relativamente vulneráveis devido à considerável posição Short dos fundos, contudo, o suporte por parte dos compradores/destino pode ser rompido mais facilmente do que a forte resistência causada pelos atrasos nas precificações por parte dos produtores.

O mix de produção e as notícias recentes do Brasil em favor do etanol serão uma forma de tentar reequilibrar a O&D do açúcar. No entanto, o clima é essencial, pois 2/3 da safra do Centro-Sul já foram colhidos com um alto mix em favor do açúcar.

O consultor da Sucden lembrou ainda que o clima será sempre um fator representativo de mudança de cenários. “Até o momento, registros apontam clima positivo/neutro em todo o mundo, porém é preciso analisar os possíveis efeitos da falta de chuvas de inverno em boa parte do Centro-Sul para o restante da safra 17/18 e para a safra 18/19”, finalizou. 



VISTA

panorâmica do setor

Áreas agrícola e industrial, mercado, tecnologias, financiamentos e oportunidades foram alguns dos temas tratados durante a 17ª Conferência Datagro sobre Açúcar e Etanol

Diana Nascimento



Mais de 800 pessoas estavam atentas às palavras iniciais do presidente da Datagro, Plínio Nastari, durante a 17ª Conferência Datagro sobre Açúcar e Etanol, que aconteceu nos dias 06 e 07 de novembro, no Hotel Grand Hyatt, em São Paulo. “A cana promove desenvolvimento porque gera

muita renda: 1 hectare de cana corresponde a R\$ 10.260,00 pagos em forma de salários, sendo um efeito multiplicador de renda e desenvolvimento. O etanol é opção ambientalmente avançada e novas motorizações podem aumentar a eficiência”.

Nastari lembrou que mesmo com reduções agressivas de

expansão de veículos elétricos, será necessária uma grande demanda de combustíveis líquidos até 2050. A vantagem do Brasil é a infraestrutura de distribuição de etanol disponível e por isso as discussões sobre o RenovaBio, que irá atender ao acordo climático e permitir que os biocombustíveis compitam entre si. “O Brasil pode



Nastari iniciou a conferência dizendo que o Brasil pode se firmar como uma Economia Verde

se firmar como uma Economia Verde, promovendo eficiência e reduzindo custos, uma estratégia de desenvolvimento econômico e sustentável”, enfatizou.

O evento, um dos principais do setor, acontece em um momento especial para a cadeia sucroenergética, que pode construir as bases do desenvolvimento sustentável dos biocombustíveis. Todos os palestrantes, moderadores e debatedores do evento receberam uma homenagem diante do apoio e contribuição para o RenovaBio.

André Rocha, presidente do Fórum Nacional Sucroenergético, comentou que o programa pode reacender a esperança de um futuro melhor para o setor. “Esperamos que o RenovaBio seja um programa de Estado como foi o Proálcool”, disse.

O vice-presidente da Fiesp, João Guilherme Sabino Ometto, que representou o presidente da federação, Paulo Skaf, sinalizou que estamos diante de um cenário de transformação. “As fontes renováveis que possuímos, aliadas a tecnologia dos veículos elétricos, formam e sinalizam um novo modelo de eficiência energética para o mundo”.

Na ocasião, o deputado federal

Evandro Gussi informou que a decisão política sobre o RenovaBio já estava tomada e que o programa irá acontecer. “Temos uma proposta que contribui de maneira concomitante para o desenvolvimento do Brasil e temos condições agropecuárias que nenhum outro país possui”, comentou sobre o programa.

O governador do Estado do Mato Grosso, Reinaldo Azeiteiro, mencionou que o país possui grandes desafios. “A política de Estado se perpetua enquanto os governadores são passageiros. É preciso uma mobilização para cortar privilégios de alguns que minam a receita de estados e municípios para termos pilares para o desenvolvimento. Também é preciso aproveitar as oportunidades que o agronegócio oferece. Precisamos de políticas de médio e longo prazo para o setor”, defendeu.

Arnaldo Jardim, secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, que na ocasião estava representando o governador Geraldo Alckmin, lembrou que há um ano presenciávamos um crescimento negativo. Este ano a situação se inverteu, o país está crescendo e temos uma política consistente que contempla as externalidades do biocombustível, ou seja, o Brasil tem um papel de vanguarda e uma janela de oportunidades a sua frente.

“Hoje temos a proposta do RenovaBio. A articulação construída pelo setor será acompanhada de outros desdobramentos. A próxima conferência acontecerá quando o país já tiver escolhido um novo presidente. Estamos em um momento de articulação política com compromissos esclarecidos e aqui em uma semana de reflexão sobre o futuro da mobilidade”, elencou Jardim.

Revitalização do etanol

Durante o primeiro painel da conferência com o tema “RenovaBio - A revitalização do Etanol no Brasil”, Márcio Félix, secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, comentou que a discussão do carro elétrico é empolgante, porém temos que lidar com todas as energias que temos. “Desde o Proálcool, a participação do etanol mantém o patamar de 5% a 6%. Em uma transição para uma economia de baixo carbono, a mudança começa pelos transportes. Além do RenovaBio, há outros programas como o “Gás para Crescer” e o “Combustível Brasil”. Nossa visão de futuro é que os biocombustíveis desempenhem papel fundamental e estratégico em nossa matriz energética. Esse é um sonho que está próximo da realidade”, destacou.

Segundo o presidente da Datagro, os conceitos do RenovaBio podem ser estendidos para os combustíveis fósseis, fazendo com que o mix seja melhor do que a eletrificação à bateria. Para ele, os impactos não são apenas ambientais, mas poderão resolver a questão do abastecimento. A importação de gasolina nos nove meses de 2017 somou 3,6 milhões de litros, mais do que o importado em todo o ano de 2016. “O setor sucroenergético é capaz de produzir desenvolvimento porque os biocombustíveis agregam valor à produção agrícola”, afirmou Nastari.

Para 2026, a previsão é de um consumo de etanol de 44 bilhões de litros, o que demandará 846 milhões de toneladas de cana equivalente. Há a hipótese de termos 3 bilhões de litros de etanol de milho em 2025, o que liberaria o investimento em 40 milhões de toneladas de cana.

“Quando estiver em funcionamento, o RenovaBio



Félix: "Nossa visão de futuro é que os biocombustíveis desempenhem papel fundamental e estratégico em nossa matriz energética"

será um farol para esse mercado”, pontuou Nastari. Além disso, a certificação voluntária do produtor para receber a nota de eficiência energética-ambiental com o objetivo de recuperar a produtividade agroindustrial na produção de etanol pode significar a retomada da trajetória de crescimento do setor.

Nastari comentou que com o RenovaBio, o Brasil pode fazer mais etanol de milho, saindo da meta de 97 para 200 milhões de toneladas de milho/ano em oito anos. Pode-se fazer mais biodiesel, passando de 40% para 65% o esmagamento de soja. Pode-se produzir mais biogás e biometano, com enorme potencial para o setor sucroenergético. Tem-se também o bioquerosene, que pode ser feito com óleo de soja e outros. “A eletrificação com biocombustível é uma solução sustentável que está à mão”, frisou Nastari.

O consumo interno de etanol foi discutido no evento. Rocha apontou que um dos grandes problemas é que 85% do consumo de etanol no Brasil está concentrado em alguns estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Temos o desafio de aumentar o consumo nos demais estados

da federação, principalmente nos estados produtores”, observou.

“Seria interessante internalizar no preço de mercado para haja maior demanda de etanol nos estados. Um exemplo é a redução de ICMS para o etanol no estado de São Paulo, o que foi replicado em outros estados. Os estados podem reconhecer essa vantagem, pois a arrecadação de ICMS é boa quando o preço é baixo”, atentou Nastari.

A distribuição de combustível também foi abordada durante o evento. Para Leonardo Gadotti, presidente executivo do Sindicom, temos uma complexa rede logística. “Difícilmente se vê, no Brasil, problemas de desabastecimento de combustíveis diante de uma frota automotiva grande como a nossa. Siamo o terceiro maior mercado de combustíveis no mundo e a segurança de distribuição é a palavra-chave”, comentou.

Gadotti esclareceu que a Petrobras não tem planos de aumentar a capacidade de refino da gasolina, mas sim da produção de diesel e, sob o ponto de vista do distribuidor, os programas RenovaBio e Combustível Brasil são parte de um mesmo projeto.

O diretor da ANP, Aurélio Amaral,



Gadotti comentou que o Brasil é o terceiro maior mercado de combustíveis no mundo



Segundo Amaral, o país possui deficit de gasolina e vocação para o etanol

salientou que o país possui 384 produtores de etanol. “O Brasil é longo em petróleo e curto em derivados. Temos déficit de gasolina e vocação para o etanol. Diante disso precisamos escolher um caminho: autossuficiência ou dependência. Hoje estamos no meio do caminho, embora temos uma das matrizes de transporte mais limpas do mundo”, disse.

“Nossa capacidade de refino é de 2,8 milhões de barris de petróleo. Seremos exportadores, mas se nada for feito em biocombustíveis, seremos importadores de derivados de petróleo e do próprio etanol”, alertou José Mauro Coelho, diretor de Estudos do Petróleo, Gás e Biocombustíveis da EPE (Empresa de Pesquisa Energética).

Mobilidade

O quarto painel tratou sobre o futuro da mobilidade e eletrificação com combustíveis líquidos como estratégia nacional. Margarete Gandini, diretora de Indústria de Equipamentos de Transporte do MDIC, citou alguns resultados do Inovar Auto: elevação do padrão tecnológico dos veículos, aumento da eficiência energética dos veículos produzidos no país em



Margarete destacou a meta obrigatória de eficiência energética para 2022 e que todas as novas tecnologias de motorização são um desafio para o país

15,46%, incremento dos dispêndios em P&D e em engenharia nacional, além de investimentos em inovação.

Entre as premissas da política automotiva em convergência com demais ações do Governo estão o Programa RenovaBio, ciclos de emissões do Proconve, normativas e diretrizes do Contran e as negociações internacionais em curso. Tudo isso aliado as vertentes de estruturação da cadeia de fornecedores, investimentos em pesquisa e desenvolvimento, eficiência energética veicular, desempenho estrutural e tecnologias assistidas, produção de novas tecnologias (baixos volumes), estrutura de custos para competitividade.

“Ainda na política automotiva, a eficiência energética deve contemplar os veículos leves à gasolina, etanol, diesel, híbridos, elétricos e células de combustível. Temos a meta obrigatória de eficiência energética para 2022 e todas as novas tecnologias de motorização são um desafio para o país”, elencou Margarete.

O presidente da Anfavea, Antonio Megale, também comentou que a indústria automobilística passa por um momento de desafios. “Teremos o fim do InovarAuto em 2017 e temos que ter previsibilidade e perspectivas para

os próximos 15 anos, além de ganhos de competitividade, participação no mercado global e preparar a indústria para o futuro através de investimentos na modernização das fábricas”, enumerou.

O executivo disse ainda que diversos pilares da nova política automotiva estão ligados ao desenvolvimento de novas tecnologias de propulsão, no entanto, em relação às rotas tecnológicas, cada região busca a solução mais conveniente para a sua realidade. “Para nós, o etanol tem papel fundamental no Rota 2030. Esse é o nosso potencial”, defendeu.

Sobre os carros elétricos, Megale sinalizou que a célula de combustível a etanol representa forte potencial no mercado brasileiro e que uma montadora de veículos, associada da Anfavea, está desenvolvendo um veículo elétrico que extrai hidrogênio a partir de etanol. “O futuro é elétrico, mas os motores a combustão continuarão por um bom tempo”, afirmou.

Etanol de milho e celulósico

O painel dedicado ao potencial do etanol de milho e celulósico teve como moderador o presidente da ABRAMILHO, Sérgio Bortolozzo, e como palestrantes o gerente da Usimat, Vital Nogueira; David VanderGriend, presidente da ICM e Martin Mitchell, gerente de desenvolvimento de Negócios para as Américas da Clariant.

Bortolozzo abriu o painel dizendo que o etanol de milho é uma oportunidade viável e que estamos em um momento para aproveitar as oportunidades.

VanderGriend apontou a oportunidade da entrada de milho e cana na biorrefinaria: fabricação de mais produtos, diversificando a planta e trazendo mais oportunidades de fluxo de renda.

Ele comparou a produção entre



Para Megale, o etanol tem papel fundamental no Rota 2030

três usinas. Uma biorrefinaria que só usa milho e produz 200 milhões de litros de etanol e processamento de 500 milhões de toneladas, uma usina de cana com processamento de 2,4 milhões de toneladas de cana e uma usina flex que opera seis meses do ano à base de milho e seis meses com cana, compartilhando a sua infraestrutura.

“A biorrefinaria de milho demora 2,9 anos para payback e a planta flex demora 1,7 anos, mas possui capex mais alto”, contabilizou VanderGriend ao dizer que acha excelente o milho como fonte de produção de etanol.

Nogueira atentou para a facilidade de implantação com baixo custo e



Nogueira ressaltou a diversidade e vantagem do etanol de milho

retorno rápido, já que a demanda de etanol será alta no futuro. “A diversidade e vantagem do etanol de milho é muito grande. Plantar milho em área de renovação é possível em algumas áreas. Um dos custos mais altos é a biomassa e dá para usar tudo, menos a moenda. No entanto, há uma otimização de equipamentos com aumento de receita e diminuição do custo de manutenção, sem falar que a palha da cana é um novo potencial energético para usinas de açúcar e destilarias de etanol em plantas flex”, explicou.

Mitchel contou os planos da Clariant, que desenvolveu uma tecnologia para produção de etanol celulósico através de três modelos de integração de enzimas. “A produção é feita na própria biomassa, sendo bem eficiente. O custo de produção é bem competitivo em relação a outras tecnologias e a planta na Alemanha já produz a enzima e fornece para a Mercedes-Benz e para um produto de limpeza que usa etanol de celulose, o Frosh. “A Clariant construirá uma fábrica modelo para etanol celulósico na Romênia”, informou.

Oferta e demanda de açúcar e etanol

O segundo dia da conferência começou com uma apresentação de Plínio Nastari sobre o balanço de oferta e demanda de açúcar e etanol.

Atualmente estamos com um mix de 52% para o etanol. Segundo Nastari, o mix tem mudado bastante, o que comprova a flexibilidade do setor.

“Temos uma oferta estabilizada desde 2010. A previsão para a safra 17/18 é de 39,4 milhões de toneladas de açúcar, o que confere um recorde, e 26,8 bilhões de litros de etanol, inclusive de milho. O mix no Brasil é de 52,5% para o etanol e 47,5% para o açúcar”.

Contudo, um alerta foi feito: a cana é entregue com palha e terra. “Com

a mecanização, não é só cana que é entregue na usina”, advertiu Nastari.

A safra 17/18 aconteceu em um clima favorável, embora o volume de cana no Nordeste tenha sido impactado por período seco, mas se recuperado nos últimos dias. No Centro-Sul, as chuvas dos meses de abril e maio favoreceram o tamanho da safra, mesmo com a seca. Isso reduziu o volume de cana e o aumento do ATR.

Boa parte das usinas (43,1%) encerrará a safra no mês de dezembro. O balanço mostra que o ATR total será ligeiramente maior do que o ano passado. Nota-se ainda um nivelamento do desenvolvimento fisiológico da cana para o ano que vem, o que não é bom, pois perde-se em volume e produção.

Além disso, o preço do petróleo e da gasolina tem favorecido o setor. O preço do etanol está subindo e puxando para cima o preço do açúcar.

“Há a previsão de La Niña em dezembro, o que pode afetar o desenvolvimento das soqueiras para a safra 18/19. Qualquer problema de curto prazo em chuvas de verão terá impacto”, observou Nastari.

Com safra mais alcooleira e crescimento da economia em 2018, o crescimento do Ciclo Otto pode aquecer a demanda, o que implica em menor importação de etanol para o período.

Nastari apresentou a estimativa revisada para a safra 17/18, diante das chuvas acumuladas acima da média no mês de outubro. “O rendimento em São Paulo está abaixo da média, assim como o rendimento agroindustrial, que está abaixo das safras anteriores. No entanto, estimamos uma moagem, no Brasil, de 601 milhões de toneladas até março de 2018, ATR de 135,3; 39,4 milhões de toneladas de açúcar, 480 milhões de litros de etanol de milho e 27,3 bilhões de litros de etanol de cana”, contabilizou.

Em relação ao balanço mundial de açúcar, José Orive, diretor

executivo da ISO (International Sugar Organization), afirmou que a China continuará sendo o maior importador de açúcar no mundo enquanto a Tailândia apresenta forte recuperação da produção (12 milhões de toneladas).

A União Europeia pode aumentar a sua produção em 15,3%, o que representa um aumento de 2,4 milhões de toneladas, atingindo uma produção total de 18,3 milhões de toneladas.

No entanto, Orive também lembrou que a guerra contra o açúcar é significativa, o que implica em tendência de baixa de consumo nos EUA e Europa nas indústrias de bebidas e biscoitos. Isso pode influenciar inclusive na taxa de crescimento de consumo de açúcar que é positiva, mas está caindo.

Enrico Biancheri, diretor comercial da Louis Dreyfus, ao analisar os fluxos de comércio e fundamentos do mercado, comentou que a política governamental da Índia e da China está fazendo o resto do mundo carregar estoques de açúcar. “Temos um excedente de açúcar no mundo, mas administrável até o ano que vem. Muita coisa pode mudar, porém”, enfatizou.



Orive lembrou que a guerra contra o açúcar é significativa, o que implica em tendência de baixa de consumo nos EUA e Europa nas indústrias de bebidas e biscoitos

Ele acredita que para a safra 18/19, a Rússia e a Ucrânia irão diminuir a área de beterraba. Já o Brasil poderá ter uma safra menor devido ao envelhecimento do canavial. “No Brasil, talvez em 18/19, a virada de mix pode ser relevante e o mercado coloca um ponto de interrogação no excedente de açúcar. O que definirá o preço do açúcar e etanol será o preço da energia, o crescimento do Ciclo Otto e a política de preço da Petrobras”, pontuou Biancheri.

Uma nova história?

A expectativa sobre o RenovaBio é grande no setor. Diante disso, presidentes dos sindicatos das indústrias do açúcar e do álcool e entidades do setor abordaram sobre a possibilidade de um recomeço para o setor de cana, açúcar e etanol.

A presidente da Unica, Elizabeth Farina, salientou que está todo mundo envolvido com o RenovaBio. “Temos questões de cada Estado, mas temos o RenovaBio como bandeira. O mundo está em transformação econômica importante depois da globalização, crises políticas e questões sociais. Temos duas questões que se entrelaçam: a sustentabilidade e a alimentação saudável e o setor está muito ligado a isso”, frisou.

Mário Campos, presidente do Siamig, destacou a valorização do setor. “Será que valorizamos os produtos que produzimos? Temos um exército dentro de



Manoel Ortolan, presidente da Canaoeste, e Almir Torcato, gestor corporativo da associação, estiveram presentes na conferência e aproveitaram a oportunidade para discutir e trocar ideias sobre o setor com os demais participantes

nossas usinas, fora as suas famílias. Temos uma estrutura que depende desse consumo e dessa valorização. É importante que consigamos trazer o brasileiro para o nosso lado, que ele possa falar cada vez mais sobre o biocombustível”, argumentou.

Rocha defendeu a valorização do açúcar. “Há a ameaça da rotulagem dos alimentos, mas devemos lembrar



que o consumo de alimentos é um fator de satisfação pessoal também”, observou.

O presidente do Sindaçúcar de Alagoas, Pedro Robério, explicou que a preferência que se deu pelo açúcar deve-se pela oferta de cana e um mercado de etanol inexistente. “O açúcar é um elemento financiador da atividade”, afirmou.

Mercado interno

Em painel sobre a força do mercado interno, a conclusão é de que temos um forte espaço a explorar.

“O açúcar é uma fonte de energia barata e só é prejudicial em excesso, o que vale para todos os outros alimentos”, atentou a diretora comercial da Delta Sucoenergia, Virgínia Soriano Lyra.

Para o CEO da Diana Bioenergia, Ricardo Junqueira, existe mercado a ser explorado, mas o empresário só vai investir se tiver previsibilidade. “É preciso política de longo prazo nos estados consumidores que estão longe, por exemplo”.

Virgínia sugeriu o foco em mídia e propaganda para falar bem do açúcar e divulgar que o produto é uma fonte energética, além da necessidade de logística e infraestrutura.

O moderador do painel, Antônio Cesar Salibe, presidente executivo da Udop, sugeriu como exemplo a ser adotado a redução de ICMS que aconteceu em São Paulo como política de Estado. “Não se pode pensar apenas em arrecadação, mas no número de empregos gerados”, avaliou.

Nastari comentou que vivemos de verdades parciais. “As energias eólica e fotovoltaica cresceram. O problema dessas fontes é a intermitência, pois elas dependem de energia térmica fóssil. Um exemplo é a hidrelétrica na região Norte para abastecer a região Centro-Oeste, mas o sistema interligado é oneroso para levar

a energia para a região Sudeste”, esclarece.

O executivo sugeriu promover a biodigestão da agricultura, visto que nos últimos 16 anos, criaram-se pequenos nichos e favorecimentos que geraram distorções.

Financiamento e novas variedades

Ao falar sobre acesso a financiamentos e endividamento, o diretor de Agronegócios do Banco Itaú BBA, Pedro Fernandes, contou que nas últimas cinco safras, a dívida do setor aumentou 35% e o investimento tem ficado 30% abaixo do mínimo de manutenção para a boa saúde das usinas. “A falta de investimento é devido à falta de possibilidade e de vontade”, enfatizou.

Apenas 16% dos grupos A e B investiram próximo da depreciação e menos de 40% investiram em menos de 80% da depreciação.

Para Fernandes, o futuro do financiamento apresenta dois cenários. “Podemos ter um futuro sem o RenovaBio, onde o setor perde relevância e o futuro com o programa, onde o setor terá novos investimentos”, analisa.

Artur Milanez, gerente setorial do Complexo Agroalimentar e de Biocombustíveis do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), pontuou um pequeno aumento de apetite para novos financiamentos, o que sinaliza um bom sinal.

Ele também destacou o potencial do biogás. “A agricultura é uma área que consome muito diesel e o potencial de produção de biometano no setor sucroenergético é de 56 milhões de m³/dia, o que é uma oportunidade”, analisou ao dizer que com o RenovaBio haverá cinco novos estímulos para investimentos: rentabilidade, segurança, eficiência, capital de giro (CDBio) e novas



O presidente da Copercana, Antonio Eduardo Toniello, esteve atento às apresentações sobre o setor

formas de comercialização.

Já no último painel, que tratou sobre novas variedades e técnicas de multiplicação, Hermann Hoffman, coordenador do Programa de Melhoramento Genético da Ridesa, lembrou que os programas de melhoramento são bancados pelo setor e que as pesquisas para tal demandam recursos. Ele admitiu que o setor espera variedades de cana com maior produtividade.

“O melhoramento clássico proporcionará ótimos resultados. Temos um clone que produziu 200 kg de ATR e essa variedade é rica em fibra. Nossas próximas liberações contarão com quatro novas variedades”, adiantou Hoffman.

Uma breve explicação sobre o censo varietal 2017 foi realizada por Rubens Braga Júnior, pesquisador estatístico e coordenador do Censo Varietal do IAC. O levantamento foi realizado em mais de seis milhões de hectares e tem como destaque as variedades modernas que são adaptadas ao plantio mecânico, possuem rápido fechamento na entrelinha, elevado perfilhamento, crescimento ereto, resistência a acamamento, alta produtividade e resistência a doenças, entre outras características. 

RECICLE!

essa ideia não pode sair da sua cabeça



BIOCOOP

a **Natureza** agradece



Rua Expedicionário Lellis, 702
(16) 3946.3300 / ramal 2140
Sertãozinho/SP



CIGARRINHAS

das Raízes

Cuidado com elas!

Alessandra Durigan - Gestora Técnica da Canaeste



Foto: Maria F. Agostinho - www.biofaces.com

A mudança do sistema de colheita para cana crua acarretou o aumento da população das cigarrinhas-das-raízes (*Mahanarva fimbriolata*) e a cada safra essa praga ganha importância. Atualmente, as cigarrinhas estão presentes em diversas regiões canavieiras do Brasil, causando danos expressivos à produtividade e à qualidade da matéria-prima.

A infestação da cigarrinha-da-raiz é identificada pela

presença de uma espuma esbranquiçada na base da touceira. As ninfas não sobrevivem sem essa proteção que é favorecida pela presença de umidade. Sendo assim, a colheita da cana-de-açúcar crua favorece o crescimento populacional das cigarrinhas porque o acúmulo de palha sobre o solo contribui para manter a umidade.

O clima apresenta grande influência na dinâmica populacional. No período seco, pela ausência de umidade do

solo, os ovos ficam em diapausa. Com o início das chuvas, na primavera, pelo aumento da umidade e temperatura, ocorre a eclosão dos ovos, aumentando o número de indivíduos. Portanto, no período de outubro a março, devemos nos atentar aos levantamentos de campo com objetivo de monitorar as populações e obter informações para a decisão de controle.

As cigarrinhas-das-raízes podem acarretar sérios danos e prejuízos ao canavial. Alguns autores citam reduções de produtividade que variam de 25% a 60% na cana soca e chegam a 11% na cana planta. Populações mais frequentes são verificadas em cana soca, mas quando a pressão é muito grande, as canas plantas também podem ser atacadas e sofrer danos.

Importância e controle:

As ninfas perfuram as raízes para sugar água e nutrientes e provocam um desequilíbrio fisiológico na planta uma vez que essas raízes se deterioram e impedem o fluxo da água e nutrientes, ocasionando sintomas típicos como morte de perfilhos, rachadura dos colmos, colmos mais finos e secos, brotações laterais, entre outras. Os adultos injetam toxinas ao sugarem as seivas das folhas e causam necrose dos tecidos comprometendo todo o processo de fotossíntese da planta. Em situações críticas, de ataque severo, as plantas podem secar por inteiro e o canavial fica com aspecto de queimado.

Os canaviais colhidos no final de safra possuem uma sensibilidade maior a praga, ou seja, poucas ninfas por metro causam danos mais expressivos. Já os canaviais colhidos no início de safra, por estarem mais desenvolvidos, toleram uma quantidade maior de ninfas por metro e, portanto, os danos serão menores. O nível de dano econômico (NDE) dessa praga é considerado de aproximadamente 3 ninfas por metro para canaviais colhidos no final de safra e de 10 a 12 ninfas por metro para aqueles canaviais colhidos no início de safra.

A eficiência do controle está ligada diretamente aos levantamentos de campo e a agilidade na tomada de decisão. É de extrema importância que as populações sejam detectadas e monitoradas no momento certo, dessa forma, os resultados

serão positivos. Quanto maior o período de convivência da praga com a planta, maiores serão os danos em produtividade e qualidade da matéria-prima.

Diversos tipos de controle têm sido utilizados para reduzir a população de cigarrinhas. Dentre os aplicados se destaca o controle químico com inseticidas.

Existem no mercado produtos químicos eficazes para o controle da cigarrinha-das-raízes: Ethiprole, Imidacloprido, Thiametoxam e Thiametoxam+Lambda-Cialotrina. As melhores aplicações são obtidas com o uso de pingentes no sistema 70/30, ou seja, 70% da calda aplicada nas folhas e 30% da mesma aplicada na base (colo) das touceiras, mas também podemos fazer a aplicação dos produtos em área total.

O corte da soqueira, visando o controle da praga *Sphenophorus levis*, dependendo da época e do produto utilizado, tem-se mostrado eficiente no controle das primeiras gerações de cigarrinhas.

Para o controle químico devemos consultar um engenheiro agrônomo e utilizar apenas produtos com registro no Ministério da Agricultura e Pecuária para a cultura e praga em questão.

Outras alternativas de controle da praga são o controle biológico, com a aplicação do fungo *Metarhizium anisopliae*, opção mais barata e menos agressiva ao meio ambiente, que deve ser recomendado em canaviais com baixa infestação (1 ninfa/metro) e a retirada da palha da linha da cana-de-açúcar para a entrelinha ou retirada total do resíduo, onde têm-se observado resultados favoráveis em relação à diminuição das populações por manter as linhas de cana mais secas, devido à maior incidência dos raios solares e a consequente diminuição da umidade sobre elas. Salientamos que o manejo integrado (associação de métodos) é sempre o recomendado.

Consulte nossa equipe técnica para maiores informações e esclarecimentos de dúvidas. Lembramos que a Canaeste possui uma equipe treinada e capacitada para o monitoramento e levantamento de pragas no campo com o objetivo de melhor atender os produtores associados.

Cuide do seu canavial. Não deixe a cigarrinha sugar seu lucro! 🌱

Fonte: R&D Syngenta/Insectshow 2016

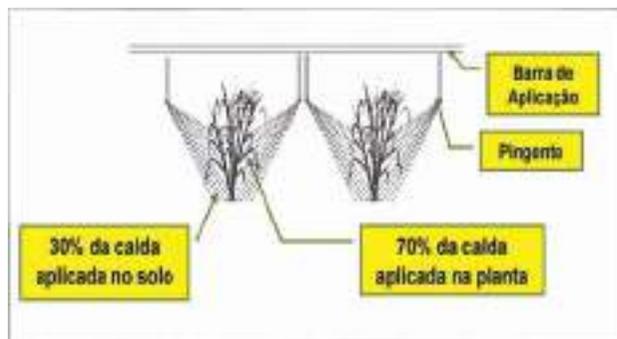


Figura 1: Esquema de aplicação de inseticidas com o uso de pingentes no sistema 70/30

Foto: Heraldo N. de Oliveira



Figura 2: Adultos de *Mahanarva fimbriolata* (macho e fêmea)



*Oswaldo Alonso



CHUVAS DE OUTUBRO DE 2017

& previsões para dezembro e janeiro/2018

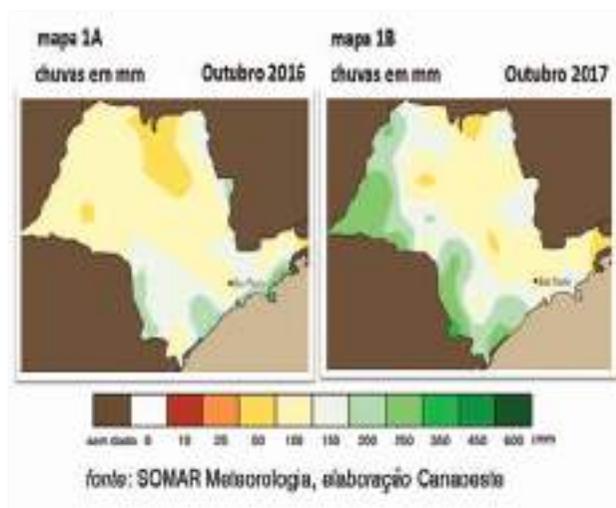
Quadro 1: Chuvas observadas durante o mês de outubro de 2017

Locais	mm chuvas	mm normais climáticas
Açúcar Guarani-Unidades Cruz Alta e Severina	100	105
AgrôClimatologia UNESP-Jaboticabal-Automática	98	112
Algodoeira Dasegl - Dumont	78	107
Análise Açúcar e Alcool	87	105
Barroco - INMET/Automática e Ciliagro	89	131
BIOSEV-MII-Morro Agudo	119	112
BIOSEV-Santa Elisa	48	96
Central Energética Mirante	83	123
CFM - Faz Três Barras - Pitangueiras	89	112
COOPERANA - UNAME - Automática	54	103
DESCALVADO - IAC-Ciliagro	116	105
E.E. Catiçulim - Bebedouro - Automática	94	108
FAFRAM - Ituverava - INMET-Automática	141	131
Faz Santa Rita - Terra Rosa	102	107
Faz Monte Verde - Cajobi/Severina CTH	110	104
IAC - Centro Casa - Ribeirão Preto - Automática	93	123
IAC-Ciliagro - São Simão - Automática	72	109
Usina da Pedra-Automática	71	124
Usina Batatais	120	133
Usina São Francisco	59	102
Médias das chuvas	91	113

A média das chuvas de outubro de 2017 (91mm) foi quase 20% inferior à média histórica do mês (113mm) e 30mm menos que outubro de 2016. Chuvas mais volumosas foram anotadas em Morro Agudo (Biosev MB), Descalvado, Ituverava e em Batatais.

No Estado de São Paulo, durante outubro de 2017- mapa 1B, as chuvas foram superiores às de outubro de 2016 - mapa 1A nas faixas Sudoeste e Oeste; mas não foram muito diferentes no restante do Estado.

Continuam as anotações diárias de chuvas dos escritórios regionais e que estão sendo condensadas em Pitangueiras. Diariamente são disponibilizadas no site Canaostea e, as suas médias mensais e respectivas normais climáticas, são aqui também mostradas no Quadro 2.



Quadro 2: Chuvas mensais de janeiro a outubro de 2014 a 2017, anotadas pelos escritórios regionais, e as respectivas médias mensais e as normais climáticas (médias históricas).

Localidades, meses e anos	agosto				setembro				outubro				Acumulados de janeiro a outubro de 2014 a 2017				
	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	
	Barretos																
INMET	1	0	0	2	10	30	118	14	7	24	75	56	88	580	830	854	816
Bebedouro																	
Escrifitório Canoaeste		1	0	8	13	97	184	8	20	22	109	168	131	573	999	1.404	943
Est. Exp. Citricultura	2	2	0	7	10	57	146	24	58	47	43	110	96	544	808	1.072	700
Cravinhos																	
Esc. Antonio Anibal		5	0	2	21	79	137	18	8	41	101	220	127	555	807	1.366	779
Ituverava																	
FAFRAN / INMET	3	0	2	0	0	30	120	0	12	78	100	114	142	723	1.001	976	715
Marro Agudo																	
Faz. S. Luiz e Bioneti MR	4	0	0	0	11	45	130	8	15	37	124	193	160	493	784	1.128	773
Pitangueiras																	
Capocana		0	0	5	14	70	113	19	7	48	72	165	82	544	880	1.056	781
CFR Fazenda 3 Barras	5	0	0	4	13	58	113	11	6	31	87	133	89	505	767	1.066	638
Pontal																	
Bazon, B. Vista e Carolo		1	0	3	9	54	93	13	7	54	53	94	88	598	713	931	732
Serraia																	
Fazenda da Pedra	6	5	0	2	12	45	100	7	19	42	94	234	72	552	680	1.302	744
Sertãozinho																	
L.Zootecnia-Ciágro	7	0	2	6	19	42	114	0	4	42	14	125	96	638	721	1.175	1.043
Destilaria Santa Iséa		0	0	4	9	50	94	16	35	60	76	87	46	774	854	1.140	776
Unama	8	2	1	5	10	50	106	10	35	68	97	168	54	731	795	1.319	821
Severinia																	
Bulle Aranda e Ivan Aidaer	9	0	0	11	15	66	105	11	8	40	69	90	84	665	697	1.251	724
Terra Roxa																	
Fazenda São Rita	10	0	0	5	16	30	123	29	13	15	135	112	102	665	1.041	1.189	857
Viradouro																	
Escrifitório Canoaeste		1	0	4	10	52	107	23	9	24	46	81	119	653	809	992	790
Usina Viracool		0	0	2	13	62	152	8	6	63	51	191	75	646	804	1.152	705
Centro de Casa IAC	11	1	0	3	16	71	93	29	7	37	76	89	93	661	845	1.045	686
Médias mensais	1	0	4	13	54	120	13	19	43	78	136	91	625	827	1.142	771	
Normais climáticas	20	19	18	18	59	53	58	58	116	109	113	113	1.023	1.025	1.019	1.022	

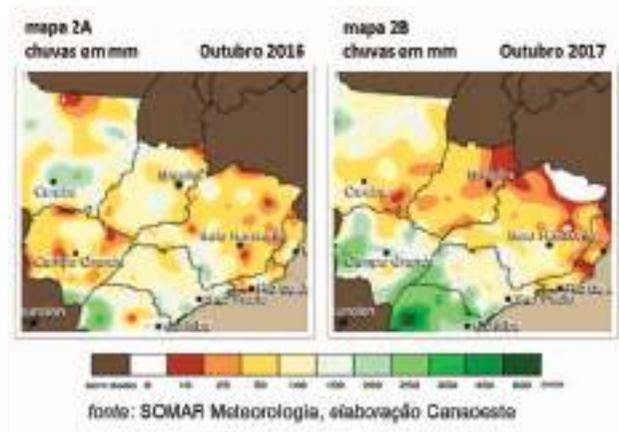
OBS: Médias mensais, nas últimas 4 colunas da penúltima linha e em vermelho correspondem às chuvas e suas somas anotadas durante os meses janeiro a outubro de 2014 a 2017; enquanto que as Normais Climáticas referem-se às médias históricas, próximas ou mais de 20 anos dos locais assinalados em 1 a 11.

No Quadro 2, pode-se notar no destaque do canto inferior direito, que as diferenças observadas entre médias mensais, que de janeiro a outubro de 2017 (771mm) foram superiores apenas as de 2014 (625mm). Destaca-se o maior volume de chuvas em 2016 (1.142mm). Lembrando que estas chuvas de 2016 foram muito próximas as do mesmo período de 2013 (1.140mm).

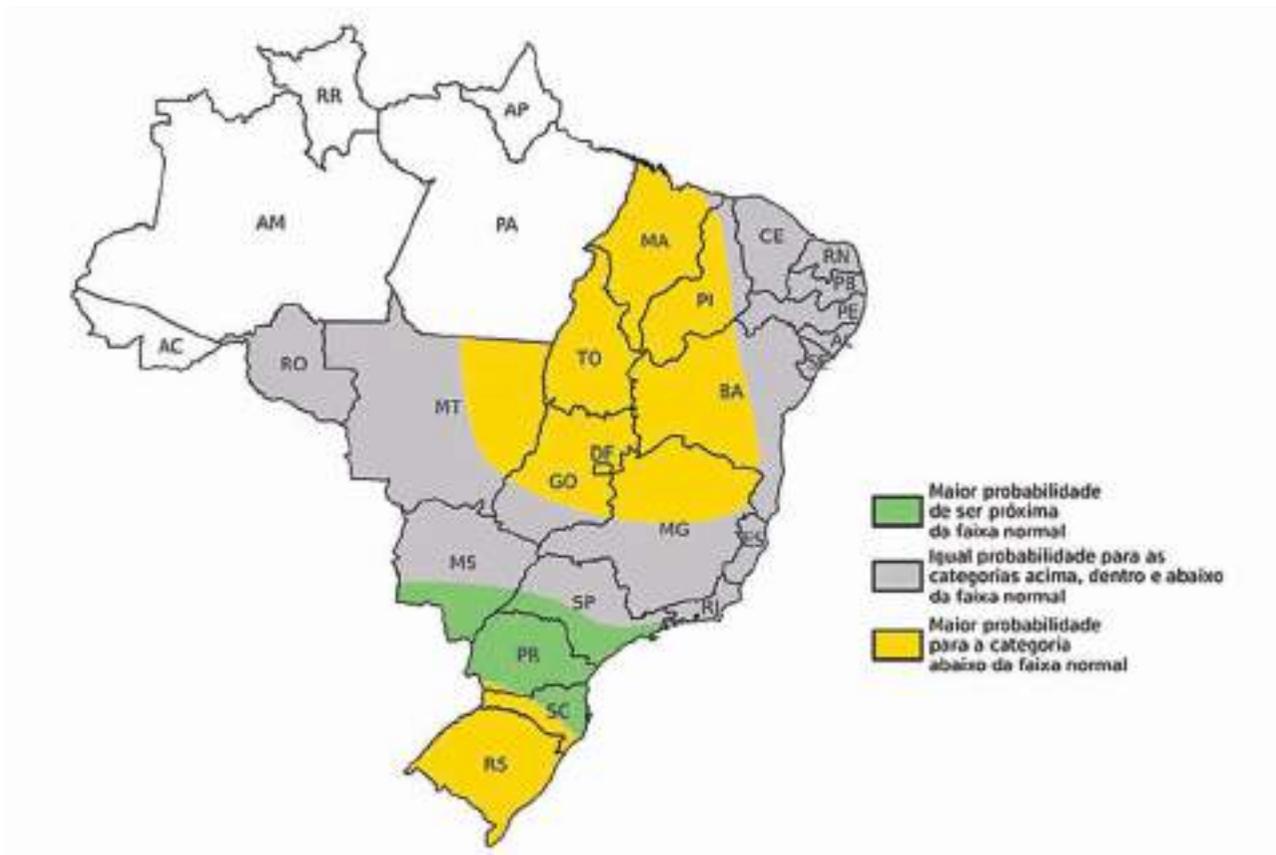
Ainda no Quadro 2, são observadas as semelhanças entre Normais Climáticas (negritadas e nas últimas quatro colunas da última linha).

Na região Centro-Sul do Brasil, durante outubro de 2017 - mapa 2B, as chuvas foram mais volumosas nos Estados de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo

que em outubro de 2016 - mapa 2A. Entretanto, nos mesmos meses e anos, foram em menores volumes nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.



Mapa 3: Elaboração Canoaeste sobre Prognóstico de Consenso entre INMET-INPE para (final) novembro 2017 a janeiro 2018.



Para planejamentos próximo-futuros, o prognóstico de consenso entre o INMET-Instituto Nacional de Meteorologia e o INPE-Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais para os meses de (final) novembro a janeiro são os descritos a seguir e ilustrados no Mapa 3:

► Neste período, as temperaturas tendem a ser acima das médias para a Região Centro-Oeste, enquanto que serão em torno das normais para as regiões Sudeste e Sul, exceto para o Meio Norte de Minas Gerais que poderá ser igual da região Centro-Oeste;

► Quanto às chuvas, poderão variar entre inferior a acima das respectivas médias históricas nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, salvo nas faixas amarelas e verdes, onde são previstas ficar, respectivamente, abaixo e acima das normais climáticas. Para o Estado do Paraná, as chuvas poderão ocorrer acima da média;

► Referenciando-se com o Centro de Cana-IAC, as médias históricas de chuvas em Ribeirão Preto e municípios vizinhos, são de 170mm em novembro e de 270mm em dezembro e janeiro.

Análise dos fenômenos El Niño e La Niña:

Simulações climáticas efetuadas pela NOAA-Agência Americana de Meteorologia e Oceanografia apontam

para um fraco fenômeno La Niña, que prosseguirá até o término do trimestre fevereiro-março-abril. Como efeitos de La Niña, assinalam para as possíveis ocorrências de Zona de Convergência do Atlântico Sul com chuvas fortes e persistentes entre as regiões Sudeste, Centro-Oeste, mas com estiagens na região Sul.

Segundo a SOMAR Meteorologia, para a região Centro Oeste, Sudeste e, talvez, Centro-Norte do Paraná:

- As chuvas poderão ser mais frequentes ao final de novembro;
- Chuvas mais constantes a partir de dezembro a janeiro.

Com esta tendência climática, a Canaoste recomenda aos associados que redobrem atenções ao controle de ervas daninhas (crescem mais rápido que a cana) e cigarrinha das raízes.

Estes prognósticos serão revisados nas edições seguinte da Revista Canavieiros. Fatos climáticos relevantes serão noticiados em www.canaoste.com.br e www.revistacanaovieiros.com.br.

Persistindo dúvidas, consultem os técnicos mais próximos ou através do Fale Conosco Canaoste.

Engº Agrº Oswaldo Alonso - Consultor

Vendem-se mudas de

espécies nativas!



Com pensamento voltado para a sustentabilidade ambiental, a Copercana disponibiliza no viveiro da Fazenda Santa Rita, em Terra Roxa/SP, a venda de mudas de espécies nativas.

Maiores informações:

(16) 3946.3316

Sertãozinho/SP



** Quantidades limitadas*



GRAMA-SEDA:

uma das grandes vilãs, roubando a produtividade e longevidade dos nossos canaviais.

Como proteger seu canavial?

Prof. Dr. Pedro Jacob Christoffoleti



A grama-seda é uma planta daninha, que em algumas circunstâncias deixa de ser daninha e pode até ser uma planta útil no controle da erosão de áreas declivosas, ou mesmo servir de alimentação para animais, em especial cavalos. No entanto, quando infestando a cultura da cana-de-açúcar causa prejuízos na produtividade e longevidade do canavial. Há indicações que a interferência de áreas com alta infestações em um canavial pode chegar a 40% da produtividade potencial da área, assim como pode reduzir dois a três cortes de um canavial, quando comparado a um canavial sem infestação em um mesmo ambiente de produção. Assim, é essencial seu controle.

Uma característica biológica que impede que a grama-seda seja facilmente manejada é sua

propagação vegetativa, através de estolões e rizomas. Estas estruturas necessitam de uma integração entre controle químico e controle mecânico, portanto, esta integração somente é bem executada quando feita na reforma ou implantação do canavial em uma área, ou seja, no pré-plantio da cultura, durante o processo de preparo de solo e dessecação das soqueiras ou manejo da vegetação. Também, durante o período seco, a exposição dos rizomas e estolhos a luz solar e seca é uma ferramenta auxiliar de manejo.

Recomendamos que na época de reforma ou implantação do canavial, seja feita a dessecação, ou destruição química das soqueiras com glyphosate. Este herbicida, pós-emergente, tem alta capacidade

de translocação na planta e pode ser absorvido pela parte aérea da grama-seda e transcolado. No entanto, a área foliar da grama-seda é proporcionalmente pequena em relação a biomassa dos rizomas e estolhos, portanto, mesmo a grama-seda estando em um vigor vegetativo grande, esta medida isolada não é suficiente para seu controle. Assim, recomenda associar outro herbicida sistêmico, mas que também tem absorção radicular, que é o imazapyr.

A dose recomendada de glyphosate 360 g/L a 3,0 L/ha que deve ser associado com 2,0 L/ha de imazapyr 700 g/L. Esta aplicação proporciona um controle parcial da grama-seda, necessitando de uma complementação através de uma





operação mecânica de gradagem do solo em torno de 15 a 20 dias após a aplicação dos herbicidas. Esta operação visa não apenas expor os rizomas e estolhos a dessecação pela luz solar, como também permitir uma maior ativação do herbicida imazapyr para controle dos segmentos de grama segmentado. Há necessidade ainda de eventuais controles de pequenas “reboleiras” que eventualmente escapam deste controle inicial.

O plantio do canavial deve ser feito quando decorrido pelo menos 90 dias, além de no mínimo 100 mm de chuva, para que com isso o imazapic seja degradado e assim seja seletivo para a cana-planta. No momento do plantio é prática aplicar um herbicida de pré-plantio residual, geralmente à base do ingrediente ativo clomazone. Sugere-se a dose de 1,0 L/ha da formulação de clomazone 800 g/L. Após o plantio, há duas opções de manejo da grama-seda em pré-emergência.

Uma das opções é a reaplicação de uma nova dose de clomazone 800 g/L, na dose que depende do tipo de solo. Também tem sido observado que um novo ingrediente ativo lançado recentemente no mercado, à base de

indaziflan pode ser outra alternativa interessante de manejo da grama-seda em pré-emergência, pós-plantio. No entanto, mesmo fazendo todas estas operações descritas, ainda há possíveis “escapes” de grama-seda no canavial. Assim, é feito também um repasse das possíveis reboleiras de grama-seda, através de aplicações costeais manuais, utilizando-se uma solução de glyphosate de 4%.

Após a colheita da cana-planta, quando começa o estabelecimento das soqueiras, ainda é necessário manter a vigilância de infestação da grama-seda, utilizando um dos herbicidas residuais recomendados em pós-plantio da cana (clomazone ou indaziflan), sendo que em seguida ainda é monitorada a área para possível escapes, quando também é utilizando o glyphosate em solução de 4%, aplicado manualmente. Importante ressaltar que toda aplicação de glyphosate em “catação” pode ser fitotóxica para a cana-de-açúcar, caso não seja respeitado o estágio avançado de crescimento da cana, que deve estar com pelo menos 1,0 m de altura, e o operador deve ter bastante cuidado para evitar derivas nas plantas de cana.

Uma unidade de produção de cana (quer seja uma usina ou um fornecedor de cana) que apresenta níveis elevados de infestação de grama-seda (entenda-se como níveis elevados, pelo menos 20 a 30% da área infestada) deve estabelecer um plano intenso de manejo na unidade. Este plano de manejo inclui desde medidas preventivas de dispersão da planta daninha. Dentre estas medidas destacam limpeza de equipamentos de preparo de solo, colhedoras e principalmente no transpor de mudas de cana de uma área para outra. Além das medidas preventivas, medidas curativas envolvendo o uso de herbicidas são necessárias, conforme descrito nesta publicação.

A maximização da produtividade agrícola de uma unidade de produção somente é obtida se dentre os principais fatores de controle no sistema estiver fundamentada no manejo adequado da planta daninha. A grama-seda está com certeza dentre as 10 plantas daninhas mais importantes da cultura e seu controle adequado é essencial para maximizar sua lucratividade. Não adianta utilizar tecnologias avançadas no sistema de produção se não houver proteção de produtividade da interferência das plantas daninhas, em especial nas áreas onde ela ocorre em intensidades elevadas de infestação. Não temos dúvida de que somente com o manejo eficaz da grama-seda, em áreas de alta infestação, é que o produtor terá um retorno financeiro satisfatório dos investimentos feitos na lavoura. 🌱

*Professor Associado, Ph.D.,
Departamento de Produção Vegetal,
Área da Ciência das Plantas
Daninhas, Escola Superior de
Agricultura “Luiz de Queiroz”
(ESALQ), Universidade de São
Paulo (USP)
E-mail - pjchrist@usp.br
Cel. - 19 99727 8314*



GESTÃO ESTRUTURADA

de Custos



O impacto da desaceleração da economia no Brasil nos últimos anos é considerado a maior crise econômica ocorrida desde 1929 e, muitas empresas não estavam preparadas para um impacto tão severo. Iniciamos um processo lento de recuperação, especificamente no setor bioenergético.

Na safra 2016/2017, ocorre o seguinte fenômeno: as

receitas operacionais e os custos operacionais se igualaram; consequentemente, alguns grupos no setor apuraram um lucro marginal em função do câmbio, referente à venda de açúcar e o retorno da CIDE (Contribuições de Intervenção no Domínio Econômico).

As medidas de controle de custos foram e são frequentemente negligenciadas. Negligência essa,



explícita com o desinvestimento na própria cultura da cana-de-açúcar, (custos fixos que geram prejuízo no investimento nos canaviais), cito: renovação dos canaviais (queda de produtividade), produção ociosa abaixo da capacidade operacional e uma gestão que deixa a desejar em seus processos operacionais.

Esses momentos ocorreram em 2009, 2010 e verifica-se que muitas usinas ainda não aprenderam a lição.

Nesta safra, as usinas não estão investindo no canavial. Estão cortando operações agrícolas e insumos, indo na contramão da tendência: a terra vai mandar a conta nas próximas safras, ocasionando, assim, outra situação: muitas usinas ficarão sem cana para encerrar a safra ou comprar no mercado spot, pagando preços elevados no mercado.

Uma abordagem estruturada para a gestão de custos significa: pensar além da economia de custos no curto prazo para avaliar e questionar os modelos de negócios subjacentes.

Concentrando-se em algumas das principais dimensões do negócio, as usinas líderes podem identificar os principais fatores de custo e tomar medidas para gerenciar os custos de maneira sustentável.

Alguns pontos relevantes para o controle e gerenciamento de custos incluem a gestão: do capital de giro, da eficiência operacional e da cadeia de suprimentos.

No atual estágio do mercado bioenergético, a questão significativa não é: Onde podemos ganhar? Mas sim: Onde estão as perdas?

Gestão do capital de giro: é um componente vital de um negócio sustentável. O principal objetivo é: concentrar-se no capital de giro e garantir um fluxo de caixa para os processos de produção, garantindo, desta forma, a contínua liquidez, a redução da dependência e exposição financeira de curto prazo.

Adotar políticas de exposição e risco nas contas a receber e pagar, além do gerenciamento de estoque, também se

incluem como importantes itens no objetivo da gestão do capital de giro.

Cada um dos itens apresenta desafios diferentes para atender às necessidades de liquidez e garantir processos e ciclos mais eficientes, tudo isso, englobando novas tecnologias e avaliando constantemente a qualidade do capital de giro no balanço patrimonial.

Gestão da eficiência operacional: o foco das empresas tem sido no crescimento acelerado, muitas vezes resultando em um foco reduzido nos processos e na eficácia operacional.

Usinas bem-sucedidas compreendem que a força financeira é construída a partir de uma plataforma operacional coesa e bem gerenciada. Cito: São Martinho e Alta Mogiana.

No entanto, outras empresas enfrentam uma desaceleração no crescimento e maiores custos operacionais. Essas ineficiências acabam se tornando grandes riscos.

Eliminar as ineficiências do processo, melhora os custos e a posição da Usina para um futuro crescimento.

Processos operacionais e introdução de novas tecnologias: ao longo das últimas décadas, as funções de compras evoluíram significativamente. Até o ponto em que as empresas de “melhores práticas” considerarem essa função um componente competitivo e estratégico dos seus negócios.

Com o aumento dos custos, muitas equipes de suprimentos enfrentam pressão crescente. Isso requer um nível de atenção mais estratégico, consolidação de fornecedores competentes e eficazes, melhoria da gestão de contratos e estoques por meio da eficiência do processo de compras.

No plantio da cana-de-açúcar, o cultivo mínimo expandiu-se, novos processos de plantio estão no mercado, vide a MPB (muda pré-brotada).

O uso de drones e VANTs informam em tempo real o que ocorre na lavoura.

Na indústria as tecnologias desenvolvidas para elevar o teor alcoólico aumentam a produtividade substancialmente, além da modalidade da usina flex. Nesse modal, utiliza-se cana e milho para a produção de etanol durante 350 dias do ano, reduzindo o custo fixo da usina e elevando o lucro.

Gestão da cadeia de suprimentos, manutenção agrícola e industrial: as usinas precisam reconfigurar suas cadeias de suprimentos para maximizar o capital de giro e responder às alterações nas formas de realizar negócios com clientes, fornecedores e funcionários. As ineficiências nas redes de gestão e distribuição de canais precisam ser identificadas e compreendidas para otimizar os ganhos ao longo da cadeia de suprimentos.

A empresas de bioenergia necessitam definir adequadamente seu escopo e gerenciar as mudanças. É um pré-requisito para a efetivação de vantagem competitiva.

Efetiva otimização de custos agrícolas e industriais: um projeto eficaz de otimização de custos baseia-se em uma análise profunda e técnica de pesquisa com fatos e dados, tais como: análise de custos ou análise de operacional do processo do seu ambiente de produção para suportar o gerenciamento estruturado de custos e quantificar e priorizar oportunidades de redução de custos.

Com a análise de dados e fatos, a gerência pode implementar um programa que visa incrementar a eficiência operacional por meio de alternativas de novos processos tecnológicos ou na troca de equipamentos com tecnologia avançada e implementação de modelos de gestão. Tudo isso fundamentado na lógica e não nas incertezas de toda a cadeia produtiva.

Diagnóstico: Como estabelecer o projeto de otimização de custo?

▶ Determinar objetivos de curto prazo (Qual a nossa meta de moagem) e estratégias de médio e longo prazo, tais como o plantio varietal, tratamento térmico de um viveiro de mudas sadias, que são compromissos da gestão com a estratégia da empresa:

- ▶ Modelagem prévia e determinação da performance de desempenho;
- ▶ Otimização da hipótese inicial.

Quais são as metas e/ou escopo do projeto?

Qual é o custo das oportunidades de otimização?

- ▶ Identificação gaps (lacunas, distância) e oportunidades de ganhos e perdas;
- ▶ Identificação, quantificação e definição das oportunidades.

Protótipo: Que oportunidades estão disponíveis e quais devem ser desenvolvidas?

- ▶ Fases e otimização de recursos (capital, terra, máquinas e equipamentos, mão de obra, tecnologia e gestão);
- ▶ Definição do plano de otimização;
- ▶ Estimativa de implementação, riscos e lucratividade.

Implementação: Quais as oportunidades que devem ser implementadas e em que ordem?

- ▶ Implementação das etapas do plano de projeto;
- ▶ Desenvolvimento do projeto e treinamento e manutenção.

Manutenção e Desenvolvimento: o que pode ser feito melhor? Como os benefícios e melhorias impactam um desempenho financeiro a ser permanentemente incorporado?

- ▶ Desenvolvimento contínuo do programa.





Processo de Produção – coloque dentro do gráfico, para mim ele está fechado

Melhoria Contínua: é a melhoria contínua de produtos, serviços ou processos por meio de melhorias incrementais, avançadas e fundamentalmente, treinamento.

A melhoria contínua é um esforço contínuo para melhorar processos. Esses esforços podem buscar um crescente de “incrementais” ao longo do tempo ou melhorias de “avanço” de uma única vez.

Entre as ferramentas mais utilizadas para a melhoria contínua, há um modelo de qualidade disposto em quatro etapas: um ciclo para planejar, executar, verificar e agir (PDCA – Plan, Do, Control, Act), também conhecido como Ciclo Deming ou Ciclo Shewhart que pode ser visto de outra forma:

- ▶ Plano: Identificar uma oportunidade e planejar a mudança.
- ▶ Fazer: Implementar a mudança em pequena escala.
- ▶ Verificar: Usar dados para analisar os resultados da alteração e determinar se isso fez diferença.
- ▶ Ato: Se a mudança foi bem-sucedida, implementar em

uma escala maior e avaliar continuamente seus resultados. Se a mudança não funcionar, comece o ciclo novamente.

Enfatizar o envolvimento dos funcionários e o trabalho em equipe: processos padronizados, medição e sistematização; redução das variações, falhas e ciclo operacionais: plantio e colheita da cana-de-açúcar (custos significativos).

Melhoria Contínua

- Melhoria contínua: um termo mais amplo e preferido por W. Edwards Deming para se referir a processos gerais de melhoria e abrangendo melhorias “descontínuas”. Isso é, muitas abordagens diferentes, cobrindo diferentes áreas.

De outra visão:

- Melhoria contínua: um subconjunto de melhoria contínua, com foco mais específico na melhoria linear e incremental dentro de um processo existente. Alguns praticantes também associam melhorias contínuas com técnicas de controle estatístico de processos.

Principais benefícios de e-Learning para treinamento corporativo em escala, eficiente e rápido e investimento reduzido

A e-Learning é flexível em termos de criação e



comunicação de novos materiais de treinamento para todos os funcionários no agronegócio do Brasil (dimensões continentais).

A maioria dos programas de aprendizagem é escalável e tem a capacidade de lidar com uma quantidade crescente de trabalho de forma eficiente.

Engajamento da Usina no Treinamento

Uma variedade de técnicas de e-Learning pode tornar a aprendizagem mais atrativa. Por exemplo: a aprendizagem de aplicação insumos agrícolas. Uma usina direcionou seu colaborador para aplicar insumos agrícolas em determinado talhão. Este colaborador, sem treinamento adequado, espalha uma quantidade substancial de NPK (Nitrogênio, Fósforo e Potássio) e, como consequência, a operação custa R\$ 70.000,00 a mais que o previsto.

O operador não teve nenhum treinamento para realizar a operação. Erro de operação? Não, erro de gestão!

Normalmente, quando acontecem situações como descrito anteriormente, as usinas questionam a política do etanol. Precisamos melhorar a gestão! Investindo em treinamento, conhecimento e pesquisa e tecnologia.

Aumenta a retenção de conhecimento

Todas as diferentes ferramentas de e-Learning usadas para o envolvimento dos funcionários devem aumentar a retenção do conhecimento.

Economiza tempo e dinheiro

O e-Learning ajuda a economizar tempo na preparação e atualização de materiais didáticos. Reduzindo o tempo fora do local de trabalho, economizando fatores de produção, gasto em troca de instrutores e colaboradores, custos com instrutores, viagens, hospedagem e alimentação fora do ambiente de trabalho.

Capacidade e consistência

É muito importante garantir que todos os funcionários e que toda a empresa obtenha o mesmo treinamento de qualidade. Com o aprendizado de todos os colaboradores.

Estudos americanos, europeus e asiáticos especificam no mínimo 50 horas anuais de treinamento. Isso explica a baixa produtividade do trabalhador brasileiro.

A e-Learning oferece a oportunidade de envolver todos os funcionários em treinamento consistente e propiciar alcançar altos níveis de resultados.

Mais fácil de medir atividades de aprendizagem e impacto no desempenho do trabalho

O uso de um programa de treinamento torna muito fácil acompanhar a atividade e o progresso dos colaboradores, bem como criar um histórico de avaliação e correção de rumos.

Flexível: O e-Learning é muito flexível em termos de proporcionar aos funcionários a liberdade de aprender a seu próprio ritmo quando eles querem e onde eles querem.

Acessível: Os materiais e-Learning podem ser acessados em qualquer dispositivo (laptop, tablets, telefone celular) e a qualquer momento. Isso pode ser muito útil para fornecer os mesmos elementos de aprendizagem para funcionários em todo o negócio em diferentes locais, isso é ótimo para empresas internacionais e grupos sucroalcooleiros em várias regiões do Brasil. O fator de acessibilidade é muito importante em termos de proporcionar aprendizagem a trabalhadores remotos.

Retenção do Conhecimento: com novas tecnologias, o e-Learning aumenta a capacidade operacional do trabalho e é essencial para as usinas fornecerem cursos de e-Learning para os colaboradores. É benéfico para os funcionários em termos de satisfazer as suas necessidades, aumentar o engajamento e garantir a sua retenção de conhecimento.

Conclusão:

O custo de produção agrícola e industrial nas usinas produtoras de açúcar, etanol e energia elétrica nunca foram prioritários em função do setor ser dependente do Governo.

Uma total e eficiente flexibilização dos preços dos combustíveis tornará as usinas mais flexíveis na definição de seu plano estratégico e seu portfólio de produtos.

Na última década, após diversos planos de negócio de novas usinas irem a “pique”, o setor iniciou uma singela gestão de custos. Os custos sempre foram para atender à contabilidade ou fluxo de caixa e não à gestão dos processos agroindustriais.

Com a queda do açúcar no mercado e a baixa produtividade nas usinas, novos gestores direcionaram suas forças para uma efetiva gestão de custos, procurando metodologias, softwares e modelos que melhor captam a realidade das usinas, apresentando sua eficiência e eficácia.

Agregado a uma política efetiva de gestão de custos, o e-Learning é essencial para o crescimento e rentabilidade das usinas.

Empresas são constituídas por pessoas e, quanto maior treinamento, maior será o impacto no resultado da empresa.

O Centro de Tecnologia investiu milhares de dólares em seus pesquisadores na década de 80. Decorridos 37 anos, a tecnologia desenvolvida no CTC ainda prevalece nos dias atuais nas usinas.



*Feliz
Natal*

Com o Natal chegando,
temos também a certeza de
que mais um ano
se passou.

E que por mais um ano
pudemos contar
com a SUA parceria.

Agradecemos muito
pela confiança e
preferência!

Desejamos um ótimo Natal
e um próspero Ano Novo!





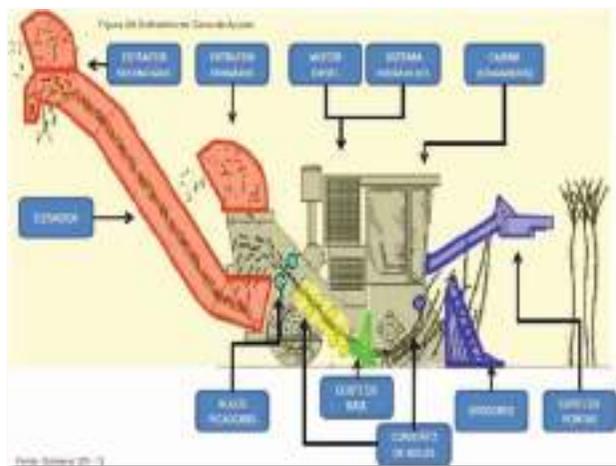
VAMOS CONHECER?

Colheita mecanizada de cana-de-açúcar: monitoramento de perdas

*Profa. Dra. Carla S. Strini Paixão

A busca e a exigência por produtos de grande qualidade, aliadas a preços acessíveis, são o ponto fundamental para os consumidores no momento de adquirir uma mercadoria. O fato é que a matéria-prima deve sair de sua origem com o máximo de qualidade possível. Neste sentido, no processo da colheita mecanizada de cana-de-açúcar, por meio do monitoramento eficaz da operação, faz-se necessário conhecer detalhadamente a colhedora, bem como as etapas e os componentes que realizam o processamento da cana colhida.

Para saber em qual parte do processo de colheita mecanizada de cana-de-açúcar atuar, deve-se conhecer como é o funcionamento das colhedoras utilizadas atualmente, sendo que seu princípio de funcionamento é o mesmo, tanto para a colheita de mudas, quanto para a colheita comercial destinada à indústria, podendo ser descrito, de maneira geral, na seguinte sequência (Figura 1):



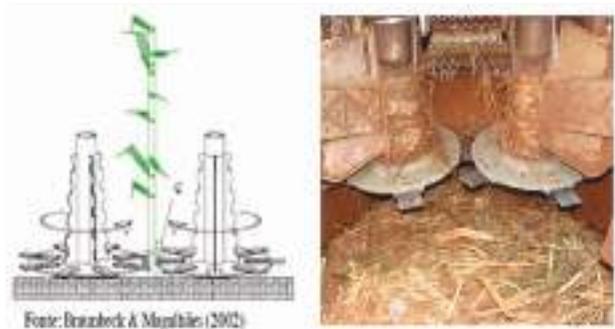
Etapas do funcionamento de uma colhedora de cana-de-açúcar

- 1- Inicialmente é realizado o corte das ponteiros da cana-de-açúcar pelos cortadores de ponta;
- 2- Na sequência, a cana é conduzida pelos divisores de linha, se necessário, e apoiada pelo rolo tombador para haver o direcionamento à realização do corte basal;
- 3- Após o corte basal, os colmos são direcionados para os rolos alimentadores, até chegar aos rolos picadores, onde é cortada em rebolos de tamanho que variam entre 15 e 40 centímetros;
- 4- Em seguida, são depositados no cesto, também conhecido como bojo, onde, pela ação do extrator primário, a maior parte das impurezas é removida por exaustão de ar, promovido por um ventilador;
- 5- Na etapa seguinte, os rebolos são conduzidos pelo elevador, passando pelo extrator secundário para nova remoção de impurezas remanescentes e, por fim, são descarregados, normalmente, em sistemas de transbordo específicos.

Entretanto, a colheita mecanizada de cana-de-açúcar possui algumas particularidades relacionadas às interações solo-planta-máquina, que resultam em perdas no campo, redução na qualidade da matéria-prima e da longevidade do canavial. O corte basal é um dos itens de maior importância nas colhedoras de cana-de-açúcar, pois

está diretamente ligado à qualidade da matéria-prima e aos níveis de perdas na colheita.

Este sistema é composto de discos duplos rotativos com múltiplas facas posicionados que cortam a cana em sua base pelo impacto (Figura 2). O rolo defletor empurra a cana para frente antes de cortá-la (em canaviais de porte ereto), para facilitar a alimentação pelos rolos alimentadores. A deflexão e o corte de base são responsáveis por danos na cana colhida e na soqueira, causando grande volume de perdas, além de facilitar o ataque de fungos e doenças na soqueira.

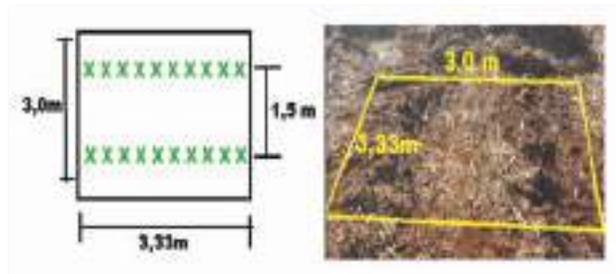


Modelo do mecanismo de corte basal para colheita mecanizada de cana-de-açúcar no espaçamento de 1,50 m

De acordo com Neves et al. (2004), as perdas visíveis estão associadas às características da área a ser colhida, incluindo dados culturais: 1-Varietais (produtividade, tombamento, teor de fibra, comprimento do palmito, quantidade de palha, isoporização, etc.), 2- Preparação da área (padronização do espaçamento entre linhas, comprimento da área, idealização da sistematização do plantio, depressões e torrões, quebras de lombo, qualidade de cultivo, dificuldade de visualização, etc.); e também à operação em si da colheita. Já as perdas invisíveis são aquelas que são dificilmente visualizadas e quantificadas em campo, podendo ocorrer por meio das condições de serviço das facas dos discos de corte, o tipo de lâmina que está sendo utilizada, a velocidade de ambos extratores, dentre outros fatores.

Neste artigo vamos abordar a amostragem e classificação das perdas visíveis e suas possíveis causas. Primeiramente, para realizar a amostragem, deve-se montar uma armação retangular de 10 m² sendo 3,00 x 3,33m, em seguida posicionar sobre duas fileiras de colmos já colhidas (Figura 3). Essa armação pode ser confeccionada com estacas de madeira ou ferro nas pontas com as laterais em barbante. Posteriormente, com a ajuda de um “rastelo”, toda área

da armação deve ser cuidadosamente limpa, sempre observando e separando os pedaços de cana deixados no campo (Figura 4).



Armação para coleta de perdas na colheita mecanizada de cana-de-açúcar



Momento da coleta de perdas no interior da armação

Após a separação de toda a matéria-prima dentro da armação de amostragem, define-se então os tipo de perdas:

► Tocos: Fração do colmo enraizada cortada acima da superfície do solo, com comprimento maior que aquele adotado pela unidade produtora como altura de corte, podendo chegar até 15 cm (Figura 5). A parte de cana que estiver acima da altura de corte deve ser retirada

com o auxílio de um facão para posterior pesagem. Este tipo de perda está relacionado com maior velocidade de deslocamento da colhedora, descuido do operador da colhedora ao controlar o mecanismo de corte basal e também pela possível ausência de funcionamento ou utilização do controle automático da altura de corte da colhedora, já que algumas colhedoras apresentam mecanismos de corte basal para copiar as ondulações do terreno.



Perda tipo toco

► **Pedaço Fixo:** Segmento médio de cana que deve estar necessariamente preso ao solo maior que 15 cm (Figura 6). Estes pedaços devem ser cortados até a altura de corte referente para posterior pesagem. As perdas do tipo pedaço fixo são influenciadas pela maior velocidade de trabalho das colhedoras e também pela inabilidade do operador em controlar a altura de corte do cortador central.



Perda tipo pedaço fixo

► **Cana inteira:** Fração de cana com tamanho igual ou superior a 2/3 do comprimento médio estimado dos colmos do local (Figura 7). A cana deve ser cortada até a altura de corte e pesada (se estiver presa ao solo). Este tipo de perda está relacionado à maior velocidade de deslocamento das máquinas ou pela ineficiência do sistema de alimentação da colhedora em momentos específicos (entrelaçamento de colmos de cana-de-açúcar entre fileiras adjacentes), resultando em maiores quantidades de cana inteira deixada a campo e, por fim, pela falta de alinhamento da colhedora às fileiras de cana a serem colhidas.



Perda tipo cana inteira

► **Rebolo:** Fração do colmo com o corte característico do facão picador ou do corte de base, em ambas as extremidades (Figura 8). Este tipo de perda ocorre pela falta de sincronismo entre a colhedora e o conjunto trator-transbordo, o que representa a falta de atenção de ambos os operadores responsáveis pelo deslocamento das máquinas a campo.



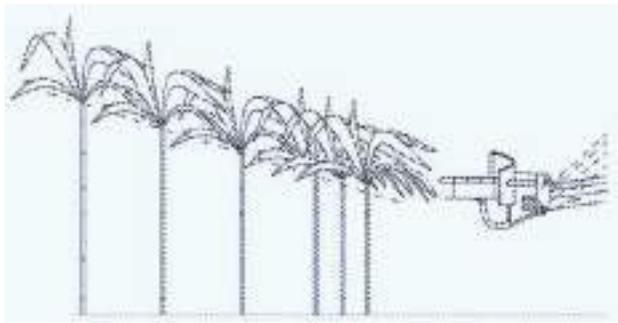
Perda tipo rebolo

► **Lascas:** Fragmentos de cana dilacerados. Alta ocorrência de perdas do tipo lasca pode ocorrer em função da má regulagem de rotação do extrator primário podendo este estar trabalhando em uma rotação acima do ideal, sendo este o principal fator, e também pela repicagem dos colmos pelo mecanismo de corte basal das colhedoras (Figura 9).



Perda tipo lascas

► **Cana ponta:** Fração de colmo deixada no solo e agregada ao ponteiro. Esta situação pode ser explicada em virtude da regulagem incorreta da altura de corte do mecanismo despontador de folhas (geralmente, em cana de porte ereto), na qual é acionado no interior da cabine da colhedora pelo operador (Figura 10).



Perda tipo cana ponta

► **Pedaço solto:** Todas as variações visíveis de colmos

sem as características que definam tocos, colmos inteiros, rebolos, lascas e cana ponta e que, portanto, não se encaixam em nenhuma das definições anteriormente citadas. A perda do tipo pedaço solto ocorre devido ao corte do facão picador, quando estes cortam os colmos em frações menores, caracterizando-se em até dois entrenós, com as extremidades estilhaçadas ou não. Quando isso ocorre os mesmos podem estar dessincronizados e, portanto, a máquina deve ser parada e regulada para aumento da qualidade da operação (Figura 11).



Perda tipo cana ponta

Depois de todas as perdas serem separadas e coletadas, estas devem ser pesadas e anotadas para posterior avaliação e extrapolar seus valores para 10.000 m² (1 ha). O monitoramento contínuo das perdas é essencial para a melhoria da colheita mecanizada de cana, uma vez que, se necessário, a implantação de um plano de melhorias deve ser realizada para diminuir os problemas encontrados durante a operação. 🌱

***Prof. dra. Carla S. Strini Paixão
Centro Universitário Moura Lacerda
Ribeirão Preto – SP*

*Centro Universitário de Rio Preto
S. J. do Rio Preto – SP*

*Máquinas e Mecanização Agrícola
Engenheira Agrônoma, doutora em Agronomia e
atualmente é professora do Centro Universitário
Moura Lacerda, com linhas de pesquisas em Máquinas
e Mecanização Agrícola.*





Renata Carone Sborgia

CULTIVANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Esta coluna tem a intenção de maneira didática, esclarecer algumas dúvidas a respeito do português.

** Advogada, Profa. de Português, Consultora e Revisora, Mestra USP/RP, Especialista em Língua Portuguesa, Pós-Graduada pela FGV/RJ, com MBA em Direito e Gestão Educacional, autora de vários livros como a Gramática Português Sem Segredos (Ed. Madras), em co-autoria.*

1) Maria não “**pára**” de chorar.

Com a grafia escrita de forma incorreta (Segundo o Novo Acordo Ortográfico) continuará chorando!

O correto é: **para**

Regra fácil: Segundo a nova grafia, não se acentuam mais certos substantivos e formas verbais para distingui-los graficamente de outras palavras como o **para (verbo)** do **para (preposição)**. Use-se o **para**.

Exemplo: Vou **para (preposição)** casa.

Ela não **para (verbo)** de falar.

2) O computador queimou. O “**pára-raios**” não funcionou no momento oportuno.

Com a grafia incorreta... não funcionaria mesmo!

O correto é: **para-raios (sem acento no para)**

Regra fácil: Aplicam-se também as

palavras compostas a esta regra, conforme a nova grafia: não se acentuam mais certos substantivos e formas verbais para distingui-los graficamente de outras palavras como o **para (verbo)** do **para (preposição)**. Use-se o **para**.

Exemplo: **para-brisa, para-raios**

3) Pedro “**pode**” participar da corrida realizada na rua ontem.

Pedro terá que “**correr**” com os estudos também da nova grafia!

O correto é: **pôde**

Regra fácil: A nova grafia não alterou os acentos do verbo **PÔR** e da forma do pretérito perfeito (passado) do **pôde**.

OBS.: Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

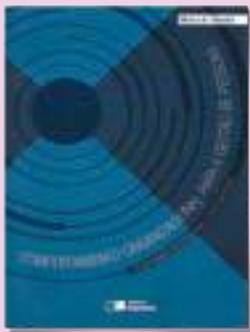
Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

PARA VOCÊ PENSAR:

...não me importo com a escolha do credo, se está com patuá, se preferiu ofertar flores para Iemanjá. Não me importo com qual religião que tu estás, amigo. Não se importe com a minha. Tenho uma maneira peculiar de crer: preciso ficar desnudada, liberta e num silêncio meu. Só assim consegui me encontrar com a fé, com o meu credo, com o que me deixa em pé para prosseguir a caminhada com foco ou após os desfocos que a vida nos dá sem nos avisar. Foi assim: acreditei em todas as fés. E digo mais sobre a minha: tocou o meu coração, me deu força para continuar na alegria ou tristeza. Fiz a minha religião para prosseguir com o sorriso - em primeira instância porque me faz bem - que possa chegar no próximo sutilmente... e tocá-lo. Foi assim, meu amigo, uma maneira doce de ouvir e ficar todos os dias da jornada com Deus.

Trecho/crônica/publicada/Renata Carone Sborgia

BIBLIOTECA “GENERAL ÁLVARO TAVARES CARMO”



Comportamento organizacional é o comportamento de quem: da própria organização ou das pessoas que a compõem? “A expressão “comportamento

organizacional” pode claramente referir-se às ações que são exercidas por essa entidade a que chamamos “empresa” e que é constituída de indivíduos e marcada por regras internas de conduta que lhe dão especificidade (...) Além disso, produz-se um universo de complexos comportamentos humanos dentro dessas organizações: por dentro, elas pulsam intensa e continuamente por conta das ações e reações das pessoas, pelos relacionamentos que se dão entre elas, pelas interpretações que são atribuídas a essas condutas.

O resultado é um estudo abrangente sobre os vários pontos importantes que o leitor deve considerar para entender melhor o que se passa

em uma complexa organização empresarial.”
(Trecho extraído da contracapa do livro)

Referência:

OLIVEIRA, Marco A. **Comportamento organizacional para a gestão de pessoas:** como agem as empresas e seus gestores. São Paulo: Saraiva, 2009.

Os interessados em conhecer as sugestões de leitura da Revista Canavieiros podem procurar a Biblioteca da Canaoeste.

biblioteca@canaoeste.com.br

www.facebook.com/BibliotecaCanaoeste

Fone: (16) 3524-2453

R: Frederico Ozanan, 842 - Sertãozinho/SP



Biosoja foca no aumento de produtividade dos canaviais

Diana Nascimento



Herling e Chiarelli apresentaram os planos do Grupo Vittia para o setor sucroenergético

O Grupo Vittia (holding das empresas Biosoja, Samaritá, Granorte e Biovalens) realizou encontro com a imprensa especializada no setor sucroenergético no

final de outubro para apresentar o posicionamento da empresa Biosoja no mercado.

Entre as ações do novo direcionamento de marketing da Biosoja está o Projeto Cana, que visa atender às demandas nutricionais da cultura através de produtos como enraizadores, micronutrientes, fórmulas com nitrogênio e molibdênio, por exemplo.

Com tradição na sojicultura, a Biosoja é focada no fornecimento de micro-organismos e inoculantes para o tratamento da soja e agora pretende replicar esse mesmo conceito para a cana-de-açúcar.

“O grupo evoluiu e está nos principais polos agrícolas, oferecendo uma diversificada linha na área de nutrição em diferentes culturas. Temos um time de 150 pessoas entre a área técnica e operacional. Nosso foco em cana é novo e vemos esse mercado com bons olhos”, destacou Rodrigo Chiarelli, gerente regional do Grupo Vittia.

O gerente de Desenvolvimento de Mercado em Cana e Citrus, Luiz Herling, contou que os planos para entrar no mercado canavieiro são fortes. “Queremos conquistá-lo aos poucos. Vamos mostrar quem somos, onde estamos, nossas fábricas e o nosso portfólio”, adiantou.

Herling disse ainda que a empresa teve como desafio o ordenamento e agrupamento dos produtos, além de ouvir sobre os desejos e necessidades dos clientes. “Notamos uma carência em produtos biológicos, assim como em seu uso e conhecimento”, completou.

O foco inicial da Biosoja no mercado sucroenergético terá início nos estados de São Paulo e Minas Gerais e, posteriormente, irá se expandir para outras áreas do país. Herling lembrou que a empresa já atua nesse mercado desde 2010, mas com trabalhos isolados e em campo para o desenvolvimento de produtos. “A média de produtividade em cana-de-açúcar caiu muito e está em 76,17 t/ha. Diante desse fato, estamos construindo argumento comercial e técnico, pois temos produtos para aumentar essa produtividade. Estaremos bem próximos do setor durante a próxima safra”, concluiu.

Copercana participa de evento para debater caminhos para a geração de energias renováveis

Atentos às oportunidades que surgem com a geração de energias renováveis, representantes de cooperativas de diferentes setores, além de pessoas interessadas no assunto, reuniram-se no último dia 22, no Fórum de Energias Renováveis promovido pelo SESCOOP/SP. Os cerca de 80 participantes do evento acompanharam painéis sobre legislação e regulação do setor elétrico, experiências de sucesso de cooperativas e comparativo entre os cenários da energia renovável na Alemanha e no Brasil.

Na abertura do Fórum, Edivaldo Del Grande, presidente do Sistema Ocesp, ressaltou que o cooperativismo pode contribuir para criar soluções para os grandes desafios energéticos do País. “O tema do Fórum é extremamente relevante. Sugiro que todas as cooperativas procurem saber mais sobre a viabilidade de produzir a própria energia. Acredito que esse fórum seja um ponto de partida para um caminho muito promissor”, ressaltou.

Para Marco Olívio Morato, analista de mercados da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, a produção de energia, por ser um dos grandes gargalos do Brasil, traz boas oportunidades para o cooperativismo. “A energia elétrica deve se manter muito cara nos próximos anos. O cooperativismo pode ser o caminho ideal para organizar a sociedade em busca de novas soluções, mais limpas e sustentáveis. Produzir energia é uma possibilidade viável de reduzir a conta de energia. Já temos alguns exemplos promissores no Brasil e podemos aprender também com experiências de outros países”, explicou.

A coordenadora de Gestão e Desenvolvimento de

Cooperativas do SESCOOP/SP, Lajyárea Duarte, enfatizou que a instituição acompanha com atenção o tema. “Nossa equipe está à disposição para estudarmos juntos os melhores caminhos. Foi um primeiro evento, que trouxe muitas possibilidades interessantes”, disse.

Regulação do setor

O debate sobre ambiente regulatório contou com a participação de Leonardo Góes, da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), Edmilson Ferreira da Silva, da CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica), e Morato, da OCB. O representante da Aneel destacou as formas de Geração Distribuída, nas quais o consumidor pode gerar sua própria energia elétrica a partir de fontes renováveis ou cogeração qualificada e inclusive fornecer o excedente para a rede de distribuição de sua localidade. Esse modelo abre espaço para a constituição de cooperativas.

Uma visão geral sobre os trâmites para a comercialização de energia foi apresentada pelo representante da CCEE. A instituição é responsável por viabilizar as atividades de compra e venda de energia em todo o País, além da contabilização e registro dos contratos.

Casos de cooperativas



Experiências de duas cooperativas também foram apresentadas. Rafael Vale, apresentou o case da Coober, do Pará, a primeira cooperativa dedicada a energias renováveis registrada no Sistema OCB. Com atuação desde agosto de 2016, é formada por 23 cooperados-consumidores e possui uma micro usina com 288 placas fotovoltaicas que possuem capacidade de produção média de 11.550 KW/h por mês. “Escolhemos o cooperativismo pois acreditamos que é

o melhor modelo para reunir as pessoas por objetivos econômicos comuns”, enfatizou.

O outro case apresentado foi da Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), com sede em Sertãozinho-SP. Tiago Zamprônio, da área de Controladoria, mostrou que a cooperativa passou a adquirir energia no mercado livre, conseguindo economizar recursos. “Em sete unidades já estamos adquirindo energia produzida a partir da fonte de biomassa, juntas representam aproximadamente 87% da energia consumida. Temos contrato com a usina Viralcool onde gera uma economia de 29% em comparação com o mercado regulado de energia. Em abril, recebemos o Selo Energia Verde, oferecido pela Unica com apoio da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica, onde a Copercana é a primeira cooperativa em nível nacional a ser certificada por este Selo. Os próximos passos estão na manutenção deste resultado positivo, com a capacitação/aprimoramento da equipe e o compartilhamento desta experiência junto às demais cooperativas e interessados, pois os desafios são grandes,” conta.

Casos de cooperativas



O Fórum contou com a participação do subsecretário de Energias Renováveis, Antonio Celso de Abreu Jr., que representou o secretário de Energia e Mineração do Estado de São Paulo, João Carlos Meirelles. Também estiveram presentes na mesa inicial o presidente da OCB/GO, Joaquim Guilherme, e o diretor do ramo Infraestrutura da Ocesp, Danilo Roque Pasin, que também é presidente da Fecoeresp (Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do Estado de São Paulo). Também participou do evento o superintendente da OCB/MA, Marlon Aguiar.

Fonte: Assessoria de Imprensa do SESCOOP-SP 



Anuncie aqui!

Revista
CANAVIEIROS
A força que movimenta o setor

22.000
EXEMPLARES
Distribuição Gratuita

Pedi,
aprovou,
USOU!

f /sicoobcocred
cocred.com.br

Dinheiro ligeiro

PARA SUA VIDA
ACELERAR!

De quanto você precisa para sair do sufoco? R\$10 mil? R\$50 mil?
Ou R\$150 mil? Seja para conquistar um bem ou resolver uma
emergência, no Sicoob Cocred você tem acesso ao **Credito Já**,
que pode ser solicitado a qualquer momento, sem nenhuma
burocracia. É isso mesmo: rápido, fácil e com parcelas que
cabem no seu bolso! Confira:



Crédito *já!*

Contratação 100% eletrônica.

Você solicita o crédito usando o caixa eletrônico, o aplicativo SicoobNet-Pessoal ou o Internet Banking e as parcelas são debitadas direto da sua conta.

Até
R\$10 mil

Aprovação imediata com o gerente.

Você conversa pessoalmente no PA e o contrato é assinado na hora, sem burocracia.

Até
R\$50 mil

Negociação exclusiva para veículos.

(Compra de automóveis novos ou usados)
Você aprova seu empréstimo em uma única visita e, se quiser, já sai direto para a concessionária.

Até
R\$150 mil

Com o **Crédito Já**,
o dinheiro pula direto na sua conta.
Não perca tempo e fale com o seu gerente.

 **SICOOBCOCRED**
Cooperativa de Crédito



Classificados

VENDE-SE

- Apartamento na Zona Sul de Ribeirão Preto, empreendimento Les Alpes da construtora Copema, área de 140m², sendo 3 suítes e duas vagas na garagem (paralelas), face sombra no 10º andar; R\$ 700.000,00 – Tratar com Augusto (16) 9 8185-4889.

VENDE-SE

- Apartamento semimobiliado no Condomínio Praças do Golfe, em frente ao Shopping Iguatemi, em Ribeirão Preto, 4º andar, 104 m², 3 suítes, lavabo, cozinha, área de serviço, banheiro e varanda com churrasqueira. Valor R\$ 570.000,00. Tratar com Carla (16) 9 8114-7115 ou Maurício (16) 9 8121-1399.

VENDEM-SE

- Aduadeira São Francisco DMB, 2007;
- Sulcador DMB, 1996.
Tratar com Carlos Lovato pelo telefone (16) 9 9708-0055

VENDE-SE

-Boca de colheitadeira 3640
Tratar com Lair Ribeiro pelos telefones (16) 3367 3322 ou (16) 9 9199-0890.

VENDEM-SE

- Trator MF 65X, ano 74, R\$ 18.000,00;
- Ford 6600, turbo, ano 82, R\$ 20.000,00;
- Valmet, modelo 78, ano 91, R\$

22.000,00.

Tratar com Guilherme pelo telefone (16) 9 9961-1982.

VENDEM-SE

- Silagem de milho ensacada (nutrição animal), sacos com 25 kg ou mais, sacos de 200 micras, armazenamento pode ser mantido por 8 meses, silagem com todas as espigas, com análise.

Tratar com Luís Americano Dias pelo telefone (19) 9 9719-2093.

VENDEM-SE

- Tríplex com sulcador, grade e disco de corte - marca Feroldi, ano 2009;
- Grade aradora de arrasto, 16x26, sem pistão, marca Tatu;
- Chassis de arado, Iveco de 4 hastes, marca Ikeda;
- Triturador de milho.

Valor de R\$ 8.500,00 (todos os implementos).

Tratar com Alceu pelo telefone (16) 9 9162-9175 (Claro) ou Robinho (16) 9 9162-9136 (Claro).

VENDE-SE

- Colheitadeira de milho, em perfeito estado de conservação.

Pronta para o uso! Marca: Jumil, Tipo: Foguete com rosca para descarga (tipo graneleiro).

Tratar com Mauro pelo telefone (16) 9 9961-4583.

VENDE-SE

- Apartamento Viva Bem Ribeirão

da Trisul, em Ribeirão Preto, no bairro Lagoinha, com elevador, área comum com academia, salão de festa infantil e adulto, brinquedoteca, quiosque para churrasco, piscina adulta e infantil, caniné e playground, 2 quartos, sala, cozinha com móveis planejados e banheiro com aquecedor a gás já instalado e Box. R\$ 159.500,00.

Tratar com Lucas pelo telefone (16) 9 9269-0541.

VENDE-SE

- Máquina para Produção/Extração de óleo de soja, algodão, amendoim ou mamona. Capacidade de 1.000 kg/hora com extração média de 87% farelo e 13% óleo na extração de soja, nova, utilizada apenas uma vez para teste e o projeto acabou parando por outros motivos. Boa condição para venda e pagamento.

Tratar com Carlos pelo telefone (16) 9 9632-3950.

VENDEM-SE

- Mitsubishi - L200 Triton, 4x4, automática, 2009, turbo diesel, 3.2, na cor prata, vidros e travas elétricas, ar-condicionado, direção hidráulica, completa. Aceita troca. 2º dono. Ótimo estado;

- Fazenda em Rifaina –SP, área total 86 alqueires, 60 alqueires agricultáveis, benfeitorias, topografia, plana e semiplana, dentro da cidade. R\$ 6.000.000,00;

- Fazenda no município de Luís Eduardo Magalhães – BA, área total de

2127 hectares, área de plantio, casa sede e de colono, pivô de irrigação, tulha, barracão, maquinário. R\$ 39.000.000,00;

- Fazenda em Tapira – MG, 180 alqueirões, área agricultável (50%), APP e reserva (20%), pastagem (30%), nascente, córrego, outorga d'água, 2 pivots, topografia plana, semiplana e ondulada, casa sede, curral, barracão, cerca. Altitude: 1307 metros, R\$ 10.800.000,00;

- Loteamento no Distrito Industrial José Marincek II, em Jardinópolis – SP, lotes a partir de 1.000 m², direto com a incorporadora, em até 120 vezes, infraestrutura completa. Pronto para construir. Instale sua empresa já;

- Loteamento residencial no Jardim Maria Regina, em Jardinópolis – SP, lotes a partir de 250 m², entrada parcelada e financiamento após seu término, direto com a loteadora, sem consulta ao SERASA e SCPC, terrenos a partir de R\$ 70.000,00. Pronto para construir;

- Locação Mini escavadeira, limpeza de terrenos, Baldrame, piscina, brocas, alicerce. Jardinópolis, Ribeirão Preto e Região.

Tratar com Paulo (16) 3663-4382; (16) 99176-4819; (16) 98199-0201. Dutra Imobiliária.

VENDEM-SE

- Trator Valtra A 750, 4x4, 1500h, 2014;
- Trator MF 265, 1988;
- Carreta com Guincho para Big Bag Agrobras, 5 t;

- Cultivador de cana Dria, Ultra 507, 2 linhas;

- Cobridor e aplicador inseticida Dria;
- Adubadeira de hidráulico Lancer;
- Roçadeira Lateral, dupla, Kamak Ninja;

- Carreta de 4 rodas;
- Calcareadeira 2,5 t, Bundny;
- Grade aradora de 16 discos, Tatu;
- Lâmina de hidráulico Piccin;
- Pá de hidráulico;
- Pulverizador Jacto 600 litros com barras;

- Tanque com bomba para combustível;
- Tanque com bomba de 4000 litros;

- Motosserra Stihl.

Tratar com Flávio (17) 9 9101-5012.

VENDEM-SE

- Caminhão 1976 – 1113, truck prancha;

- Caminhão 1980 – 608, carroceria de madeira;

- Trator Valmet 88 - Série Prata;

- Trator Valmet 85;

- Pulverizador Jacto Columbia A17 - 2.000 litros com barras;

- Pulverizador Jacto Vortex A18 - 2.000 litros com barras;

- Plantadeira Marchesan Ultra 8 linhas, plantio direto;

- 02 Plantadeiras Marchesan PST2 9 linhas, plantio convencional;

- 02 Grades niveladoras Piccin 36 discos Mancal de atrito;

- Grade intermediária 20/28, controle remoto.

Tratar com Leorides pelos telefones (16) 3382-1755 – Horário comercial (16) 99767-0329.

VENDEM-SE

- Motoniveladora Huber-Warco 140, Dresser, 1980, motor Scania 112, toda revisada, motor, embreagem e bomba d'água nova, pneus seminovos, tander revisado, balança, Valor R\$ 45.000,00;

- Caminhão Mercedes Benz L 1113, 1978/1985, amarelo, carroceria basculante com fominha em metal (grade), com capacidade para transportar ate 500 caixas de laranja, todo revisado, documentação ok, Valor R\$ 35.000,00;

- Camionete GM-Chevrolet D20, LUXO, 1989/1990, branca, 5 lugares, cabine dupla, diesel, toda revisada, 4 pneus novos, direção antifurto, baixa quilometragem, documentação tudo ok, Valor R\$ 35.000,00;

- Carro importado Chrysler Stratus LE, 1996, com 183 mil km, todo original, único dono, branco, pneus novos, todo revisado, gasolina, Valor R\$ 14.000,00.

Tratar com Jorge Assad - whatsapp (17) 9 8114-0744 - cel (17) 9 8136-8078
- Barretos.

VENDE-SE

- Área de 3,5 alqueires de mata nativa para reserva ambiental, em Cajuru-SP.

Tratar direto com proprietário pelo telefone (16) 9 9154-3864.

VENDEM-SE

- Mudanças de abacate enxertadas.

Variedades: Breda, Fortuna, Geada, Quintal e Margarida.

Encomende já a sua! Mudanças de origem da semente de abacate selvagem, selecionadas na enxertia para alta produção comercial. R\$15,00.

Tratar com Lidiane pelo telefone (16) 9 8119-9788 ou lidiane_orioli@hotmail.com

VENDE-SE

- Carroceria plantio de cana-de-açúcar, truck, valor - R\$ 12.000,00.

Tratar com Coelho pelo telefone (16) 3663-3850 ou (16) 9 8112-5585.

VENDE-SE

- Tanque de expansão para leite com capacidade de 2.500 litros, em perfeito estado. R\$ 10.400,00. Fazenda Aliada em Sales Oliveira.

Tratar com Fernando pelo telefone (16) 9 8149-2065.

VENDE-SE

- Saveiro CS Trend 1.6, ano 2012/13, prata, completa R\$ 28.000,00.

Tratar com Júnior pelo telefone (16) 9 9179-7585.

VENDEM-SE

- 11 vacas paridas, de primeira e segunda cria; grau de sangue 3/4 Holandês, inseminação de touro Europeu;

- 3 novilhas prenhas de inseminação e uma novilha para inseminar.

Tratar com José Gonçalo da Freiria pelo telefone: (16) 9 9996-7262.

VENDEM-SE

- Carreta reboque (Julietta) de 02 eixos, com tanque de Fibra para Vinhaça de 20.000 litros;

- Carreta reboque (Julieta) de 03 eixos, para cana inteira.

Tratar com Roberto no fone (16) 9 9172-8705.

VENDE-SE

- Uma novilha SENEPOL-P.O, embriões vitrificados de renomados plantéis.

Tratar: com Henrique Serrana-SP, pelos telefones (63) 9 9916-4015 ou (63) 9 9206-7445.

VENDE-SE

- Chácara de 2.7 ha na cidade de Descalvado, a 1 km da cidade. Possui uma casa sede muito boa, barracão para festa com área de churrasqueira para 100 pessoas, quiosque, tanque de peixes, cocheiras para cavalos, estábulo para gado, pocilgas, pomar de frutas já formado e piquete de cana-de-açúcar para trato do gado.

Tratar com João Souza pelo telefone (19) 9 9434-0750.

VENDE-SE

- Área de 12.902,00 m², sendo aproximadamente 800m² de construção, de frente para a Rodovia Armando de Salles Oliveira, em Sertãozinho-SP, com estacionamento asfaltado, escritório com recepção, 8 salas, 4 banheiros, cozinha, barracão e lavador com rampa para veículos. Ótimas condições de pagamento.

Tratar com Júnior pelo telefone (16) 9 9179 7585.

VENDEM-SE

- Fábrica de ração para grande confinamento de bovinos e/ou de vacas leiteiras, em regular estado de funcionamento, R\$ 22.500,00;

- Transformador trifásico de 15 kva, R\$ 2.200,00;

- Forrageira com motor elétrico em bom estado de conservação e funcionamento, R\$ 2.000,00.

Tratar com Ademar Ferreira de Paula pelo telefone (16) 9 9203-2115 ou a_ fpaula@yahoo.com.br.

VENDEM-SE

- 22 hectares de reserva cerrado pronto para averbação, com cadastro ambiental rural, laudo do bioma cerrado, terminando o gel, localização Cajuru – SP, R\$ 16.000,00 por hectare;

- Sítio de 11,5 alqueires, localização Cajuru-SP/Cássia dos Coqueiros-SP, topografia plana, montado casa, curral, energia, rica em água, 3 represas, ordenha montada, pronto para pecuária, R\$ 1.100.000,00.

Tratar com Paulo ou Murilo pelo telefone (16) 9 9139-6207.

VENDEM-SE

- Moto Honda, Falcon NX400, 2008;
- Ensiladeira Menta modelo Robust Quattro, 2004;

- Plantadeira Jumil, J2s, 1992, com 3 linhas.

Aceito troca por gado de leite.

Tratar com Alex pelo telefone (16) 99136-6858.

VENDE-SE

- Plantadora de grãos Jumil 2800, 8 linhas, plantio convencional, R\$ 6.000,00.

Tratar com André pelo telefone (16) 9 9614-4488.

VENDEM-SE

-Varredura de adubo (08-10-10), excelente qualidade e com menos impurezas, produto + frete, pagamento à vista. Aplica-se com esparramadeira;

- Prédio comercial em área nobre, Av. Independência, Alto da Boa Vista, Ribeirão Preto, alugado para comércio, 700 m² AC, R\$ 3.850.000,00, aceita-se imóveis como permuta. Particular para particular. Descartam-se corretores.

Tratar com Paulo (16) 9 9609-4546 ou 9 9395-1262.

VENDE-SE

- Ford Ranger, 2010, modelo XL, diesel, cabine dupla, branca em bom estado de conservação e 93.000 km, R\$ 46.000,00.

Tratar com Gilberto Bonacin pelos

telefones: (16) 3954-1633 ou (16) 9 8155-8381.

VENDE-SE

- Silverado 6cc, diesel, preta, ar-condicionado, direção hidráulica, trava elétrica e alarme, acompanha dois jogos de rodas, sendo um aro 20 e outra aro 15. Documentos de 2016 pagos.

Tratar com Waldemar ou Ciro, pelos telefones (17) 9 8102-1947 ou (17) 9 9143-8385, e e-mail ciroadame@gmail.com

VENDE-SE

- Apartamento no empreendimento Les Alpes da construtora Copema, em Ribeirão Preto, no bairro Saint Gerárd. Área de 140 m², 3 suítes e 2 vagas na garagem.

Tratar pelo telefone (16) 9 9630-1148 com Tatiana.

VENDE-SE

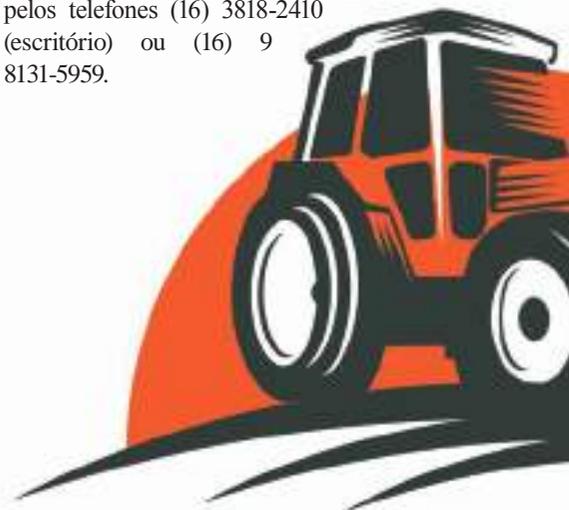
- Área de mata fechada, três alqueires e uma quarta, Estado de Minas Gerais, entre São Tomás de Aquino e Capetinga, bairro dos Pereiras. Valor a combinar.

Tratar Janaína Oliveira Andrade (35) 3543-2007 ou José Antônio Oliveira (35) 9 9833-8727.

VENDEM-SE

- Ovinos, liquidação de Plantel, criador há 15 anos: ovelhas, borregas, filhotes e reprodutores.

Tratar com Paulo Geraldo Pimenta pelos telefones (16) 3818-2410 (escritório) ou (16) 9 8131-5959.



VENDEM-SE

- Fazenda com 5.400 hectares, sendo 2.800 hectares plantados em eucaliptos com altitude de 900 metros, localizada em Arcos-MG;

- Fazenda com 1.122 hectares, sendo 750 hectares plantados em eucaliptos, localizada em Itapeva-SP;

- Fazenda com 664 hectares, sendo 535 hectares plantados em eucaliptos, localizada em Itapeva-SP.

Tratar com Arnaldo pelo telefone (16) 9 9351-1818.

VENDEM-SE

- Conjunto completo de equipamento para combate a incêndio, R\$ 35.000,00;

- Patrol - máquina moto niveladora, marca Dresser, modelo 205-c, 1988, revisada, pneus novos, motor novo cummins, em bom estado, R\$ 80.000,00;

- Caminhão Volks 31260, 2006, com carroceria e carreta reboque Facchini de 2 eixos para cana inteira, em bom estado.

Tratar com Marcos Aurélio Pinatti pelos telefones (17) 3275-3693 ou (17) 9 9123-1061.

VENDEM-SE

- Sítio de 14 alqueires, com APP e Reserva Legal formadas, excelente para gado (leite e corte) e piscicultura (2 minas com 1 milhão de litros/dia, rio ao fundo e um córrego em um dos lados), em Descalvado/SP;

- Caminhonete C-10, ano 71, bom estado de conservação, gasolina.

Tratar com Luciano pelo telefone (19) 9 9828-3088.

VENDEM-SE

- Tanque de Expansão de 1.200 litros;

- Ordenhadeira, 4 conjuntos;

- Lasca de Aroeira.

Tratar com Milton Garcia Alves pelos telefones (16) 3761-2078 ou (16) 9 9127-8649.

VENDE-SE

- Terreno de 2.000 metros em excelente localização. Ótimo para chácara.

Tratar com Antonio Celso Magro pelo telefone: (16) 9 9211-1916.

VENDEM-SE

- 01 bazuca com capacidade de 6.000 Kg, Maschietto - R\$ 5.000,00;

- 01 Pá-carregadeira, modelo 938 GII, ano 2006, série 0938 GERTB, em bom estado de conservação- R\$ 120.000,00;

- 01 conjunto de irrigação completo com fertirrigação, filtro de areia e gotejador Uniram Flex 2,31 x 0,70m com +- 30 mil metros, sem uso - R\$ 52.000,00;

- 01 lote grande de aroeira com diversas bitolas e comprimentos - R\$ 35.000,00;

- 01 Compressor, modelo ACC115, motor 115 HP/84KW, pressão de trabalho 06 BAR, Fad 350 pés cúbicos por minuto, peso 1950 Kg, acoplado com carreta - R\$ 95.000,00.

Tratar com Furtunato pelos telefones (16) 3242-8540 – 9 9703-3491 ou furtunatomagalhaes@hotmail.com - Prazo a combinar.

VENDEM-SE

- Grade de arrasto, marca Tatu, 16 discos sem pistão - R\$ 2.500,00.

- Caminhão MB 1620, 1998, com carroceria tampa baixa, 10 pneus novos Michelin, geladeira, caixa de cozinha, rodoar e climatizador.

Tratar com Wilson pelo telefone (17) 9 9739-2000 - Viradouro- SP.

VENDEM-SE

- Fazenda no município de Buritizeiro com área de 715 hectares, toda cercada, 200 ha para desmate,

300 ha formados, 2 córregos e uma barragem, casa, curral, energia elétrica a 400 metros (aguardando instalação), propriedade a 6 km de Buritizeiro (Rio São Francisco). Valor R\$ 4.500.000,00;

- Sítio em Buritizeiro com área de 76,68 hectares, formado, casa e curral, energia elétrica, cercada a 18 km de Buritizeiro (Rio São Francisco). Valor R\$ 250.000,00.

Tratar com Sérgio pelos telefones (16) 9 9323-9643 (Claro), (38) 9 9849-3140 (Vivo) e (16) 3761-5490.

VENDEM-SE

- Fazenda localizada no município de São Roque de Minas, com área de 82,7 hectares, contendo: Casa antiga grande, energia elétrica, queijeira, curral coberto, aproximadamente 20.000 pés de café em produção, água por gravidade, 3 cachoeiras dentro da propriedade, vista panorâmica do parque da serra da canastra;

- Eliminador de soqueira usado e em bom estado.

Tratar com José Antônio pelo telefone (16) 9 9177-0129.

VENDEM-SE

- Palanques de Aroeira;
- Madeiramento, Vigas, Pranchas, Tábuas, Porteiras, Mourões e Costaneiras até 3 metros.

Tratar com Edvaldo pelos telefones (16) 9 9172-4419 (16) 3954-5934 ou madeirairuralista@hotmail.com

VENDEM-SE

- Kombi/09, branca, flex, STD, 9 passageiros, único dono 135.000 km, perfeito estado de conservação;

- Camioneta Silverado 97/98, prata, banco de couro, diesel, único dono, bom estado de conservação;

- F.4000 91/92, prata, segundo dono, MWM, funilaria, pintura e carroceria reformadas, mecânica em ordem.

Tratar com Mauro Bueno pelos telefones (16) 3729-2790 ou (16) 9 8124-1333.



VENDE-SE

- Chácara com 2.242 m², na região de Ribeirão Preto, casa com 3 quartos, 1 sala de estar e 1 sala de jantar, cozinha, 1 banheiro interno e 1 externo, área externa com piscina, murada e com pomar.

Tratar com Alcides ou Patrícia pelos telefones (16) 9 9123-5702 ou 9 9631-8879.

VENDE-SE

- Sítio em Cajuru, 3 alqueires formados em pasto, 2 casas, represa e outras benfeitorias.

Tratar com Carlos pelo telefone (16) 9 9264-4470.

VENDE-SE

- Sítio com 13 alqueires, localizado na Vicinal Vitor Gaia Puoli - Km 2, em Descalvado-SP, em área de expansão urbana, com nascente, rio, energia elétrica, rede de esgoto e asfalto.

Tratar com o proprietário - Gustavo F. Mantovani pelos telefones (19) 3583-4173 e (19) 9 9767-3990.

VENDEM-SE

- Caminhão Ford Cargo 5032 E branco, ano/ modelo 2007, com carroceria canavieira marca Galego cana picada, em perfeito estado de conservação;

- Torre para antena com 25 metros;

- Carroceria de ferro de 8 metros para plantio e transporte de cana inteira, marca Galego, 2008;

- 2 rolos compactadores para adaptar em escalficador (sem uso) R\$ 1.000,00, Civemasa;

- 2 pneus seminovos ref.18-4-38

- 12 lonas Pirelli com 2 rodas seminovas (aro e disco) 18-4-38;

- 2 rodas seminovas (aro e disco) ref. 14-9-28;

- Propriedade agrícola de 58 alqueires paulista com 47 alqueires plantados em cana-de-açúcar, sendo a maioria de 2º e 3º corte, a 2 km do asfalto, ótima localização e excelentes benfeitorias na região de Frutal-MG, com distância de 25 km da Usina Coruripe e 40 km da Usina Cerradão;

- Pulverizador Condor 800, bomba

SP100 Jacto, modelo AM14, comando masterflow, 4 vias a cabo, ótimo estado de conservação, aceita-se permuta com áreas maiores ou menores.

Tratar com Marcus ou Nelson pelos telefones (17) 3281-5120, (17) 9 8158-1010 ou (17) 9 8158-0999.

VENDEM-SE

- F 250 XLT L, 2006, prata CS;

- Strada adventure locker, 2010, preta CE;

- Montana Conquest 1.4 2009 completa;

- Corolla GLI, automático, 2014, prata;

- Focus S, 2014, prata;

- D 20, 1987;

- Trator MF 275, 2002.

Tratar com: Diogo (19) 9 9213-6928, Daniel (19) 9 9208-3676 e Pedro (19) 9 9280-9392.

VENDEM-SE

- Caminhão VW 26310, ano 2004 - canavieiro 6x4, cana picada - Rodoviária;

- Carreta de dois eixos, cana picada - Rondon.

Tratar com João pelos telefones: (17) 3281-1359 ou (17) 9 9736-3118.

VENDE-SE

- Gleba de terras sem benfeitorias (30 alqueires), boas águas, arrendamento de cana com Usina ABENGOA (Pirassununga). Localizada no município de Tambaú-SP (Fazenda família Sobreira).

Tratar com proprietário em Ribeirão Preto pelos telefones: (16) 3630-2281 ou (16) 3635-5440.

VENDEM-SE

- Sítio Arlindo - município de Olímpia, área de 12 alqueires, casa de sede, área de churrasco (100 m²), casa de funcionário reformada, pomar e árvores ao redor da sede, 4 alqueires de mata nativa de médio/grande porte, terras de "bacuri" (indicador de terras muito férteis). Rede elétrica nova, divisa com fazenda Baculerê, distância de 25 Km de Olímpia;

- Carreta tipo Been, cor laranja, para 8 toneladas, muito prática e resistente, se autocarrega e descarrega em caminhões. Tempo de descarregamento 23 minutos, trabalha com baixa velocidade na esteira, mas grande eficiência.

Tratar com David pelo telefone: (17) 9 8115-6239.

VENDEM-SE

- Fazenda com 48 alqueirões, no município de Carneirinho - MG, localizada muito próxima da rodovia asfaltada. Ótimo aproveitamento para plantio de cana, seringueira e/ou pastagens. Preço: R\$ 70.000,00/alqueirão;

- Imóvel sobradado em Ribeirão Preto - SP, localizado na Av. Plínio de Castro Prado, com salão e WC privativos, sacada, 03 dormitórios, sendo uma suíte, armários embutidos, banheiro social, sala, sala de jantar, jardim de inverno, cozinha com armários, área de serviço, quarto com estante em alvenaria, WC, despensa, varanda coberta, ótima área externa.

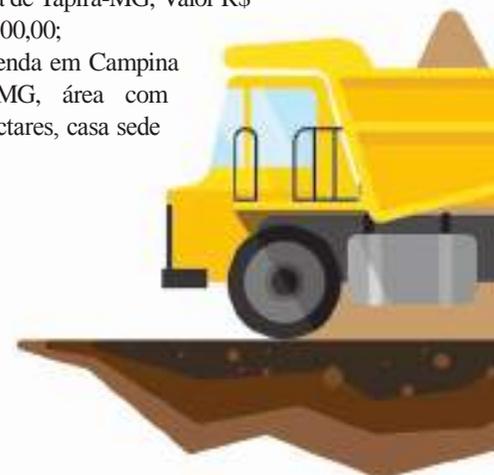
Excelente ponto comercial. Área construída: 270 m².

Tratar com Marina e Ailton pelos telefones (17) 9 9656-3637 e (16) 9 9134-8033 - Marina ou (17) 9 9656-2210 - Ailton.

VENDEM-SE

- Fazenda em São Roque de Minas-MG, área com 380 hectares, casa sede, casa de caseiro, curral, cercas novas, represa, varias nascentes, cachoeira, divisa com a Serra da canastra, 28 km de estrada de terra de Tapira-MG, Valor R\$ 3.800.000,00;

- Fazenda em Campina Verde-MG, área com 242 hectares, casa sede



nova, casa de caseiro, curral, barracão, 9 divisões de pasto/cerca nova, 10 km de cerca de choque, 3 nascentes, represa, 11 km do asfalto, 15 km da cidade sendo 11km de terra e 4km de asfalto, terra vermelha sem cascalho, topografia plana, documentação: CAR/GEO/RESERVA LEGAL OK. Estuda permuta;

- Fazenda em Andrelândia-MG, área com 320 hectares, casa sede, casa de caseiro, curral, tronco e balança Coimma, 3 galpões de implemento, área para cultivo de café, com estrutura para manuseio, 5 divisões de pasto com bebedouro e cocho, 2 represas, 3 lagoas naturais, 6 minas D'água, 1,5 hectare de eucalipto, 1 hectare de capim e cana, 20% reserva;

- Fazenda em Castelo dos Sonhos-PA, área - 2.600 alqueires, área aberta - 1.400 alqueires, casa sede, 3 casa de caseiro, 2 currais com brete e balança, 1 barracão de 10x30, 2 transformadores, telefone, represas naturais nos pastos, Rio Curuá no fundo, várias divisões de pasto com corredor, cerca 5 fios de arame liso, cocho coberto em todos os pastos, topografia plana, solo vermelho e misto, beira do asfalto BR-163, 20 km da cidade, 300 km do frigorífico Redentor-MT, 200 km do frigorífico Redentor-PA, Estuda permuta;

- Fazenda em Cajuru-SP, área com 30 alqueires, 20 alqueires em cana, casa de caseiro, curral, 10 km de Cajuru sendo 4 km de terra, 6 de asfalto;

- Fazenda em Cajuru-SP, área com 113 alqueires, 86 alqueires em cana, arrendamento 4.200 toneladas ano, casa sede, casas de caseiro, curral 12 km de Cajuru;

- Fazenda em Cravinhos-SP, área com 50 alqueires, 42

alqueires em cana, arrendamento 65 toneladas por alqueire, 10 km da Usina, R\$ 135.000,00 por alqueire;

- Fazenda em Carmo da Cachoeira-MG, área com 464 hectares, área de café 222 hectares, 870 mil pés de café (altura referente ao nível do mar: mínima de 980 metros e máxima de 1.050 metros), certificada por Certifica Minas-Licenciada e autorizada pela R.F.U como exportadora de café, casa sede, casa de administrador, 7 casas de colono, 5 barracões de armazenamento, 2 barracões de implemento, 1 galpão de beneficio e rebeneficio 450m², 1 oficina completa, posto de abastecimento (Diesel), 1 reservatório de água de 1 milhão de litros, 2 lavadores.

Tratar com Paulo Sordi, Fábio Valente e Miguel Lima pelos telefones (16) 99290-0243, 3911-9970, (16) 99184-7050, (16) 99312-1441.

VENDEM-SE

- Trator 4283, 4x4, 2016, 0 hora;
- Trator 292, 4x4, 2009, 2 mil horas;
- Caminhão Mercedes 1113 truck, graneleiro, 73, vermelho;

- Colhedora de grãos MF 3640, 1990, revisada;

- Plataforma de soja 14 pés, flexível;
- Plataforma de milho 5 linhas;
- Bazuca com capacidade de 6 mil kg;
- Bazuca com capacidade de 8 mil kg;
- Distribuidor de adubo, 4 caixas, com disco TATU;

- Distribuidor de adubo, 4 caixas, com disco Baldan;

- Grade niveladora 3620, com controle remoto Baldan;

- Terracedor 18 discos, com controle remoto TATU.

Tratar com Saulo Gomes pelo telefone (17) 9 9117-0767.

VENDEM-SE

- VW 13190/13 worker 4x2 chassi;
- VW 26260/12 pipa bombeiro;
- VW 26260/12 transbordo;
- VW 26260/12 calda pronta;
- VW 26260/11 munk prancha;
- VW 31320/10 pipa bombeiro;

- VW 15180/11 const.4x2 chassi;
- VW 15180/11 baú oficina;
- VW 15180/08 boiadeiro;
- VW 15180/02 baú oficina;
- MB 2729/14 betoneira;
- MB 1718/12 4x2 chassi;
- MB 1725/09 4x4 abastecimento;
- MB 1725/06 4x4 comboio;
- MB 1725/06 4x4 chassi;
- MB 2423/04 pipa bombeiro;
- MB 2318/99 6x4 chassi;
- MB 2318/96 6x4 chassi;
- MB 1418/96 4x4 chassi;
- MB 2325/92 pipa bombeiro;
- MB 2314/91 pipa bombeiro;
- MB 2217/90 munk carroceria;
- MB 2220/88 pipa bombeiro;
- MB 2013/83 poly guindastes;
- MB 1513/76 4x2 chassi;
- MB 1113/69 4x2 chassi;
- F Cargo 1719/13 4x2 chassi;
- F12000/95 pipa bombeiro;
- Prancha 3 eixos/08;
- Hincol 43, 2012;
- Argos 20.5, 2010;
- TKA 21.7, 2011;
- Masal 12.5, 2007;
- Caçamba truck 10m³;
- Caçamba toco 5m³;
- Tanque de Fibra 15.000 litros;
- Caixa de transferência MB 2217/2318;
- Baú 7.60;
- Baú oficina 4.60;
- Baú oficina 6.00, novo.
Tratar com Alexandre pelos telefones: (16) 3945-1250 / 9 9766-9243 (Oi) / 9 9240-2323 Claro, whatsApp.

VENDEM-SE

- Trator Valtra BM, 100, 4x4, 2004;
- Trator Valtra BH, 180, 4x4;
- Trator Valtra BM, 110, 4x4;
- Trator Massey Ferguson, 265, 4x2;
- Trator Massey Ferguson, 290, 4x2;
- Trator Ford, 4610, 4x2;
- Trator Ford, 6610, 4x2;
- Tanque de chapa para água de 3.500 litros;
- Caminhão D-60, 77, motor Perkins, com direção hidráulica e carroceria de madeira;
- Plantadeira Semeato, 3 linhas;

- Chorumeira de 4 mil litros, Fertillance;
- Arado Aiveca, 4 hastes;
- Arado 3 bacias;
- Grade niveladora, 20x20 de arrasto;
- Grade intermediária, Tatu, 18x28, espessura 270mm;
- Enleirador de palha DMB;
- Kit's de amendoim;
- Sulcador DMB.
Tratar com Waldemar pelos telefones (16) 9 9326-0920.

VENDEM-SE OU TROCAM-SE

- Ford Ranger 3.0, Diesel, 2011, CD. 4x4 vende-se ou troca-se por trator de médio porte, com opção de voltar a diferença;
- Trator New holland TT 4030, ano 2012, com 3600 horas (ou troca-se por trator de médio porte ou cabinado);
Tratar com Raul pelos telefones (34) 9 9972-3073 CTBC, (34) 9 9935-7184 Vivo, (34) 9 8408-0328 Claro.

VENDE-SE OU ALUGA-SE

- Salão medindo 11,00 metros de frente por 42,00 metros de fundo, 462 metros, possui cobertura metálica com 368,10 metros, localizado à Rua Carlos Gomes, 1872, Centro, Sertãozinho-SP. Preço a combinar.
Tratar com César pelo telefone (16) 9 9197-7086.

VENDEM-SE OU PERMUTAM-SE

- Bezerras, crias de inseminação artificial, filhos de touros como Wildman THOR (3/4-Alta),

GARIMPO Boss (3/4-Alta), CHARMOSO Wildman Tannus (3/4-Alta), IMPERADOR BAXTER (5/8-Alta), AXXOR Avalon (5/8-Alta), Gillette JORDAN (Ho/Semex), Gillette JERRICK (Ho/Semex), Willsey KESWICK (Ho/Semex), STEADY (Ho/Semex), ARISTEU (3/4-Semex), para serem, quando adultos, reprodutores em gados leiteiros.

Em caso de permuta, aceitamos novilhas e/ou vacas.

Tratar com Marina e Ailton pelos telefones: (17) 9 9656-3637 e (16) 9 9134-8033 - Marina ou (17) 9 9656-2210 - Ailton.

ALUGA-SE

- Estrutura de confinamento com capacidade para 650 cabeças com: 1 vagão forrageiro + 1 carreta 4 rodas + 1 carreta 2 rodas, 1 ensiladeira JF90, 1 trator 292 + 1 trator Ford 5610, 1 misturador de ração, 3 silos trincheiras de porte médio, sendo uma grande possibilidade de área para produção de silagem com irrigação ao redor de 30 ha, Jaboticabal-SP, a 2 km da cidade.

Tratar com Luiz Hamilton Montans pelo telefone (016) 9 8125-0184.

ARRENDAM-SE

- Terras e, se for necessário, há a possibilidade de residir na propriedade.

Tratar com Patrícia da Silva Custodio de Viradouro-SP, pelo telefone (17) 9 9116-3185.

ARRENDAR-SE

- Propriedade com 55 hectares, toda plantada em cana de açúcar, 2º corte, próximo de usina, na região de Frutal-MG, terra de primeira qualidade.
Tratar com Marcus ou Nelson pelos telefones (17) 3281-5120, (17) 9 8158-1010 ou (17) 9 8158-0999.

PROCURAM-SE

- Glebas de Cerrado em pé, no Estado de São Paulo, para reposição ambiental. Não pode ser mata. Área total da procura: Cinco mil hectares, podendo ser composta por várias áreas menores. Documentação atualizada, com: CCIR/CAR/Certificação de (Georreferenciamento), mapa do perímetro da área em KMZ e Autocad/Bioma/vegetação.

Valor por hectare, condição de pagamento e opção de venda.

Tratar com Ricardo Pereira pelo e-mail e telefone - ricardo@fabricacivil.com.br - (16) 9 8121-1298.

VENDE-SE OU PERMUTA-SE

- Fazenda 2.105 hectares, Bonópolis - GO (toda formada) Geo/Car em dia, 1600 hectares próprio para agricultura, plaina, boa de água, 4 km margem GO 443, vários secadores/recepção de grãos (50 km). A região é nova na agricultura (1 milhão de sacas de soja), mas está em plena expansão e é própria para integração lavoura/pecuária.

Tratar/fotos com Maria José (16) 9 9776-1763 - Whats (16) 9 8220-9761. 

- A Revista Canavieiros não se responsabiliza pelos anúncios constantes em nosso Classificados, que são de responsabilidade exclusiva de cada anunciante. Cabe ao consumidor assegurar-se de que o negócio é idôneo antes de realizar qualquer transação.
- A Revista Canavieiros não realiza intermediação das vendas e compras, trocas ou qualquer tipo de transação feita pelos leitores, tratando-se de serviço exclusivamente de disponibilização de mídia para divulgação. A transação é feita diretamente entre as partes interessadas.

Opera[®]

A energia para potencializar a sua cana.

0800 0192 500

 facebook.com/BASFAgroBrasil

www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use exclusivamente e rigorosamente as instruções contidas no rótulo na embalagem original. Utilizar sempre o equipamento de proteção individual. Nunca permitir a utilização do produto por pessoas de idade

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENHA SOB REGISTRO
AGROFARMACO



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA Opera[®] nº 08601.

Opera[®], o fungicida para a maior produtividade da cana-de-açúcar.

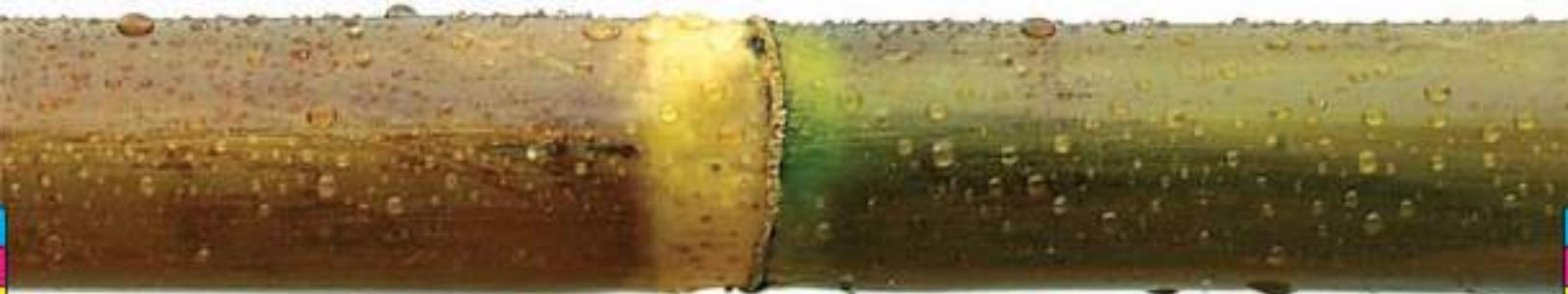
- Mais biomassa e mais vigor.
- Alta eficiência no controle de importantes ferrugens.
- Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence[®]

 **BASF**
We create chemistry



Na teoria
 todos são bons
 Na prática
 só Evidence é Flex

Evidence



- Ação sistêmica.
- Prolongado período de proteção.
- Classe Toxicológica IV - faixa verde.
- Maior incremento de produtividade.
- Baixo impacto para inimigos naturais.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Evite contato com a pele e utilização do produto por meios de vento.

CONSULTE SEMPRE UM
 ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
 VENHA SOB RECEITUÁRIO
 AGRÔNOMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
 Desacete totalmente as armadilhas e redes de produtos.
 Use exclusivamente agrícola.

agro.bayer.com.br 0800 011 5580



Se é Bayer, é bom